

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

LEONARDO HENRIQUE DOS SANTOS



LITERATURA E RELIGIÃO: UM ESTUDO DO SERMÃO DE SANTO ANTÔNIO  
AOS PEIXES DO PADRE ANTÔNIO VIEIRA

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 31/07/2017.

VITÓRIA- ES  
2017

LEONARDO HENRIQUE DOS SANTOS

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 31/07/2017.



LITERATURA E RELIGIÃO: UM ESTUDO DO SERMÃO DE SANTO ANTÔNIO  
AOS PEIXES DO PADRE ANTÔNIO VIEIRA

Trabalho final de Mestrado profissional para  
obtenção de grau de Mestre em Ciências das  
Religiões Faculdade Unida de Vitória.  
Programa de Pós-graduação em Ciências da  
Religiões.  
Linha de pesquisa: Análise do discurso religioso

Orientador: Dr. José Adriano Filho

VITÓRIA- ES  
2017

Santos, Leonardo Henrique dos

Literatura e religião / Uma estudos do sermão de Santo Antônio aos peixes do padre Antônio Vieira / Leonardo Henrique dos Santos. – Vitória: UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2017.

ix, 89 f. ; 31 cm.

Orientador: José Adriano Filho

Dissertação (mestrado) – UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2017.

Referências bibliográficas: f. 87-89

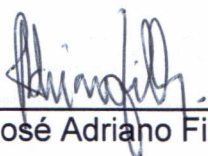
1. Ciências das religiões. 2. Discurso religioso. 3. Antônio Vieira. 4. Sermão de Santo Antônio. 5. Mensagem. 6. Literatura. - Tese. I. Leonardo Henrique dos Santos. II. Faculdade Unida de Vitória, 2017. III. Título.

LEONARDO HENRIQUE DOS SANTOS

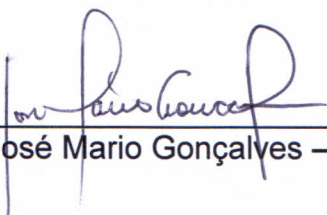
LITERATURA E RELIGIÃO: UM ESTUDO DO SERMÃO DE SANTO ANTONIO  
AOS PEIXES, DO PADRE ANTONIO VIEIRA

PPGCR  
Faculdade Unida de Vitória

Dissertação para obtenção do grau  
de Mestre em Ciências das  
Religiões no Programa de Mestrado  
Profissional em Ciências das  
Religiões da Faculdade Unida de  
Vitória.



Doutor José Adriano Filho – UNIDA (presidente)



Doutor José Mario Gonçalves – UNIDA



Doutora Eliana Crispim/França Luquetti – UENF

## AGRADECIMENTOS

Quero utilizar esse espaço para prestar meus agradecimentos aquelas pessoas que fazem e passaram a fazer parte da minha vida nesta caminhada.

Em primeiro lugar, a Deus, dono de toda sabedoria e conhecimento. O que sempre me dá forças para continhas a caminhada por mais difícil que seja. Sem Ele jamais chegaria onde cheguei.

Também quero expressar gratidão a minha amiga e fiel companheira Fernanda Santos, que foi o anjo que Deus colocou em minha vida. Dizem que por traz de um grande homem sempre tem uma grande mulher; eu não sou um grande homem, mas tenho uma grande mulher. Ela é a pessoa mais importante da minha vida, sem ela a caminhada seria impossível.

A minha família representada nas pessoas da Minha mãe Rozeli, e minha avó Clarione.

Ao meu grande amigo e irmão, Antônio Carlos Paixão de Melo, pelo incentivo e por ter me mostrado que o estudo é a melhor caminho a percorrer e conseguir mudar um pouco a história da nossa vida.

E por último, não menos importante, não poderia deixar de agradecer aquele que foi e é minha grande inspiração: meu orientador, Dr. José Adriano Filho, que me ensinou a buscar o conhecimento e tê-lo como prioridade. Na primeira vez que ouvi ministrando aula fiquei maravilhado com seu conhecimento e com sua sabedoria. Agradeço pela paciência, ajuda, generosidade e humildade.



Ó profundidade das riquezas, tanto da sabedoria, como da ciência de Deus!  
Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis os seus caminhos!  
Por que quem compreendeu a mente do Senhor? Ou quem foi seu conselheiro?  
Ou quem lhe deu primeiro a ele, para que lhe seja recompensado?  
Porque dele e por ele, e para ele, são todas as coisas; glória, pois, a ele  
eternamente. Amém  
Romanos 11: 33-36

## RESUMO

A pesquisa analisa a mensagem do Sermão de Santo Antônio aos Peixes do Padre Antônio Vieira, pregado em 1654, em São Luiz do Maranhão, três dias antes de embarcar ocultamente para Portugal. Recorremos a autores renomados como Alcir Pécora e Anibal Pinto de Castro, estes tratam do gênero sermão e sua estrutura. Margarida Basílio Mendes e Alfredo Bosi tratam da crítica e sua literalidade, sendo que aquela é o maior nome de estudos sobre Vieira em Portugal. Também observamos nomes como Jorge Miguel, o historiador Ronaldo Vainfas e João Adolfo Hansen tratam especificamente do conteúdo do sermão analisado. Considerando que o objetivo de Vieira não foi, necessariamente, fazer literatura, mas sim pregar a fé cristã, temos como objetivo dessa pesquisa discutir de que forma, Vieira, lançando mão da linguagem literária transmitiu a sua mensagem. Para tanto, procede-se um estudo bibliográfico, usando-se como método de pesquisa a análise de textos do próprio sermão. Analisamos que os recursos que ele utilizou para propagar a sua mensagem foi a linguagem literária, por esse motivo, os seus sermões também são estudados nessa área de conhecimento. E para entendermos a mensagem no presente sermão, fazemos uma análise seguindo os seguintes percursos: mapear o sermão jesuíta, bem como sua estrutura e as técnicas utilizadas em cada parte e analisar a linguagem literária e os motivos pelos quais o seu texto é considerado parte das literaturas brasileira e portuguesa. Sendo assim, chegando a análise da mensagem através desses caminhos percorridos e o impacto que a mesma causou no contexto histórico que Vieira estava inserido. Desse modo, observar-se que a mensagem proferida por Vieira causou um impacto em seu contexto.

Palavras-chave: Antônio Vieira, literatura, mensagem.

## ABSTRACT

This research looks into the message of the Sermon of Saint Anthony to the Fish by father Antônio Vieira, which was preached in 1654 in São Luiz do Maranhão three days before he embarked secretly on a ship to Portugal. This work refers to renowned authors such as Alcir Pécora and Anibal Pinto de Castro, all of whom address the genre sermon and its structure. Margarida Basílio Mendes and Alfredo Bosi address review and literality, with the first one being the top name on studies about Vieira in Portugal. It is also noted names such as Jorge Miguel, historian Ronaldo Vainfas and João Adolfo Hansen who particularly address the contents of the sermon analyzed. Considering that Vieira's goal was not necessarily read, but actually preach about the Christian faith, so this research aims to discuss what ways, resorting to literary language, Vieira conveyed his message. Therefore, a bibliographic study is carried out based on the analyses of the sermon passages as a research method. During the investigation, it was found that he used literary language to spread his message. For that reason, his sermons are also studied in this area of expertise. In order to understand the message of the cited sermon, an analysis should be carried out as follows: map the Jesuit sermon as well as its structure and the techniques used in each passage, and look into the literary language and the reasons why its text is considered part of both Brazilian and Portuguese literature. As a result, this study gets to the core of the message through this process and to the impact that it caused in the historical context in which Vieira was part of. Consequently, it is noted that the message uttered by Vieira, indeed, affected the historical context in which he was.

Keywords: Antônio Vieira, literature, message



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1 O SERMÃO JESUÍTA.....	14
1.1 A estrutura básica do sermão.....	15
1.1.1 Tema.....	17
1.1.2 Texto.....	18
1.1.3 Proposição.....	20
1.1.4 Exórdio.....	23
1.1.5 Narração.....	28
1.1.6 Peroração.....	32
2. A LINGUAGEM LITERÁRIA DO SERMÃO DE VIEIRA.....	37
2.1 A linguagem literária na mensagem de Vieira.....	41
2.2. Características da linguagem literária no sermão de Vieira.....	42
2.2.1 Variabilidade.....	42
2.2.2 Multissignificação.....	43
2.2.3 Trabalho estilístico.....	44
2.2.4 Cronotopia.....	45
2.2.5 Outras características literárias.....	46
2.2.6 Alegoria.....	48
3 A MENSAGEM DO SERMÃO.....	58
3.1 O fato de ser a época barroca no Brasil.....	58
3.2 Considerado um clássico da Literatura brasileira.....	61
3.3 Atemporal.....	64
3.4 A mensagem e o contexto histórico do “Sermão de Santo Antônio aos Peixes”.....	65
CONCLUSÃO.....	81
REFERÊNCIAS.....	84
ANEXO.....	87

## INTRODUÇÃO

Os temas *literatura e religião* - assuntos entrelaçados no *Sermão de Santo Antônio aos Peixes*, pregado pelo Padre Antonio Vieira – são um tanto desafiadores pelo fato de serem atuais e amplos. Se estudá-los em cada área, separadamente, já nos desafia, fazê-lo unindo esses dois campos do saber configura-se um universo a ser descoberto. A partir destes dois temas – *literatura e religião* - percebemos o impacto da mensagem de Vieira no referido sermão, tendo em vista que o seu discurso, ainda que religioso, foi marcado por uma linguagem literária.

O que originou essa pesquisa foi a possibilidade de ter cursado as disciplinas de Ciências das Religiões com o Doutor José Adriano e Análise do discurso religioso com Doutor Kenner Roger. Acrescenta-se também que ter contato com os livros de Literatura portuguesa e brasileira fortaleceram essa busca. Vale salientar que uma das coisas que também motivou foi o fato de ter ficado impressionado com a quantidade de sermões escritos e uma inquietação com o fato deles serem considerados como parte tanto da literatura brasileira quanto a portuguesa, contendo uma relevância literária, religiosa e social.

Sabemos que o propósito principal do Padre Antônio Vieira, também chamado de Grande Sacerdote, enquanto esteve a serviço da Igreja Católica, mais precisamente na Companhia de Jesus<sup>1</sup>, ordem religiosa que seguia, foi de catequizar, ou seja, transmitir um conteúdo religioso. Também sabemos que ele utilizava a Bíblia como sua fonte de estudos para atestar o que fazia, falava e pensava. Não foi diferente com o *Sermão de Santo Antônio aos Peixes*, objeto deste nosso trabalho. Era da Palavra de Deus - que deveria ser a verdade absoluta - de onde tirava todos os argumentos para incentivar o povo a tomar atitudes em relação à opressão, à escravidão e ao monopólio dos colonos sobre os indígenas.

De início, é bom destacar que os escritos do Padre Vieira foram considerados como parte da literatura brasileira por seu estilo clássico, belíssimo, rico em detalhes, segundo Cláudia Assad Álvares, doutora em Filologia e Língua Portuguesa<sup>2</sup>. O religioso fala de um modo que não há quem não fique admirado – daí o adjetivo, isto é, pela originalidade e pureza

---

<sup>1</sup> A Companhia de Jesus foi criada por Inácio de Loyola, cavaleiro da Espanha no século XVI, ao transcorrer do ano de 1534. Objetivando como principal razão de sua criação, o combate contra o movimento protestante, utilizando como método o ensinamento religioso especialmente preparado para tal finalidade. Os aristocratas europeus e o catolicismo romano, estavam cada vez mais preocupados com o crescimento forte e influente do protestantismo reformista, ou da Reforma Protestante, mais comumente conhecida. FARIA, Vanderlei Raimundo. A companhia de Jesus. Disponível em: <<http://www.historiabrasileira.com/brasil-colonia/companhia-de-jesus>>. Acesso em: 01 maio. 2017.

<sup>2</sup> ALVARES, Cláudia Assad. O discurso paradoxal de Vieira no sermão Pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda. Disponível em: <<http://www.dialogarts.uerj.br/monografias/Vieira.Claudia.Assad.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2017.

de língua. Desse modo, não podemos deixar de fora tal contribuição para nossa literatura. É indiscutível que seus escritos, a despeito de seu teor religioso, causaram impacto para nossa literatura. Esdras Mendes, em sua dissertação sobre o discurso vieiriano, declara:

Além disso, em se tratando da relação com a literatura brasileira, é importante estudar Vieira pela ligação das suas obras com a literatura brasileira; mesmo porque, ele é considerado um escritor luso-brasileiro. Muitos dos seus sermões enfocam assuntos do Brasil como: ‘O Sermão de Santo Antonio aos peixes’, pregado no Maranhão, e ‘O Sermão pelo Bom Sucesso das Armas de Portugal contra as de Holanda’, pregado na Bahia no ano de 1640, dentre outros. Assim sendo, considera-se importante o estudo da obra de Antônio Vieira, como uma forma de evidenciar essa ligação da literatura brasileira com a literatura portuguesa e, portanto, fazer um retorno às origens da cultura brasileira, em busca da nossa identidade<sup>3</sup>.

No *Sermão de Santo Antônio aos Peixes*, documento que iremos analisar nesta dissertação, Vieira volta-se para os peixes como forma de protesto contra os moradores do Maranhão, mais precisamente os colonos, na intenção de que eles fossem realmente o sal da terra, ideia que estará presente em todo seu texto. Essa tese a ser defendida por Vieira está explícita, pois ele esperava que os colonos tivessem uma postura de humildade, amor e, acima de tudo, compreensão pelos índios. Entretanto, a primazia ora alcançada pelos desbravadores estava sob ameaça. Os colonos não se rendem ao discurso de Vieira. Eis o motivo que fez que ele afirmasse estar a colônia passando para as mãos dos “hereges”, ao redigir seu sermão. Assim posicionado e por meio de seu sermão, a argumentação do sacerdote procura levar os pregadores a tomarem uma postura e agirem conforme aquilo que pregam, conforme afirmação de Vieira:

Vós, diz Cristo, Senhor nosso, falando com os pregadores, sois o sal da terra: e chama-lhes sal da terra, porque quer que façam na terra o que faz o sal. O efeito do sal é impedir a corrupção; mas quando a terra se vê tão corrupta como está a nossa, havendo tantos nela que têm ofício de sal, qual será, ou qual pode ser a causa desta corrupção? Ou é porque o sal não salga, ou porque a terra se não deixa salgar. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores não pregam a verdadeira doutrina; ou porque a terra se não deixa salgar e os ouvintes, sendo verdadeira a doutrina que lhes dão, a não querem receber. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores dizem uma cousa e fazem outra; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes querem antes imitar o que eles fazem, que fazer o que dizem. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores se pregam a si e não a Cristo; ou porque a terra se não deixa salgar, e os

---

<sup>3</sup> LINHARES, Esdras Mendes. *Padre Vieira, o homem e o discurso. Uma Leitura do Sermão do Bom Ladrão e do Sermão de Santo Antonio aos Peixes*. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2007.

ouvintes, em vez de servir a Cristo, servem a seus apetites. Não é tudo isto verdade? Ainda mal!<sup>4</sup> (...)

E com todas essas reivindicações podemos entender que mesmo valendo-se da Bíblia como pano de fundo do seu discurso contribuiu fortemente para a formação não só da identidade política de um povo, mas também da literatura do país. Seu texto oferece informações por meio das quais é possível sabermos o momento em que o país estava vivendo, as condições sociais em que se encontrava e a tentativa de dominação de outros países em relação à terra. Sua contribuição foi tão significativa que mesmo pregando a Bíblia, estava fazendo literatura. Por isso, Vieira contribuiu para que a literatura nacional fosse o que é hoje. Vale mencionar que esse período e seus sermões estão sendo estudados, ainda nos dias atuais.

Verificamos a mensagem na obra do Padre Antonio Vieira denominada *Sermão de Santo Antônio aos Peixes*. Parte-se da hipótese de que os argumentos que ele utilizou nesse sermão, foi todo alegórico, e que foram decisivos para a vida, a obra e o destino desse jesuíta. A partir do objetivo principal, iremos identificar no gênero *sermão*, como o padre Antônio Vieira - lançando mão dos recursos da retórica - transmitiu a sua mensagem. Também temos como objetivos deste trabalho mostrar como Vieira transmitiu a mensagem religiosa com os recursos literários que possuía. Para isso serão identificadas particularidades da linguagem literária presente na fala de Vieira, e será realizada uma análise do gênero *sermão*, identificando os recursos literários.

Esta pesquisa, de cunho bibliográfico, procura mostrar que o período Barroco teve um nome importante, o qual contribuiu tanto para o fortalecimento da religião como para a formação da literatura: Padre Antônio Vieira. Na medida do possível, e de forma crítica, este estudo visa abranger as contribuições que o padre Antônio Vieira deixou para a formação da Literatura. Para isso estará fundamentada na análise de textos literários e de crítica literária de textos com comentários críticos sobre o *Sermão de Santo Antonio aos Peixes*.

Esta dissertação encontra-se disposta como segue. No primeiro capítulo, apresentamos um estudo detalhado a respeito do gênero *sermão*, usando a estrutura do método português de pregar, conforme mencionou Anibal Pinto de Castro, entrelaçando esse método com o sermão pregado por Vieira. Verificar-se-á quais estratégias foram utilizadas em cada parte do sermão para defender algumas ideias, mapeando com a estrutura do sermão Jesuítico, conforme citado. O sermão é a organização do discurso. Foi por meio dele que Vieira defendeu todas as suas ideias sobre diversos assuntos, seja de cunho religioso, político ou social. Diante disso, quando

---

<sup>4</sup> Vieira, Antônio. *Seleções de Sermões de Padre Antônio Vieira*. São Paulo: Melhoramentos, 2013, p. 7.

analisamos o gênero *sermão*, percebemos a influência e contribuição de Vieira não apenas para a literatura nacional, mas também para o fortalecimento da religião no Brasil. Percebemos, como o jesuíta lutou para que não houvesse desigualdade social.

No capítulo dois, mostramos que para proclamar e construir sua mensagem, Vieira utilizou-se de uma linguagem inteiramente literária. Além de organizar seu discurso usando o método português de pregar, utilizou-se do recurso da literatura para conseguir atingir sua missão. Em decorrência, analisamos os motivos pelos quais o sermão de Vieira foi considerado literatura. Analisaremos também os recursos estilísticos presentes no texto e que dão credibilidade ao discurso proferido por Vieira. Percebemos que o sermão analisado é completamente alegórico e, por ser alegórico, apresenta uma linguagem complexa, porém precisa.

O terceiro capítulo apresenta o contexto histórico, pois não haveria possibilidade de analisar uma mensagem sem situá-la em um contexto histórico. Entendemos, por exemplo, que Vieira respeitou muito mais essa dimensão do que a própria interpretação literal da Bíblia. Perceberemos o que a mensagem de Vieira produziu em sua sociedade, qual impacto teve em sua época e para quem ele se referia em sua mensagem.

Por meio desta pesquisa verificamos o quanto o sermão de Vieira contribuiu para a defesa do império português. Sabemos que o Brasil, bem como a sua literatura apenas se tornam independentes em 1822. A defesa do Brasil ou da América Portuguesa faz parte de um aspecto histórico chamado pacto colonial, que não pretende separar as colônias da metrópole portuguesa, e a situação política vivenciada pelo Padre Vieira tem isso como foco. Alguns questionamentos surgiram durante as leituras realizadas para esta pesquisa: De que forma, Vieira, lançando mão dos recursos da retórica, transmitiu o conteúdo religioso? Como através dos recursos literários da época, Vieira transmite a mensagem religiosa? Como Vieira utilizou os recursos literários da época e como ele transmitiu a sua mensagem no *Sermão de Santo Antônio aos Peixes*?

Recorremos a autores renomados, como Alcir Pécora (2008), Anibal Pinto de Castro (1973)- estes nos ajuda a nos aspectos mais formais do sermão, Antônio Cândido (2000), Alfredo Bosi (2009), José Guilherme Merquior (1996), Margarida Vieira Mendes (1989) – esta é a maior referência para o assunto em questão de oratória, que contribui nesta pesquisa com a crítica e literalidade e João Adolfo Hansen (2015) na mensagem do sermão, além dos comentários dos 30 volumes das suas obras, publicados recentemente no Brasil e em Portugal<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> FRANCO, José Eduardo; CALAFATE, Pedro (orgs.). *Obra Completa. Padre Antonio Vieira*. São Paulo: Loyola, 2013.

Inclui-se, certamente, o próprio Vieira uma vez que é dele o objeto de análise desta pesquisa:  
*Sermão de Santo Antônio aos Peixes.*



## 1 O SERMÃO JESUÍTA

A análise do gênero *sermão*<sup>6</sup> desafia-nos, principalmente, quando se trata de um documento produzido, pensado e pesquisado por aquele que é considerado um dos maiores pregadores jesuítas de todos os tempos: Padre Antônio Vieira. Uma análise de um sermão da atualidade, o qual poderíamos chamar de comum, já é absolutamente desafiadora; tentar fazê-lo tendo como ponto de partida um texto de Vieira torna-se, certamente, ainda mais. Sabemos que esse gênero foi um dos recursos utilizados, senão o principal recurso que Vieira utilizou para levar a mensagem religiosa, ou seja, propagar a fé católica para a sua época. O púlpito era utilizado para propagação da fé e um meio importantíssimo para expandir a religião predominante naquele período: o cristianismo.

Nesse contexto, o sermão não foi só o gênero literário predominante, mas também a base da mais importante cerimônia social do século XVII: a pregação. Através dela, a palavra do orador atingia todas as camadas sociais e, por isso mesmo, o ato de pregar revestia-se de uma importância fundamental. O púlpito transformou-se no último baluarte da liberdade de expressão e a importância atribuída aos sermões, não só na tarefa de educar e regular os comportamentos considerados aceitáveis quer do ponto de vista estritamente religioso, quer social<sup>7</sup>.

O sermão<sup>8</sup> era um ponto forte para divulgar ideias e persuadir todos que o ouviam. E por ser um instrumento fortíssimo, Vieira possuía como ponto forte a oratória e fazia valer desse instrumento para a pregação, tendo em vista o contexto em que vivia. Ele sabia utilizar muito bem esse recurso porque fora preparado pelo colégio jesuíta, que dominava a oratória na época, e por ser um modelo que Vieira dominava muito bem. Ele sabia aproveitar todos os momentos para transmitir suas ideias e atingir o máximo possível de pessoas. Nelson Werneck Sodré afirmou:

O púlpito era o único meio generalizado de difusão do pensamento, órgão exclusivo utilizado na tarefa de divulgar ideias. Do alto do púlpito é que se fazia natural e

<sup>6</sup> A análise que faremos aqui está relacionada, em termos gerais, a estrutura do sermão jesuítico. Não pretendemos aqui, estudar o gênero sermão e como ele se configura, de uma forma mais específica, a toda a estrutura de todos os sermões jesuítas. Iremos nos limitar, mais precisamente na estrutura do sermão de Santo Antônio aos Peixes que também, obedece criteriosamente, a estrutura jesuítica.

<sup>7</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 2002, p. 11.

<sup>8</sup> O sermão é um discurso argumentativo sobre um assunto religioso, proferido do púlpito, privilegiando a segunda pessoa, pois tem o objetivo de persuadir e mover com a adesão do público ouvinte. FERNANDES, Ana Isabel Ledesma. *Retórica e evangelização no sermão de santo antônio aos peixes de padre antônio vieira*. U. Porto, 2012, p. 42.



possível alguém dirigir-se a muitos, e os atos religiosos, que eram os que conseguiam reunir povo, adquiriam por isso uma significação singular<sup>9</sup>.

Por que precisamos analisar o método de Vieira? Quando analisamos o seu sermão<sup>10</sup>, juntamente com as suas técnicas, podemos entender seu pensamento e objetivo, por meio dos quais influenciava aqueles que o ouviam. Entenderemos também que o sermão de Vieira estava ligado a uma estrutura de oratória muito comum na sua época, isto é, a oratória jesuítica. O fato de ele dominar o discurso fez que influenciasse a literatura do período barroco, sendo inserido como estudos literários não só da literatura de Portugal como também da literatura brasileira. Entretanto, quando falamos no método Jesuítico precisamos entender que os jesuítas tinham um dos primeiros métodos de ensino, com um sistema devidamente organizado de um ensino católico, representando um modelo preciso para divulgar a fé cristã não só no Brasil, mas em todo o mundo. Os jesuítas, que aprendiam essa técnica da oratória, incorporavam esses parâmetros para conseguir atingir os seus objetivos. Klein, um dos estudiosos da pedagogia jesuítica, mostra também a importância desse método para o trabalho educativo:

Nesse contexto, a assembleia dos jesuítas reafirmava a importância de se prosseguir o apostolado educativo em instituições escolares, um dos principais trabalhos da Ordem, não obstante certas vozes internas discordantes, admitindo que ele poderia ser exercido de outras maneiras. Seguindo a finalidade primordial da pedagogia jesuítica, 'virtude e letras' ou 'fé e ciência', o trabalho educativo visa fazer dos cristãos homens cultos e comprometidos com o apostolado moderno e propiciar aos não-cristãos, por meio de uma formação humana integral, a orientação para o bem comum e o conhecimento e o amor de Deus ou, pelo menos, dos valores morais e religiosos<sup>11</sup>.

Podemos inserir Vieira como um dos oradores e divulgadores da fé cristã. Além disso, dominava as técnicas da oratória de uma forma indiscutível, fazendo religião e também literatura.

### 1.1 A estrutura básica do sermão

A estrutura básica do gênero sermão que estamos analisando obedece a seguinte organização: tema, proposição, exórdio, narração, confirmação (e confutação) e peroração. Por

<sup>9</sup> SODRÉ, 2002, p. 83.

<sup>10</sup> A obra de António Vieira, sobretudo a sermonária, retrata todas as oposições do século XVII, a oposição entre a ordem e o caos, a atração pelo deleite causado pelas construções engenhosas de vocábulos raros, a intencionalidade em provocar o espanto e a admiração dos leitores e ouvintes pelas ligações de palavras inesperadas pelas aproximações de sentido, pelo recurso ao saber dos clássicos e muito especialmente aos autores latinos. FERNANDES, 2012, p. 37.

<sup>11</sup> KLEIN, Luís Fernando. *Atualidade da pedagogia Jesuítica*. São Paulo: Loyola, 1997, p. 47.



que esse esquema precisava ser seguido? Pelo simples fato de fazer parte da estrutura retórica dos jesuítas e da oratória portuguesa, como podemos ver em seus sermões.

Analisando o gênero *sermão*, sua estrutura e seu formato. O sermão escolhido para análise foi o *Sermão de Santo Antônio aos Peixes* - pregado no estado do Maranhão, na capital São Luís, no dia 13 de junho de 1654, dia de Santo Antônio. Vieira estava de partida para Portugal. O sermão foi elaborado com alegorias. Dirige-se aos peixes, mas na realidade, está falando dos homens.

O primeiro capítulo do sermão coincide com o exórdio e inicia-se com o conceito predicável: ‘*Vos estis sal terrae*’ inspirado em São Mateus (Vós sois o sal da terra). O conceito predicável consiste em figuras ou alegorias pelas quais se pode realizar uma demonstração de fé, ou verdades morais, ou até juízos proféticos<sup>12</sup>.

Sabemos que, de acordo com a arte da pregação, existia um modelo para proferir a mensagem, mais conhecido como *o estilo português de pregar*, no qual Vieira estava inserido. Os jesuítas tinham um modelo certo, criado para que os pregadores pudessem ter um estilo diferenciado de outros, como no caso dos protestantes, para proferir a mensagem religiosa. Portanto, percebemos neste caso que Vieira estava inserido nessa estrutura. Entrelaçando a estrutura do sermão ao manejo que tinha das escrituras, Vieira conseguiu organizar seu discurso para transmitir sua mensagem de uma forma satisfatória e plena, conforme Marcos Antônio Lopes:

Manejando as Sagradas Escrituras como instrumento de persuasão, que concentra o juízo de autoridades incontestáveis, ele manipula acontecimentos do passado, que são apontados como a garantia infalível do que está por vir<sup>13</sup>.

*O Sermão de Santo Antônio aos Peixes* - em análise nesta pesquisa está dividido em seis partes e encontra-se dentro de toda estrutura da oratória jesuítica, pois, em cada parte, percebe-se como Vieira esboçava o seu conteúdo dentro dessa estrutura.

A primeira delas é chamada de exórdio, ou introdução, a qual conclama a todos a entenderem que “Vós sois o sal da terra”. Essa é a tese central que Vieira usará para introduzir sua mensagem. Assim, Antônio Vieira mostra que os pregadores são o sal da terra, sendo que o sal pode ser usado para impedir a corrupção. Contudo, na terra não lhes dão ouvidos, por isso voltam-se para o mar, onde estão os peixes. Há também a invocação da Virgem Maria.

<sup>12</sup> FERNANDES, 2012, p. 44

<sup>13</sup> LOPES, Marcos Antônio. *Antiguidades Modernas. História e política em Antonio Vieira*. São Paulo: Loyola, 2008. p. 55.

Nos capítulos II até o V temos o desenvolvimento do sermão, onde podemos perceber todo desenvolvido na tese principal. Antônio Vieira exalta as qualidades dos peixes, como a obediência, e repreende os vícios, a soberba e o oportunismo. E cita diversos tipos de peixes. As virtudes são descritas nos peixes *Tobias*, *Rémora*, *Torpedo* e *Quatro-Olhos*. Já os defeitos estão nos seguintes peixes: *Roncadores*, *Pegadores*, *Voadores* e *no Polvo*. O principal defeito apontado é a voracidade, já que esses animais devoram uns aos outros, e, pior, os maiores devoram os menores.

O último capítulo é a peroração, ou conclusão, na qual Vieira exalta os peixes que, por sua natureza, não podem ser sacrificados vivos a Deus e sacrificam-se, então, em respeito e reverência. Confessando-se pecador, o orador se despede com uma oração de louvor a Deus).

Segundo Aníbal Pinto de Castro:

A diferença está em que, utilizando este esquema, os futuros pregadores irão desenvolvê-lo recorrendo aos malabarismos da exegese e aos brinquedos vazios do conceito predicável, expresso num estilo que, para bem os utilizar, se comprazia em abusar do complexo e rico manancial oferecido pelas figuras e tropos, de palavras e de sentenças<sup>14</sup>.

Com base na estrutura básica mencionada anteriormente, iremos relacioná-la ao *Sermão de Santo Antônio aos Peixes* e faremos um mapeamento desse gênero para melhor entendimento da estrutura da oratória de Vieira.

### 1.1.1 Tema

Uma marca principal do sermão de Vieira, seguindo o método português dos jesuítas, é o Tema<sup>15</sup>. No caso em análise neste estudo, o tema é a parte interessante do sermão e seu objetivo é chamar a atenção para aquilo que vai ser falado. Ele busca aproximar o ouvinte daquilo que está prestes a ser dito, lançando um tema interessante que leve o ouvinte a se envolver com o assunto principal do sermão. É no tema que Vieira mostra exatamente o propósito do seu discurso. A partir dessa parte, o sermão caminha para uma ponte entre o texto escolhido e o tema. É nele que Vieira mostra para o público e fiéis seguidores e adeptos do cristianismo para onde está caminhando e sobre o que quer refletir com eles.

<sup>14</sup> CASTRO, Aníbal Pinto. *Retórica e Teorização Literária em Portugal*. Do humanismo ao Neoclassicismo. Lisboa: Centro de Estudos Românticos, 1973, p. 107.

<sup>15</sup> Podemos perceber essa divisão em outros sermões de Vieira, como por exemplo o da sexagésima, onde o mesmo também inicia-se com um tema bem expresso. Aníbal Pinto afirmou que “a mesma estrutura das diversas partes que nele hão-de ser consideradas essenciais: o uso do tema...” (1973, p. 107).

O sermão católico atinge o seu auge ao longo do século XVII, segundo Alcir Pécora. A interpretação de acontecimentos atuais passa pela ligação que os pregadores «descobrem» entre os acontecimentos narrados na Bíblia, onde se acredita estar toda a história da humanidade, e o presente. Para quem não conhece bem os textos bíblicos e toda a produção escrita à volta da Sagrada Escritura, muitos acontecimentos atuais podiam parecer misteriosos e sem explicação. No entanto, os pregadores, e daí a grande importância do sermão no século XVII, interpretam esses acontecimentos e explicam que tudo o que acontece já estava contido nos textos bíblicos<sup>16</sup>.

Essa parte permite que o assunto principal não fique apenas na especulação, mas seja interligado com as outras partes, que iremos analisar. Entrelaçado ao tema seguia o texto. Isso era uma tentativa de surpreender o ouvinte. Vieira sempre gostava de surpreender, e como um dos métodos dos sermões jesuíticos era surpreender logo no tema, Vieira se encarregava de fazer isso muito bem, conforme expressou Alcir Pécora:

Quanto aos temas dos sermões, o mesmo levantamento seria necessário o resultado, em qualquer caso, não poderia deixar de surpreender. Antônio Vieira, ao que parece, falou tudo ou quase tudo: generosamente múltiplo parece ser sempre o que se refere a ele ou à sua obra<sup>17</sup>.

Isso mostra exatamente a criatividade que ele tinha para falar de quaisquer assuntos que fossem pertinentes ao que iria trabalhar com o auditório. Por ele conseguir dominar o método jesuítico, era mais tranquilo apresentar o tema criativo para surpreender os seus ouvintes e, conseqüentemente, atingir o objetivo proposto pelo tema e acompanhado pelo texto base.

### 1.1.2 *Texto*

O texto utilizado no sermão foi o de Mateus 5. 13 que diz: “Vós sois o sal da terra. Ora, se o sal se tornar insosso, com que o salgaremos? Para nada mais serve, senão para ser lançado fora e pisado pelos homens”<sup>18</sup>. O texto sempre vem em latim<sup>19</sup> para enfatizar e fortalecer o que fora expresso no tema. Vieira nunca produziu um sermão sem que viesse com

<sup>16</sup> FERNANDES, 2012, p. 42.

<sup>17</sup> PÉCORA, Alcir. *Teatro do sacramento*. 2ª Edição. Campinas: Unicamp & Edusp, 2008, p. 49.

<sup>18</sup> Bíblia de Jerusalém.

<sup>19</sup> O latim era a língua obrigatória em todas as atividades; no teatro, permitia-se o uso de português em diálogos dramáticos, mas não em tragédias e comédias. Por exemplo, em 1596, o Geral advertia o Provincial brasileiro de que as representações teatrais não estavam sendo feitas em latim. HANSEN, João Adolfo. *Ratio studiorum e política católica ibérica no século XVII*. In: VIDAL, Diana G.; HILSDORF, Maria Lúcia S. (Orgs.). *Tópicos em história da educação*. São Paulo, Edusp, 2001<sup>a</sup>, p. 17.

o tema que iria abordar e com o texto que iria discorrer, ou seja, tema e texto<sup>20</sup> base completamente entrelaçados, de maneira que juntos formavam a estrutura que iria permitir ao ouvinte a entender que o sermão tem uma base e um eixo principal para levar a um entendimento do que será falado. O tema direciona o pensamento de Vieira levando-o ao lugar que ele quer chegar, e o texto em latim embasa esse pensamento dando credibilidade ao assunto que Antônio Vieira havia de tratar. Foi exatamente isso que fez no sermão aqui em estudo. Fazendo essa ponte entre o tema o texto, Vieira declara:

Se a igreja quer que preguemos de Santo Antônio sobre o evangelho, dê-nos outro. Vos estis sal terrae: é muito bom texto para os outros santos doutores; mas para Santo Antônio vem-lhe muito curto. Os outros santos doutores da Igreja foram sal da terra; Santo Antônio foi sal da terra e foi sal do mar<sup>21</sup>[...]

Partindo desse ponto de vista, percebemos que Vieira gostava muito de entrelaçar o tema com o texto, mostrando o que ele pretendia com esses dois recursos. O texto ganhava em virtude do momento histórico que Vieira vivia. O período Seiscentista era marcado pela religiosidade. Chamada de Teocentrismo, portanto, ao usar um texto bíblico para fortalecer o tema, o padre Antônio Vieira estava creditando o sermão para que a força e a influência fossem maiores do que qualquer outro recurso. A sua palavra tinha peso em decorrência dessa base que utilizava. E, a partir disso, conseguia alcançar aquilo que tinha proposto. Ao fazer isso, ganhava a atenção dos ouvintes. Quando Vieira usa o texto bíblico para fortalecer o tema está usando um argumento inquestionável, especialmente para a época. Portanto, o texto fundamentava aquilo que o pregador iria mencionar, conforme Fernandes afirmou:

O processo deriva da interpretação do Antigo Testamento como conjunto de prefigurações do que narra o Novo Testamento. Os passos bíblicos do pregador tornam-se em pretexto para as construções mentais. Convém explicar aos alunos que a utilização da frase bíblica permitia ao pregador usar a Bíblia como instrumento de convencimento, na medida em que o texto sagrado não era posto em dúvida<sup>22</sup>.

A Bíblia era considerada por Vieira uma verdade absoluta e utilizava-a para os seus argumentos e para defender suas ideias. Ao usá-la, Vieira estava tentando mostrar aos seus ouvintes que aquilo que ele iria falar tinha base, relevância e importância para eles. Ele sabia o respeito que as pessoas tinham pela Bíblia.

<sup>20</sup> Vieira também aplica esse método em outros sermões, tais quais o da Sexagésima, cujo texto é de Lucas 8.13: “A semente é a palavra de Deus”; no Sermão do bom ladrão, ele usa o texto de Lucas 23.43: “Eu lhe garanto: hoje mesmo estarás comigo no paraíso”; No sermão Bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda, com o texto do Salmo 44, 24-27.

<sup>21</sup> VIEIRA, Padre Antônio. *Seleção de sermões de padre Antônio Vieira*. São Paulo: Melhoramentos, 2013, p. 6.

<sup>22</sup> FERNANDES, 2012, p. 44.

José Nunes Carreira, no capítulo intitulado «O uso da Escritura nos sermões de Vieira» coloca a genuinidade dos sermões de Vieira no topo da pirâmide, só depois a retórica, a filosofia, a ética e a teologia. Cada sermão tem argumentos e interpretações bíblicos, como é possível ler no exórdio. De realçar que a Bíblia não é a única fonte de Vieira para construir a pregação. Recorria também aos comentadores da Sagrada Escritura, aos Padres da Igreja e a todos os autores espirituais que conhecia. Sabe-se também que os pregadores dispunham de obras que os podiam ajudar a preparar os sermões e que se chamavam «silvas de lugares comuns»<sup>23</sup>.

Quando a mencionava no início do seu discurso, sua fala ganhava força, peso e respeito. Portanto, essa primeira parte da estrutura do sermão de Vieira mostra como ele dominava o recurso da época e se destacava pelo seu domínio desse método. Como próprio Anibal afirmou:

Mas, perfeito conhecedor da técnica necessária à formação do conceito predicável, ajudada pela sua fulgurante capacidade de exegese, e inebriado pelas virtualidades expressivas da língua, que apoiavam integralmente aquele trabalho no plano formal, acontecia com excessiva frequência esquecer-se da profissão que fizera<sup>24</sup>.

Por ele ser esse conhecedor nato e dominar a estrutura do sermão jesuíta, ele conseguia influenciar muitas pessoas com o seu discurso, sempre bem elaborado e estruturado. Portanto, o tema e o texto fazem parte dessa estrutura que tanto encantou seus ouvintes.

### 1.1.3 Proposição

Uma outra parte que formava a estrutura do método português de pregar aderido por Vieira é a proposição<sup>25</sup>. Nela, o autor busca apresentar a tese que vai ser desenvolvida no sermão proposto. Essa é uma parte que fica na introdução do texto, para seduzir o ouvinte ao que de mais importante vai ser trabalhado no decorrer do sermão. Uma boa proposição fazia que a atenção fosse tomada do começo ao fim porque era nela que o orador ganhava ou perdia a atenção dos ouvintes. Anibal explica:

Uma proposição, para ser perfeita, devia ser uma, clara e completa, isto é, encerrar tudo quanto ia tratar-se no sermão. Devia, além disso, conter algo útil, visando a formação moral e cívica dos ouvintes. Tal conteúdo, que devia ser preferência especulativo, devia procurar excitar um afecto susceptível de perdurar no espírito do auditório, cravado como um espinho, e não esquecer as circunstancias de lugar,

<sup>23</sup> FERNANDES, 2012, p. 37.

<sup>24</sup> CASTRO, 1973, p. 106.

<sup>25</sup> Vieira também faz uso desse recurso em outros sermões, onde podemos destacar alguns deles: no sermão da sexagésima, ele usa a tese de que a semente de fato é a Palavra de Deus. No sermão do Bom ladrão, a tese central é que todos devem imitar ao Rei dos reis (2013, p. 102).

tempo, orador e ouvinte. Finalmente, tinha que ser conforme ao evangelho e apresentar sempre novidade<sup>26</sup>.

Diante disso, encontramos no *Sermão de Santo Antônio aos Peixes* essa parte bem demarcada bem como sua tese. A ideia era mostrar que o discurso seria fundamentado e tinha um destino, com a visão de alcançar o entendimento dos ouvintes para que ao ouvirem-no, pudessem tomar uma atitude. Essa parte apresentava algo que mexia com o coração das pessoas para refletirem sobre sua condição. Ao ouvir um conteúdo novo sobre determinado assunto, o auditório era conduzido a uma prática sugerida pelo orador, na qual questões acerca do caráter eram provocadas por ele para que os ouvintes pudessem ter uma outra perspectiva de vida. Essa era a função da proposição: produzir um efeito na vida dos ouvintes para que pudessem enxergar a vida com outros olhos ou consolidar um comportamento já existente.

A proposição é chamada de tese, ou a ideia central, que era, então, trabalhada ou comprovada no decorrer de todo o sermão. Nela, Vieira procura levantar os questionamentos a serem trabalhados ao longo do texto e que, possivelmente, estariam nas perguntas dos ouvintes: Qual o objetivo da mensagem? A resposta é a proposição, que, segunda regras de sua nomenclatura, deve caber numa única frase. Ela, por caber numa única frase, não deve ser ignorada. A sua maior importância está no fato de que toda a mensagem depende dela e gira ao seu redor. Porque é o fundamento de toda estrutura do sermão para manter a unidade além de revelar o propósito da mensagem e ajudar a fixar o tema que foi proposto pelo orador na mente dos ouvintes além de, também, criar expectativa. Um dos propósitos principais da proposição era produzir curiosidade nos ouvintes.

Por isso, ao criar essa tese, o orador não podia de forma alguma frustrar as expectativas e perspectivas do ouvinte, Vieira jamais deixava seus ouvintes frustrados quando proferia o sermão. Podemos perceber que o sermão em análise nesta pesquisa atende às expectativas exatamente porque consegue responder às indagações provocadas pela proposição. Por isso, no método português de pregar, que era a estrutura do sermão jesuítico, uma boa proposição além de revelar a ideia principal (central) do texto podia expressar uma verdade que era inquestionável, apresentando algo a ser pensado em todo o desenvolvimento e contendo uma declaração positiva, cabendo numa única frase. Por isso, tinha que ser preciso e totalmente sugestivo para poder atender às expectativas, de acordo com Fernandes:

Já no segundo parágrafo do exórdio, são apresentadas propostas para resolver o problema. «Se o sal (pregador) perder a substância e a virtude, e o pregador faltar à doutrina e ao exemplo, o que se lhe há de fazer é lançá-lo fora como inútil, para que

---

<sup>26</sup> CASTRO, 1973, p. 118.



seja pisado por todos». É merecedor de todo o desprezo e de ser metido debaixo dos pés, o que com a palavra ou com a vida prega o contrário. Contudo, se o erro está nos ouvintes (terra) é para eles que se devem dirigir todas as críticas<sup>27</sup>.

Nessa parte do sermão, a verdade afirmada precisava ser provada, e o problema questionado deveria ser solucionado para atender às necessidades do auditório a fim de que não tivesse que tentar solucionar o problema questionado, pois isso era o papel do orador, ou seja, responder as expectativas dos ouvintes.

No *Sermão de Santo Antônio aos Peixes*, Vieira declara: “Este é o assunto que eu tinha para tomar hoje”<sup>28</sup>, deixando claro que possuía um argumento a ser trabalhado. E que argumento, tese (proposição) era essa? No respectivo sermão, Vieira declara logo no início do sermão: “Vós sois o sal da terra”<sup>29</sup>. Ao fazer essa afirmação, Vieira quer levar os seus ouvintes a entender o significado de ser sal da terra e, logo após essa afirmação, ele vai exemplificar o motivo pelo qual eles seriam o sal da terra:

[...] e chama-lhes sal da terra, porque quer que façam na terra o que faz o sal. O efeito do sal é impedir a corrupção, mas quando a terra se vê tão corrupta, como está a nossa, havendo tantos nela que têm ofício de sal, qual será, ou qual pode ser a causa desta corrupção? Ou é porque o sal não salga, ou porque a terra não se deixa salgar<sup>30</sup>[...]

Ao fazer essa afirmação, Vieira chama a atenção dos ouvintes para refletirem sobre sua postura frente ao mundo. O comportamento do homem deveria ser repensado e através desse argumento, Vieira provoca só mudança de pensamento, mas de atitudes frente a situação vivenciada pelos ouvintes. Por isso, a proposição era tão importante na estrutura do sermão jesuítico, porque era nele que o pregador mostrava a condição do ser humano e suas atitudes frente a determinadas situações. Essa tese, além de chamar a atenção para o que será dito no decorrer do sermão, era uma tese reflexiva, e o auditório podia, na medida que ouvia, refletir sobre sua condição e sobre a forma como mudar a própria realidade.

Desse modo, Vieira tenta levantar questionamentos para seus ouvintes, além de criar uma expectativa. Quando Vieira afirma “Vós sois o sal da terra” está querendo envolver seus ouvintes em uma verdade e prender a atenção do público definitivamente. Ao fazer isso, Vieira demonstra dominar perfeitamente o que vai falar. Essa parte é primordial no sermão, porque, como afirmou Anibal, citando D. Caetano Barbosa:

<sup>27</sup> FERNANDES, 2012, p. 45.

<sup>28</sup> VIEIRA, 2013, p. 7.

<sup>29</sup> VIEIRA, 2013, p. 7.

<sup>30</sup> VIEIRA, 2013, p. 10.

Este ponto revestia-se de tal importância no pensamento de D. Caetano Barbosa que, logo a seguir, formula um conjunto de regras destinadas a habilitar o pregador para sua obtenção. A transformação do certo em problemático, o recurso à comparação, a mutação do gênero, o uso dos contraditórios e dos paradoxos, são outros tanto recursos por ele preconizados para obter novidade<sup>31</sup>.

Um bom orador precisava saber elaborar e apresentar uma tese para poder intensificar seus argumentos, visto ser essa tarefa de extrema importância para ele. Um bom orador precisava dominar a estrutura e o recurso do sermão jesuíta com o objetivo de atingir seu alvo: ensinar algo para as pessoas e levarem-nas a uma decisão e a terem uma postura diferenciada a partir dos sermões proferidos. Por isso, valia-se dos recursos citados por Castro, na citação acima, porque esse estilo culto e jogo de palavras tornava o sermão mais intensificado e com credibilidade.

#### **1.1.4 Exórdio**

Chegamos à parte estrutural do sermão de Vieira em que, depois de termos visto o tema\texto e a proposição, que é a tese do sermão, passamos para um outro item extremamente importante. O exórdio<sup>32</sup>, também chamado de introdução, é a parte do sermão importantíssima para o orador captar também a atenção do ouvinte. Apresentar suas ideias introdutórias, desenvolver todo o conteúdo e mostrar o porquê de os ouvintes prestarem atenção no seu discurso. O *Sermão de Santo Antônio aos Peixes* também apresenta um exórdio que iremos analisar adiante. Primeiramente, mostraremos a importância do exórdio (introdução) para a estrutura do sermão do Padre Antônio Vieira estudado.

Em termos gerais, os sermões de Vieira apresentam três espécies de exórdio. Segundo Anibal Pinto, essas espécies eram assim abordadas:

Encara três espécies de exórdio: na primeira inclui aqueles que visavam apenas enunciar o assunto do sermão e mostrar a finalidade do orador, ao pregar naquele determinado lugar, tempo e circunstância; na segunda, o exórdio continha uma espécie de remédio contra os vícios que a seguir o orador iria verberar; na terceira, não só se enunciava a matéria do sermão, como se procurava conciliar a benevolência e atenção do auditório<sup>33</sup>.

<sup>31</sup> CASTRO, 1973, p. 118.

<sup>32</sup> Também podemos perceber essa parte em praticamente todos os sermões de Vieira, sempre o exórdio vai ser apresentado no primeiro capítulo do sermão tendo em vista que é a primeira.

<sup>33</sup> CASTRO, 1973, p. 122.



Portanto, uma das espécies do sermão concentrava-se apenas na ideia de detalhar o assunto da tese e os motivos pelos quais aquele sermão estava sendo pregado naquele momento, levando em consideração o tempo, circunstâncias e o lugar onde estava sendo apresentado. Na segunda espécie, o orador mostrava a cura para a alma, um tipo de proposta de solução para os problemas existentes na vida dos ouvintes. E na terceira espécie, Anibal destaca que não só o tema, a ideia deveria ser valorizada, mas a tentativa de prender a atenção do ouvinte por meio de vários argumentos constatando a credibilidade das palavras do orador. Isso mostra, exatamente a importância do exórdio nessa estrutura, porque o exórdio deve ser interessante, porém não esquisito, diferente, excêntrico ou mesmo estrambólico, de maneira que a brevidade estivesse associada à fácil compreensão do ouvinte.

O exórdio é importante também porque mostra a ocasião da mensagem, que entrelaça com o texto e o tema escolhido pelo orador fazendo uma estreita relação. Por isso Vieira esmerava-se, pois no exórdio poderia, além de prender a atenção do ouvinte, fazer promessas que conseguia cumprir no decorrer de sua apresentação. Por isso Anibal Pinto, explicando as espécies dos exórdios, entrelaça exatamente com a importância do sermão, como analisado abaixo:

Os exórdios destas primeiras classes, formados sobre o texto dos evangelistas podiam obter-se de tantos modos quantos os que permitiam narrar o Evangelho; os da segunda formava-se elaborando uma resposta prévia a possíveis objeções contra as afirmações produzidas pelo pregador; finalmente os da terceira podiam deduzir-se não só da própria matéria, apresentando-a admirável, sublime e útil, mas também da pessoa do orador, posta em relação com o auditório, a ocasião, o lugar ou outras circunstâncias oportunas<sup>34</sup>.

Com essas explicações, podemos entender a importância do exórdio dentro da estrutura da oratória portuguesa. É por meio dessa parte que o orador mostrava os seus objetivos e sua forma de abordá-los. Justifica-se, portanto, a importância de introduzir o assunto a ser tratado, pois era nele que o pregador precisava concentrar toda sua energia a fim de não cansar o auditório. Por isso, Vieira fazia comparação do texto com o auditório, para não ficar apenas na parte histórica, mas contextualizar o sermão para alcançar os seus ouvintes de uma forma precisa. Com isso, os ouvintes ficavam em suspense esperando o resultado daquilo que estava sendo abordado pelo pregador, como mostra Aníbal Pinto:

Podia ainda forma-se o exórdio a partir de uma comparação, para o que havia dois caminhos: inicia-lo pela conjunção comparativa, que deixava o espírito dos ouvintes

<sup>34</sup> CASTRO, 1973, p. 122.

em suspenso, para depois explicar os termos postos em confronto; ou enunciar normalmente a comparação completa<sup>35</sup>.

Essa afirmação de Anibal mostra também que o exórdio serve para um outro tipo de introdução, embora esteja dentro das argumentações previstas nas espécies, o orador tinha esse outro método para detalhar sua introdução. Quando ele obtinha esse método, fazia que seus ouvintes esperassem o resultado da análise feita pelo pregador. Vieira obtinha muito desse recurso, principalmente no sermão em análise quando, conforme sua comparação, o sal era o pregador e a terra os ouvintes, como uma tentativa de levar o texto para mais perto dos ouvintes. Essa aproximação, permitia que o ouvinte acompanhasse melhor as ideias propagadas e estabelecesse uma identificação com seu mundo. O exórdio do método português de pregar era diferente do método francês, pois nele o ouvinte fazia parte da mensagem e era o principal alvo dela. Quando Vieira, por exemplo, comparava os recursos do texto com os ouvintes, contribuía para que o auditório se aproximasse dele e do que ele estava querendo abordar. Os ouvintes sentiam-se parte da mensagem.

Anibal também afirma que o exórdio tinha alguns gêneros e que cada sermão pedia um tipo de gênero. Esses gêneros, por exemplo, tinham como objeto mostrar o assunto que iria ser abordado com mais clareza. Esse mesmo autor explica:

Cada gênero de sermões pedia um exórdio. Assim, nas proposições metafóricas, próprias do gênero exortativo, o exórdio deduzia-se facilmente das propriedades das coisas, onde se fora buscara metáfora; nas solenidades mais importantes, em que o auditório estava sob o domínio de grandes sentimentos de alegria (Natal, Páscoa, Pentecostes), ou de dor como nas cerimônias de Sexta-feira santa ou exéquias, seria preferível iniciar ex abrupto, incluindo nele algumas argúcias e afectos, para explicar os mistérios celebrados e lamenta a magnitude dos sentimentos<sup>36</sup>[...]

Logo, os gêneros abordavam o tipo de sentimento que o ouvinte tinha e quais atitudes deveriam ter em relação a eles. O interessante era que Vieira não só levantava os questionamentos referentes aos sentimentos, e, sim, mostrava com clareza quais deveriam ser as reações que eles deveriam ter sobre esses sentimentos, ou seja, o que sentiam era real, portanto, precisavam tomar alguma posição frente a esses sentimentos. Era no exórdio que essa provocação era feita, para mostrar o que no decorrer do sermão deveria ser analisado com mais clareza.

<sup>35</sup> CASTRO, 1973, p. 122.

<sup>36</sup> CASTRO, 1973, p. 122.

Como esses recursos se aplicavam ao *Sermão de Santo Antônio aos Peixes*? “Todo esse conjunto tem ação retórica similar à do exórdio, parte da composição defendida na retórica aristotélica como o início do discurso, que predispõe e prepara o espírito do público, dando um tom da composição”<sup>37</sup>.

No Exórdio do *Sermão de Santo Antônio aos Peixes*, Vieira apresenta a tese importante de todo o sermão: “Vós sois o sal da Terra”, como vimos na proposição, e apresenta várias explicações e alguns dos principais motivos para uma terra tão corrupta. Ele questiona se a culpa está no sal (pregadores) ou na terra (ouvintes). Segundo Vieira, se a culpa está no sal, é porque os pregadores não estão pregando a doutrina verdadeira, ou porque dizem uma coisa e fazem outra, ou porque pregam a si e não a Cristo. Mais adiante, ele mostra que se a culpa está na terra, é pelo fato de os ouvintes não quererem receber a verdadeira doutrina, ou por imitarem os pregadores e não o que eles dizem, ou por desejarem apenas servir aos seus caprichos e não os de Cristo.

Ao apresentar no sermão o que deve ser pregado ou o que seja aconselhável, o Padre Vieira introduz o tema do sermão de uma forma clara no exórdio, aponta também para um outro aspecto fora do tema e preocupa-se com o motivo pelo qual a terra está tão corrupta, partindo do pressuposto que a culpa seja dos ouvintes. Ele joga toda responsabilidade para os seus ouvintes e tenta convencê-los disso, porque o sermão é proferido no dia de Santo Antônio, mostrando o exemplo que este deixara. Santo Antônio, como aborda Vieira, não obtinha resultados da sua pregação e os homens até quiseram tirar a sua vida por conta disso, mas em vez de desistir resolveu pregar aos peixes. “Isso suposto, quero hoje, à imitação de Santo Antônio, voltar-me da terra ao mar, e já que os homens se não aproveitam, pregar aos peixes”<sup>38</sup>.

Da mesma forma, Padre Antônio Vieira se viu sem obter resultados, e a terra continuava do mesmo jeito: corrupta. Resolveu, igualmente, Santo Antônio pregar para os peixes. Na primeira parte, o orador - de uma forma categórica- mostra as virtudes dos peixes, mas depois repreende-os por suas posturas mediante a corrupção.

Por isso o exórdio era tão importante na estrutura do sermão sobre a competência de Vieira, Anibal afirma:

Para captar a atenção dos ouvintes, o pregador tinha toda a vantagem em procurar, logo exórdio, novidade e beleza para a proposição; conseguia-se a benevolência, partindo de uma proposição agradável e mostrando reverência e afecto para com eles;

<sup>37</sup> ARISTÓTELIS. *Retórica*. Livro III, capítulo 14. Lisboa: Imprensa Nacional- Casa da Moeda, 1998.

<sup>38</sup> VIEIRA, 2013, p. 11.

por seu turno e docilidade obtinha-se pela escolha de uma proposição justa e pela adoção de uma divisão clara<sup>39</sup>.

Esse era o propósito principal do exórdio: prender a atenção dos ouvintes apresentando uma novidade para poder alcançar seus objetivos no desenvolvimento da mensagem. De uma forma criativa, metafórica e singela, Vieira conseguia fazer isso pelo domínio que tinha dessa técnica. Para ele era tão fácil apresentar o assunto logo na introdução porque era por meio dessa etapa que conseguia despertar o interesse dos ouvintes para todo o restante do sermão. Se o exórdio não fosse plenamente claro, ou se o orador não dominasse essa técnica, corria um sério risco de perder a atenção dos ouvintes e até mesmo dispersar o auditório sendo que este não daria mais credibilidade àquilo que iria ser pronunciado no decorrer do sermão.

Também podemos mencionar que na introdução era comum o orador apresentar o assunto que iria tratar, sempre baseado no texto bíblico. Assim, Vieira, adepto dessa técnica, sempre discorria sobre o texto contextualizando com o presente. Uma tentativa de adaptar o assunto ao público a quem estava sendo destinado o sermão.

No caso do sermão em análise, podemos perceber que Vieira discorre sobre o texto de Mateus 5.13: “Vós sois o sal da terra” - e a partir do texto faz uma ponte exatamente com o assunto contextualizado que iria abordar. Ao fazer isso, Vieira adaptava o texto base com a realidade vivida pelos ouvintes de maneira que os ouvintes se identificavam com o texto e, conseqüentemente, com o assunto a ser apresentado. Como o próprio Anibal<sup>40</sup> afirmou “[...] e se o assunto do sermão se baseava no texto do Evangelho, era obrigatório mencionar tal origem no exórdio”. Alves afirmou:

Em todos os seus sermões, são abundantes as citações bíblicas, citadas da *Vulgata*, e intercaladas com traduções e comentários. Essa inuência bíblica presente em todos os seus escritos, em que, por exemplo, recorre a todas as plantas e animais presentes no Livro Sagrado, parece demonstrar que Vieira não percebeu a natureza senão através das narrações bíblicas<sup>41</sup>.

Uma das coisas que também era comum no exórdio era a invocação. Em geral, Vieira comumente terminava fazendo uma invocação a Maria, conforme explicita também no sermão de *Santo Antônio aos Peixes*<sup>42</sup>. “Ave Maria”. No final do exórdio existe essa invocação a (Domina maris) Maria, Senhora do Mar, pelo facto de Maria ser aquela que o inspirava durante

<sup>39</sup> CASTRO, 1973, p. 123.

<sup>40</sup> CASTRO, 1973, p. 123.

<sup>41</sup> ALVES, Murilo Cavalcante. A Bíblia como suporte metafórico-argumentativo da Retórica Sacra do Padre Antônio Vieira. Caminhando (online), v. 21, n. 2, p. 127-146, 2016, p. 140

<sup>42</sup> VIEIRA, 2013, p. 11.

seu discurso religioso. Dessa forma, Padre Antônio Vieira pretendia pedir essa inspiração para proferir seu sermão à semelhança do próprio Santo Antônio- por ele pregado no presente sermão- mostrando então, o seu respeito por Maria.

Mediante essa abertura, ele segue para a outra parte da estrutura do sermão: a narração.

### 1.1.5 *Narração*

Esta é parte da divisão do sermão, ou seja, a parte em que o orador apresenta as suas ideias de uma forma mais organizada, indicando que a estrutura do sermão deve ser disposta em ordem, o que exige talento e muita criatividade para não correr o risco de ser repetitivo. E para isso, ele precisava deste recurso - a narração<sup>43</sup> - que consiste no ato de narrar algo, nesse caso, uma história. Portanto, a narração é indispensável na estrutura retórica do método português ensinada pelos jesuítas. Anibal Pinto “considera qualidades imprescindíveis a uma boa narração a brevidade, a clareza, a probabilidade e a energia ou evidencia”<sup>44</sup>.

Ao dividir o sermão o orador jesuíta apresentava as suas ideias de uma forma clara, dando vida ao texto que estava sendo trabalhado e destrinchado pelo pregador. Outrossim, ao fazer isso, as divisões mostravam exatamente aonde o pregador queria chegar e que argumentos ele usaria para conseguir atingir seus objetivos. Ao dividir o sermão, o orador tentava persuadir o auditório usando vários tipos de recursos para convencê-los de que seus argumentos eram confiáveis. Para isso, precisava ter argumentos bem fundamentados para tornar confiável aquilo que estava falando. Ao afirmar que a narração deveria ter qualidades imprescindíveis, como a brevidade, a clareza, a probabilidade e a energia, Anibal Pinto estava querendo dizer que:

A brevidade tornava o discurso inteligível e conseguia-se fugindo de incluir na narração coisas supérfluas ou repetir outras anteriormente ditas. Para ser clara devia apreender-se com facilidade; para isso havia que narrar os fatos principais de maneira distinta e ordenada, atribuindo a cada um tempos, lugares, pessoas ou circunstâncias próprias, evitando parênteses e fugindo aos sentidos ambíguos ou anfíbológicos. A probabilidade identifica-se, para Barbosa, com a verossimilhança. Por fim, a energia consistia em mostrar os factos com tal enquadramento e de tal maneira que parecesse ao auditório estar a vê-los ou ouvi-los<sup>45</sup>.

O pregador precisava dar vida ao que ele mesmo estava pregando aos ouvintes. A criatividade deveria ser muito bem fundamentada. O orador não podia deixar o auditório cansado e nem em dúvida sobre o que ele estava falando, no momento que estivesse narrando

<sup>43</sup> Todos os sermões de Vieira possuem narração. Essa é a parte em que defende sua tese.

<sup>44</sup> CASTRO, 1973, p. 124.

<sup>45</sup> CASTRO, 1973, p. 124.

o texto que escolhera. Para que isso fosse claro e possível, usava todos os recursos disponíveis para argumentar e fundamentar suas ideias sobre o assunto, usava citações de autores, filósofos e principalmente de santos (como no caso do sermão em análise) para servir de exemplos, tendo em vista a fundamentação prática-teórica dos seus argumentos.

Dependendo da ocasião, o orador dispunha de várias formas de argumentar e de narrar suas ideias. A forma de dividir o sermão era diferente, dependendo da ocasião e do momento histórico vivenciado pelo orador e ouvinte. No entanto, as divisões deveriam ser coerentes e inteligentes porque o público variava de acordo com o local e com o contexto histórico. Anibal Pinto afirma que “Cada gênero de discurso exigia um tipo diferente de divisão, embora houvesse certas condições de caráter geral, às quais o pregador, ao estabelecê-la, devia cuidadosamente obedecer”<sup>46</sup>. Em outras palavras, na medida que o pregador fosse narrando seu discurso, ele tinha o dever de informar o ouvinte sobre a procedência de suas ideias, no caso o texto bíblico. Se as ideias do pregador não fossem devidamente embasadas, ele correria o risco de perder a credibilidade e a autoridade. Segundo Anibal Pinto,

A narração devia ser agradável e elegante; para conseguir, tais qualidades, era necessário contar com agudeza, exprimir os pensamentos, motivos e fins dos factos narrados e intercalar coisas belas nas contrariedades menos agradáveis. Em qualquer caso eram de condenar minudências descritivas, sempre portadas de enfado<sup>47</sup>.

Faculdade Unida de Vitória

Consta, ainda, que existiam três gêneros de narração: a exortativa, própria dos panegíricos, a trágica e a espirituosa (lépida), para provocar riso.<sup>48</sup> Portanto, quando o pregador se apropriava desses recursos narrativos presentes nas divisões, ele era capaz de pôr o pensamento no lugar devido, falta de ordem leva à digressão, à repetição e à falta de clareza. Para se ter uma boa narração era preciso ter unidade, uma só mensagem de cada vez, como o próprio Vieira mencionou no sermão da sexagésima. Para que as divisões tivessem uma boa narração também era preciso dar ordem a elas. As ideias devem ter uma sequência, na narração, devem caminhar para um clímax, onde o equilíbrio leva à proporção ou à simetria entre as partes.

São esses elementos que encontramos nas divisões do *Sermão de Santo Antônio aos Peixes*. Nele, os capítulos de II até o V são as divisões narradas por Vieira. O padre consegue argumentar de uma forma brilhante dentro da estrutura que dominava do método por ele assimilado. Como ele aborda essa estrutura no sermão? Sabemos que o sermão é uma alegoria,

<sup>46</sup> CASTRO, 1973, p. 118.

<sup>47</sup> CASTRO, 1973, p. 125.

<sup>48</sup> CASTRO, 1973, p. 125.



pelo simples fato de colocar os peixes como uma metáfora dos homens, as virtudes abordadas são um contraste da metáfora dos defeitos das pessoas e os seus vícios são diretamente metáfora dos vícios dos homens. Era como se o pregador falasse aos peixes, mas na realidade estava falando aos homens. Vieira mostra que os peixes ouvem e não falam<sup>49</sup>. Os homens falam muito e ouvem pouco.

A partir de duas essências do sal, divide o sermão em duas partes, a saber: o sal conserva o são, o pregador louva as virtudes dos peixes; o sal preserva da corrupção, o pregador repreende os vícios dos peixes<sup>50</sup>. Podemos perceber de uma forma clara que todo o sermão é uma alegoria, o pregador aponta frequentemente os homens. E para argumentar melhor demonstra as afirmações que faz mostrando-as entre o bem e o mal, referindo palavras de S. Basílio, de Cristo, de Moisés, de Aristóteles e de St. Ambrósio, todas fazendo louvores dos peixes. Confirma com vários exemplos: o dilúvio, o de Santo Antônio, o de Jonas e o dos animais que se domesticam. Isso tudo para mostrar a sua criatividade dando vida a cada personagem por ele citado, conforme a afirmação de Fernandes:

Contudo, o padre jesuíta esclarece o auditório de que a bondade e a maldade não são apenas virtudes e defeitos dos homens, mas de todos os seres vivos e cita S. Basílio para justificar esta afirmação. E de seguida, explica aos peixes que louvará as suas virtudes e depois repreenderá os seus vícios<sup>51</sup>.

Faculdade Unida de Vitória

Chegando ao Capítulo III, Vieira vai enaltecer os peixes em particular, referenciando o Peixe de Tobias, a Rémora, o Torpedo e o Quatro-Olhos,<sup>52</sup> exemplificando da seguinte forma: O Peixe de Tobias tinha o fel que curava a cegueira e o seu coração lança fora os demônios, tirando o pecado. Ele faz essa comparação com Santo Antônio, pelo fato de Santo Antônio ter curado as cegueiras dos ouvintes lançando os demônios fora de casa. A Rémora era pequena de corpo, porém grande na força e no poder, pois evitou a fúria das paixões humanas. Também é aliado com Santo Antônio, pelo fato este haver controlado a fúria das paixões humanas, tais quais, a soberba, a vingança, a cobiça e a sensualidade. O Torpedo produzia energia e fazia tremer o braço de quem estava pescando, não o deixando pescar, e por contradição mostrava o arrependimento dos homens. É comparado com Santo Antônio também, pois os pescadores tremiam quando este falava e ao se sentirem culpados acabavam se convertendo. E por fim, o Quatro-Olhos tinha dois olhos que olhavam para cima, para se defender das aves, e dois olhos que olhavam para baixo, para se defender dos peixes. Fazendo uma comparação, ele estava

<sup>49</sup> VIEIRA, 2013, p. 11.

<sup>50</sup> VIEIRA, 2013, p. 11 e 12.

<sup>51</sup> FERNANDES, 2012, p. 46.

<sup>52</sup> VIEIRA, 2013, p. 18.

querendo dizer que os homens deveriam olhar para cima, que representava o céu, e para baixo, que por conseguinte, representava o inferno. Fernandes corroborando com essa ideia afirmou:

Para louvar o primeiro peixe conta ao auditório a história de Tobias, que enquanto passeava com o Anjo São Rafael, vê um peixe enorme com vontade de o comer. Há que louvar este peixe cujo coração e fel é benéfico para os homens. Mais uma vez Vieira faz o paralelo entre este peixe e Santo António. O segundo peixe é Rémora, cujo corpo nada tem a ver com a força que é capaz de impedir o avanço da nau. O peixe seguinte é o Torpedo, este possuía na cabeça um pequeno aparelho que gerava eletricidade e que fazia tremer a mão do pescador. O último peixe é o Quatro-Olhos, é um peixe que anda à superfície, pois necessita de dois olhos que espreitem os perigos do ar e os outros dois que espreitem os do mar<sup>53</sup>.

A outra parte da narração do *Sermão de Santo Antônio aos Peixes* está no Capítulo IV. O discurso de Vieira vai sendo confirmado pela afirmação de que os “homens se comem uns aos outros”, onde o orador usando um jogo de palavras, faz com que os ouvintes meditem na mensagem através desses exemplos sobre os peixes. Os ouvintes sabiam a verdade do que Vieira afirmava, pois conheciam que os peixes se comem uns aos outros, os maiores comem os mais pequenos. Também faz constante citação da Bíblia- texto base das suas afirmações.

O orador também analisa a repreensão e depois comprova-a, como fez com a primeira repreensão, dando exemplo dos peixes que caem tão facilmente na isca; e em seguida dos homens que enganam facilmente os indígenas e para a facilidade com que estes se deixam enganar. E finalizando o capítulo, Vieira também afirma que os peixes são muito cegos, ignorantes contrapondo o exemplo de Santo António, que nunca se deixou seduzir pela vaidade do mundo, fazendo-se pobre e simples, e assim pescou muitos para salvação<sup>54</sup>. Prossegue seu discurso, conforme Fernandes desenvolveu:

Tal como fez com os louvores, também agora, com os vícios, irá particularizá-los. Os roncadores serão os primeiros a ser criticados, devido ao seu tamanho que nada tem a ver com o seu poder de roncar, não há motivo para tanto alarido até porque se trata de um peixe pequeno. Já os pegadores são um tipo de peixe que se prega aos maiores, não passam de parasitas que só dificultam a vida daqueles a quem se agarram. Os peixes voadores são alvo de rejeição por parte de Vieira devido à sua presunção e ambição. O facto de serem vaidosos condu-los à morte. O polvo é o último a ser repreendido, com aparência de santo é o maior traidor do mar<sup>55</sup>.

Ao chegar na quinta divisão o Padre António Vieira aborda os vícios dos peixes, apresentando quatro casos particulares: Roncadores, os Pegadores, os Voadores e o Polvo. No caso dos Roncadores, apensar de serem pequenos, em contra partida, fazem muito barulho. Os Pegadores representam os parasitas, ou seja, estão sempre na dependência de outros,

<sup>53</sup> FERNANDES, 2012, p. 46

<sup>54</sup> VIEIRA, 2013, p. 36.

<sup>55</sup> FERNANDES, 2012, p. 47.



dependendo sempre dos grandes. Os Voadores representam a ambição, pois foram criados peixes e querem ser aves, e podem ser mortos como sendo peixes e como sendo aves. E por fim o Polvo, que representa a traição e a hipocrisia, pois ataca as suas presas sempre camufladas, podendo parecer uma coisa, mas depois é outra, ou seja, fingidores. E de uma forma brilhante, Vieira fecha esse capítulo mostrando o importante contraste entre os vícios do ser humano que faz de tudo para ter o que quer, mesmo que para isso tenha de prejudicar os outros.

Quando vemos essas divisões feitas por Vieira, podemos perceber o quanto ele dominava a retórica de sua época. Ao fazer isso, o orador mostrava exatamente as informações que queria passar para prender a atenção dos ouvintes e, assim, poder caminhar para a conclusão. Aníbal Pinto:

Para narrar fatos desconhecidos ou obscuros era preferível um estilo claro e sem muitas argúcias; se, pelo contrário, o pregador apresentava factos evidentes e conhecidos, sobretudo no gênero demonstrativo, podia então recorrer a histórias ou fábulas, contadas com subtileza. As figuras mais adequadas ao estilo específico desta parte do sermão eram, entre outras, a hipótese, a reticência, a exclamação, a admiração e a interrogação<sup>56</sup>.

Vieira, através do *Sermão de Santo Antonio aos Peixes*, conseguiu fazer as divisões proporcionais conforme havia aprendido no método jesuíta, por isso, conseguiu ser um grande orador de sua época e arrastar multidões por causa do seu jeito de pregar. E era nessa parte que ele mostrava todo seu conhecimento e grandeza, tornando-se o mestre das palavras e conduzindo seus argumentos da melhor forma possível, de maneira que o método ficava simples quando estava com ele. A grandiosidade das divisões apresentadas por Vieira não deixava os ouvintes confusos, pois estes saíam da igreja sabendo exatamente o que havia sido pregado. Esse era o objetivo da estrutura do sermão jesuíta assimilado por Antônio Vieira

### **1.1.6 Peroração**

Finalmente, chegamos à última parte do sermão, segundo o método jesuítico de pregar, que é a peroração<sup>57</sup>. Esta parte servia como o fechamento das ideias centrais produzidas ao longo de todo o sermão, onde o orador motivava os ouvintes a vivenciarem aquilo que fora proferido durante todo o discurso. Nesse ponto, de grande importância, o pregador “põe abaixo ou salva o sermão”, pelo simples fato de levar o auditório a uma decisão. Muitas vezes o

<sup>56</sup> CASTRO, 1973, p. 125.

<sup>57</sup> Observe nos sermões da sexagésima, do bom ladrão, boas armas de Portugal contra as de Holanda, etc. também vão possuir essa peroração que é a conclusão do sermão.

auditório é levado ao clímax do sermão, portanto considerado o ponto alto, o momento mais importante para o fechamento das ideias centrais e até mesmo da tese central que foi levantada no exórdio. Conforme Anibal Pinto:

O sermão terminava com o epílogo ou peroração que era ‘representio conclusionum principalium, scilicet, probationum cujuslibet argumenti principais ab aliquibus’. Não podia ser tão longo que parecesse novo sermão, nem tão breve que deixasse esquecido algum dos pontos principais antes tratados. Nos sermões curtos ou que versassem poucos assuntos, podia mesmo dispensar-se, substituindo-o por uma breve conclusão<sup>58</sup>.

Por isso, o orador precisava fazer o fechamento das ideias centrais até para relembrar o ouvinte dos pontos principais necessários. De acordo com a citação acima, podemos perceber que a conclusão deve ser clara e breve, nela o orador tem mais liberdade para expressar a sua opinião de uma forma mais clara e objetiva, o visando levar o ouvinte à reflexão, de modo que possam-sair do auditório sabendo exatamente aquilo que precisa ser feito. Uma outra marca também presente do sermão jesuíta, de acordo com a citação acima, é que ele, na maioria das vezes, deve ser positivo, pelo simples fato de confrontar o ouvinte com o mundo real.

A conclusão, para alcançar seu objetivo, precisava conter algumas características, entre elas a enumeração. Essa estrutura, ou essa forma de concluir, mostrava exatamente uma sequência lógica daquilo que fora pregado. Deveria conter um só tema, distribuído em vários argumentos ao longo do sermão. Mas na peroração, esses argumentos ganhavam clareza pelo simples fato de serem enumerados e explicados com mais ênfase, de maneira que se algum ponto ficasse perdido, seria a oportunidade do orador enfatizar aquilo que estava analisando, conforme apresenta Aníbal Pinto

O epílogo devia, pois, conter uma sùmula dos pontos enumerados anteriormente, de modo a constituir uma consequência lógica da proposição e, por outro lado, ser tão claro que parecesse uma repetição dos argumentos já aduzidos. Para amplificar e mover os afectos – finalidade primacial do epílogo -, eram de excelente efeito algumas figuras especialmente destinadas a contribuir para a majestade e novidade do fecho do sermão, como a ironia, a exclamação, a interrogação e a apóstrofe. Se o movimento dos afectos já fora desencadeado no corpo do sermão, tínhamos o chamado epílogo ex abrupto, mas impetuoso e contundente<sup>59</sup>.

Assim sendo, para que o sermão tivesse um fechamento coerente era preciso seguir essa estrutura para poder atingir a finalidade por ele proposto. Por isso, quando analisamos os sermões produzidos pelo padre Antônio Vieira, entendemos o porquê ter sido considerado um

<sup>58</sup> CASTRO, 1973, p. 126.

<sup>59</sup> CASTRO, 1973, p. 126.

dos grandes pregadores de sua época. Além de dominar toda essa estrutura do método português de pregar, seguindo a tradição do estilo jesuítico, também percebemos o quanto ele era visionário. Quando observamos a conclusão dos seus sermões, percebemos aquilo que Alcir Pécora, que é um dos maiores estudiosos de Vieira no Brasil, afirmou:

Antônio Vieira é um visionário, certamente. Mas ele nunca o foi fora de um forte senso político, e, mais do que isso, jurídico-institucional; também nunca o foi fora de uma referência básica às concepções da teologia ortodoxa, notadamente tomista e neotomista<sup>60</sup> [...]

Podíamos ver isso claramente em seus argumentos e era exatamente na conclusão onde ele conseguia despertar nos ouvintes esse senso de compromisso e a busca por uma mudança de vida e, principalmente, de pensamento. Ao concluir seus sermões, aquilo que havia sido pregado se transformasse em algo prático e não apenas teórico. Podemos ver claramente essa estrutura e esses argumentos no sermão em análise nesta pesquisa. No capítulo VI, por exemplo, Vieira mostra que Santo Antônio tinha como objetivo a conversão dos homens à Fé em Deus.

Parafraseando a peroração do sermão, Vieira diz que Santo Antônio afirmou que tinha um certo sentimento de inveja dos peixes por ele citados, porque estes não desconsideraram, nem muito menos ofendem a Deus com a sua memória e ainda conseguem cumprir com o objetivo da sua criação, ou seja, cumprir sua missão, aquilo que foi colocado por Deus para eles fazerem, no entanto, os homens fazem tudo isso, ofendendo a Deus com seus discursos, ações, com os seus pensamentos e com a sua vontade, não atingindo o objetivo da sua criação, nem muito menos cumprindo sua missão.

Sendo assim, Vieira leva o auditório a refletir o que Santo Antônio revela, pensando sobre os peixes e os homens, concluindo que os peixes são melhores que os homens, e que a única coisa que eles (homens) podem fazer é se converterem, e só assim podem dar glória a Deus. Como Vieiramesmo finaliza:

*Benedicite, cete et omnia quae moventur in aquis, Domino:* «Louvai, peixes, a Deus, os grandes e os pequenos», e repartidos em dois coros tão inumeráveis, louvai-o todos uniformemente. Louvai a Deus, porque vos criou em tanto número. Louvai a Deus, que vos distinguiu em tantas espécies; louvai a Deus, que vos vestiu de tanta variedade e formosura; louvai a Deus, que vos habilitou de todos os instrumentos necessários à vida; louvai a Deus, que vos deu um elemento tão largo e tão puro; louvai a Deus, que, vindo a este Mundo, viveu entre vós, e chamou para si aqueles que convosco e de vós viviam; louvai a Deus, que vos sustenta; louvai a Deus, que vos conserva; louvai a Deus, que vos multiplica; louvai a Deus, enfim, servindo e sustentando ao homem, que é o fim para que vos criou; e assim como no princípio vos deu sua bênção,

---

<sup>60</sup> PÉCORA, 2008, p. 59.

vo-la dê também agora. Amém. Como não sois capazes de Glória, nem de Graça, não acaba o vosso Sermão em Graça e Glória<sup>61</sup>.

Com isso, Vieira fecha seu sermão cumprindo fielmente com sua missão: levar o auditório a refletir sobre a própria conduta e sair com o objetivo de mudar a vida e o pensamento a respeito do assunto proposto.

A visão de Vieira acerca do mundo era bastante persuasiva não só pela linguagem empregada, mas também pela organização das ideias, técnica que conhecia e dominava muito bem.

O pensamento<sup>62</sup> de Vieira era organizado dentro do discurso que ele se inseria - o jesuítico - como já foi mencionado. E esse discurso tinha uma estrutura bem definida como uma espécie de organização do pensamento com o propósito de cumprir os objetivos por ele traçados. O púlpito era a principal força de divulgação de ideais, de maneira que o historiador Ronaldo Vainfas relatou que  $\theta$  Vieira tinha uma competência muito grande dentro da companhia de Jesus e uma credibilidade muito boa junto ao público em geral, conforme podemos perceber nesta declaração “[...] Os sermões de Vieira, desde cedo, eram um espetáculo de oratória barroca, teatralizada pelas modulações da voz e riqueza de imagens evocadas pelo pregador”<sup>63</sup>.

Essa beleza estrutural e bem estruturada deixa claro que Vieira esculpia, como uma obra de arte, os seus sermões. É uma pena que sermões com essa estrutura sejam raros nos dias atuais. Com o passar do tempo, essa estrutura se perdeu e o que ficou para nossa apreciação foi o texto escrito, como afirmou Hansen:

... no tempo de Antônio Vieira, o sermão era um discurso falado; hoje, é um texto lido. A sociedade de Vieira está extinta e o presente da leitura do sermão é o tempo de outra história, a nossa. Assim, quando torna imaginariamente presente a cena do tempo morto dos atos de fala do sermão, produzindo *um* Vieira e *um* século XVII, entre os muitos possíveis, hoje o leitor enfrenta o desafio de entender adequadamente a razão histórica – ou a causa, a regra, a forma e o fim – desses atos<sup>64</sup>.

<sup>61</sup> VIEIRA, 2013, p. 50.

<sup>62</sup> Acabado o sermão, o pregador re- colherá aos seus aposentos para um exame de consciência, que lhe permitirá descobrir as possíveis lacunas e aproveitará para lou- var e dar graças a Deus que se serviu dele como instrumento humano para tão eleva- do ministério. MARTINS, Fausto S. *Ministério da palavra na Companhia de Jesus entre os séculos XVI-VIII* Via Spiritus: Revista de História da Espiritualidade e do sentimento Religioso, vol. 11, 2004, p. 187.

<sup>63</sup> VAINFAS, Ronaldo. *Antônio Vieira: jesuíta do rei*. São Paulo: companhia das letras, 2011, p. 50

<sup>64</sup> HANSEN, João Adolfo. *Maria ou a eternidade no tempo: Obra completa Padre Antônio Vieira*. Tomo II, vol. VII, p. 9.

Como bem podemos perceber, essa estrutura entra para a história como um recurso literário, histórico e acima de tudo religioso de uma beleza exuberante, portanto, mesmo a sociedade de Vieira, como afirmou acima Hansen, estando extinta, ainda podemos ler um Antônio Vieira e contemplar sua escultura em forma de sermão.



## 2 A LINGUAGEM DO SERMÃO DE VIEIRA

No capítulo anterior, foi nosso objetivo propor uma análise e considerações sobre o gênero sermão pregado pelo Padre Antônio Vieira e destacar suas principais características dentro do sermão jesuíta. Tendo como base o *Sermão de Santo Antônio aos Peixes* - objeto de análise dessa dissertação. Neste capítulo, iremos nos deter mais precisamente na linguagem utilizada por Vieira em seus sermões, em especial no referido sermão, corpus que estamos analisando.

Vieira era considerado um dos maiores oradores de seu tempo, tendo seu jeito diferenciado e ao mesmo tempo comum pelo fato de ter ingressado no colégio Jesuíta, onde aprendeu toda estrutura e formas para elaborar sermões. O que o diferenciava de outros pregadores não era apenas o domínio do método e das técnicas usadas pelos próprios jesuítas, mas, principalmente, o domínio da linguagem. Falar do jeito de Vieira é falar de um jeito que se tornou modelo para sua geração, de maneira que seus escritos, pela sua beleza e fundamento, tornaram-se um marco tanto para religião quanto para as literaturas portuguesa e brasileira, das quais é representante. Fernandes afirma que: “O sermão é um discurso argumentativo sobre um assunto religioso, proferido do púlpito, privilegiando a segunda pessoa, pois tem o objetivo de persuadir e mover com a adesão do público ouvinte”<sup>65</sup>.

Antônio Vieira foi completamente visionário, alguém além do seu tempo. Isso é possível observar claramente em sua oratória presente em seus sermões. Quando analisamos os sermões de Vieira, percebemos um homem que olhava para além, olhava para aquilo que estava para acontecer, para diante de sua realidade. Por isso, ao adentrarmos em sua pregação percebemos o quanto ele influenciou sua cultura, seu contexto histórico e o destino de muitas pessoas. Entretanto, suas afirmações polêmicas e seu jeito autoritário de pregar trouxeram inimigos que tentaram de todas as formas fazê-lo parar.

Vieira esculpia o seu sermão exatamente pelo domínio que tinha da linguagem, de maneira que o grande poeta Fernando Pessoa o classificou como o “imperador da língua portuguesa”, pois, de fato, o discurso proferido por meio de seus sermões era uma engenharia, como bem afirmou Pécora:

A oratória sacra assim praticada não recusa, pois, o *ornato dialético* ou o *conceito engenhoso* como procedimentos artísticos inadequados em si, apenas submete-os à *conveniência* específica da parenética, de maneira que a sua má aplicação não impeça que o sermão *frutifique*<sup>66</sup>.

<sup>65</sup> FERNANDES, 2012, p. 42.

<sup>66</sup> PÉCORA, Alcir. *Sermões*. Tomo I. São Paulo: Hedra, 2004, p. 17.

A maneira que Vieira pregou serviu como exemplo de um sermão bem estruturado, bem elaborado, capaz de alcançar tudo aquilo que ele gostaria como expositor da Bíblia. Reforça essa ideia Eduardo Hoonart ao afirmar: “Quando chega Antônio Vieira, no Maranhão, com seu prestígio de confessor do rei, de pregador da capela Real, de diplomata, consegue introduzir o método de aldeamento, afastado dos centros coloniais...”<sup>67</sup>. Isso mostra que a forma como o viam confirmava a sua autoridade como homem eloquente e grande pregador. Corroborando com essa mesma ideia, Fernandes relatou:

Os estudos sobre as estruturas dos sermões de Vieira, de Margarida Vieira Mendes, a Alcir Pécora têm sublinhado que no discurso do pregador está presente o jogo analógico para causar efeitos convincentes no auditório. Os pregadores recorrem ao discurso engenhoso para prender a atenção do auditório e tornar mais eficaz a mensagem, persuadindo os ouvintes<sup>68</sup>.

Tendo em vista todo esse prestígio, Vieira faz jus à fama de grande pregador porque tinha um jeito incomparável e ao mesmo tempo peculiar. Incomparável porque foi um dos poucos que conseguiu dominar o modelo do sermão por ele estudado em sua comunidade Jesuítica, e peculiar pelo fato de esse modelo de pregar ter sido comum em sua cultura. O domínio da estrutura do sermão e também da oratória fez do Padre Antônio Vieira um dos grandes pregadores e proclamadores da fé cristã da sua época. O que é mais interessante no seu jeito de pregar é que ele conseguiu politizar, argumentar, influenciar e até convencer os seus ouvintes de que aquilo que estava falando era a mais absoluta verdade. Todas as suas mensagens possuíam um objetivo claro, totalmente influenciado pelo contexto histórico em que vivia. Rafael Chamboouleyron destacou:

Durante as missas, o sermão era igualmente um momento significativo, principalmente entre 1653 e 1661, quando esteve no Maranhão o pregador mais importante da língua portuguesa d século XXII, o padre Antônio Vieira. Como já destacou Beatriz Catão, a pregação era um dos instrumentos pelos quais o padre Antônio Vieira intervinha na política colonial, lato sensu, da região<sup>69</sup>.

Sabemos que ele não era o único pregador da região nem muito menos da escola Jesuítica, mas foi um dos poucos que se destacou como pregador e usava o seu sermão como um dos meios mais importantes para conseguir atingir seus objetivos, influenciando

<sup>67</sup> HOONART, Eduardo. *Virada do século na América Latina*. In: A teologia do padre Antônio Vieira Diante do sistema Colonial. São Paulo: paulinas, 1984, p. 118.

<sup>68</sup> FERNANDES, 2012, p. 42.

<sup>69</sup> CHAMBOULEYRON, Rafael. *Vieira, vida e palavra*. In: uma missão tão encontrada dos interesses humanos. Jesuítas e portugueses na Amazônia seiscentista. São Paulo: Loyola, 2008, p. 34.



diretamente na cultura de sua época. Destacou-se exatamente pelo fato de dominar os elementos fundamentais da retórica jesuítica – assunto a ser discutido nesta pesquisa. Vieira conseguiu exercer influência não só na cultura em que estava inserido como também na formação da identidade do povo. E falar de identidade do povo brasileiro é falar de religião. Sabemos que existem vários fatores que influenciam diretamente na formação da identidade de uma pessoa, e principalmente de um povo. Ronaldo Vainfas, percebendo o poder de argumentação de Vieira, afirma:

O modo de argumentar, a eloquência nas exortações, o uso de metáforas claras, o apelo emocional, tudo isso fazia do jovem inaciano uma estrela em ascensão. Os sermões de Vieira, desde cedo, eram um espetáculo de oratória barroca, teatralizada pelas modulações da voz e riqueza de imagens evocadas pelo pregador<sup>70</sup>.

A identidade pode ser formada a partir de vários fatores, incluindo o religioso. Quando falamos de identidade brasileira estamos falando de um povo que foi muito influenciado pela religiosidade cristã e, principalmente, pela pregação dos padres jesuítas. Por isso, Vieira conseguiu mexer e inserir um conteúdo religioso não só para catequisar, ensinar, pregar, mas para formar um caráter cristão em todos os seus ouvintes, principalmente, nos colonos e identidade de uma nação. Sabemos que existiam várias razões para tal influência, dentre elas, firmar o monopólio dos portugueses, mais precisamente o de Dom João IV. Entretanto, a formação religiosa por ele apresentada demonstrou o seu poder de persuasão e de domínio do conteúdo. Lidar com um sermão de Vieira era lidar com alguém que conhecia e sabia exatamente o que estava falando e o que queria alcançar com esse objetivo.

Tomamos como base inicial a importância da pregação para Antônio Vieira, e para entendermos isso, precisaremos ir até um sermão muito conhecido e muito explorado nesses últimos anos: o sermão da sexagésima. Esse sermão foi um marco na vida e obra do Padre Vieira, tendo em vista que essa mensagem por ele transmitida foi um dos argumentos mais persuasivos. Em cada parte desse sermão podemos perceber a importância que ele dava à propagação da sua fé. Nele, Vieira faz sérios ataques a um grupo de pregadores que não levavam a pregação tão a sério quanto ele, isto é, não possuíam um objetivo nem uma estrutura à semelhança do padre jesuíta. De maneira, que o ele mesmo mostrou o porquê que a Palavra de Deus não produzia frutos na vida das pessoas que lia, ou ouvia a pregação, por isso, vai argumentando no sermão da sexagésima, procurando onde estaria a culpa da palavra de Deus não produzir frutos, começando desde do próprio Deus, passando pelos ouvintes, pelos próprios

---

<sup>70</sup> VAINFAS, 2011, p. 50.



meios que a palavra era pregada até chegar ao pregador. Com isso, ele chega à conclusão de que quem realmente é culpado não são os ouvintes, nem Deus, nem os meios, mas sim o próprio pregador, que é o principal obstáculo entre a Palavra e os frutos. Alida Lemos e Micaela Ramom afirmam:

No sermão da sexagésima, Vieira apresenta a sua forma de encarar a arte de pregar, defendendo a simplicidade estilística: Há de tomar o pregador uma só matéria; há de defini-la, para que se conheça; há de dividi-la, para que se distinga; há de prova-la com a Escritura; há de declara-la com a razão; há de confirma-la com o exemplo; há de amplifica-la com as causas, com os efeitos, com as vivências que se hão de seguir, com os inconvenientes, que se devem evitar; há de responder às dúvidas; há de satisfazer às dificuldades; há de impugnar, e refutar com toda a força da eloquência os argumentos contrários; e depois disto há de colher, há de apertar, há de concluir, há de persuadir, há de acabar. Isto é pregar; e o que não é isto é falar de mais alto<sup>71</sup>.

Mediante essa afirmação podemos perceber a grande importância que Vieira dava à pregação da Palavra. Por isso, não se conformava em ver a Palavra sendo pregada por muitos de uma forma aleatória, sem propósito, sem resultados. O que mais interessava a Vieira era o resultado que o sermão tinha que trazer. No entanto, não podia ser proclamado, pregado de qualquer forma, mas deveria possuir uma estrutura, um jeito, um método para poder alcançar os resultados esperados pelo pregador. Ele dava tanta importância para isso que dedicou sua vida, sua força e sua disposição por inteiro à pregação. Diante de tamanha importância, o sermão da sexagésima, que tem como texto base Mateus 13, onde o narrador bíblico mostra a tão conhecida parábola do semeador, nos dá alguns indícios sobre a seriedade com que Vieira tratava a pregação. Portanto, vale ressaltar que analisaremos neste capítulo a linguagem que o sermão possui levando em consideração o de Santo Antônio aos Peixes.

Falar em linguagem no sermão de Vieira é referir-se a um universo de conhecimento e de interpretações significativas. O discurso de Vieira nos dimensiona para uma riqueza de interpretações variadas. Entretanto, para interpretar corretamente o seu sermão, principalmente o *Sermão de Santo Antônio aos Peixes*, é preciso essa linguagem por ele empregada. Sabemos que Vieira foi influenciado pela teologia mais do que pela literatura, mas também entendemos que se apropriava da linguagem literária para discursar as suas mensagens. Conhecer o estilo que Vieira empregou no sermão nos ajuda a uma interpretação mais fiel, adequando a leitura com o seu contexto histórico. Marcus de Martine, em sua tese sobre profecia e alegoria na obra de Antônio Vieira, declara: “O que permite ao pregador fazer seu papel corretamente é

<sup>71</sup> LEMOS, Alida; RAMOM, Micaela. *Obra completa- Padre Antônio Vieira*. Tomo II, Volume II. Sermão da Sexagésima e sermões da Quaresma. São Paulo: Loyola, 2015, p. 14.

empregar com adequação a leitura alegórica, associada sim aos recursos retóricos a sua disposição”<sup>72</sup>.

Não seria possível desagregar a linguagem do sermão de Vieira da sua época, pois, estudar o sermão é estudar a época em que foi pregado e, conseqüentemente, escrito. Já de antemão adiantamos que a linguagem não era tão simples porque a época é determinada pelo período Barroco. E falar do Barroco é falar de uma linguagem complexa e completamente detalhada. Tanto o conteúdo que Antônio Vieira mencionava em seus sermões quanto a sua própria forma eram características do período em que ele estava inserido, conforme mostra Aníbal Pinto: “Ora a amplificação fornecia um dos melhores processos para atingir a exuberância que, tanto no conteúdo, como da forma, constitui uma das mais profundas marcas distintivas na literatura barroca”<sup>73</sup>. Assim sendo, para falarmos de linguagem precisamos observar o contexto histórico de quem o estava vivendo e também a sua linha de pensamento. Dentre tantas linguagens que Vieira aborda no respectivo sermão, vamos nos concentrar apenas na linguagem alegórica que, por sinal, é a mais empregada por ele e no Sermão de Santo Antônio aos Peixes. Mas antes de tratarmos diretamente da análise da linguagem no sermão, precisamos conhecer o contexto histórico em que esse discurso foi proferido. Não há como desvincularmos a linguagem do contexto, pois é ele que nos direciona quanto à interpretação do texto.

## 2.1 A linguagem literária na mensagem de Vieira

Uma questão bastante relevante em Vieira é sua linguagem literária. Não é por acaso que ele é representante tanto da literatura brasileira quanto da portuguesa. Isso se deu pelo fato de sua linguagem estar inserida dentro da linguagem literária que prevalecia na sua época. Ele é estudado como parte da literatura porque percebemos no seu sermão uma linguagem correspondente a estrutura literária. Podemos destacar algumas características propriamente literárias presentes na linguagem do Sermão de Santo Antônio aos Peixes. É o que veremos a seguir. Murilo Cavalcante Alves, corroborando com essa mesma linha de pensamento declarou:

Desde seu uso como argumento; as possíveis derivações literárias nas quais ela incorre; como se expressa no sagrado e no literário; o suporte bíblico argumentativo-metafórico da Retórica sacra; até se chegar ao itinerário percorrido por Antonio Vieira

<sup>72</sup> MARTINI, Marcus de. *As chaves do paraíso: profecia e alegoria na obra de Antônio Vieira*. Tese de doutorado. Santa Maria, RS 2011, p. 201.

<sup>73</sup> CASTRO, 1973, p. 129.

que, ao utilizá-la como elemento meramente argumentativo, incorre incidentalmente no sacro-literário<sup>74</sup>.

Com isso, percebemos algumas características nos sermões de Vieira que os fizeram literários.

## 2.2 Características do texto literário presentes no sermão de Vieira

### 2.2.1 Variabilidade

Não podemos negar que em seu *Sermão de Santo Antônio aos Peixes* percebemos exemplos de variabilidade<sup>75</sup> em seu conteúdo. Como a própria palavra sugere, variabilidade é o mesmo que variável, ou seja, suas obras variam de acordo com o tempo. Assim, com o passar do tempo, esse sermão passa a ser percebido de outras formas, porém, mantém sua variação acompanhando o tempo quando foi pregado. Logo no início do sermão percebemos o quanto ele apresenta essa característica de variabilidade.

Vós, diz Cristo, Senhor nosso, falando com os pregadores, sois o sal da terra: e chama-lhes sal da terra, porque quer que façam na terra o que faz o sal. O efeito do sal é impedir a corrupção; mas quando a terra se vê tão corrupta como está a nossa, havendo tantos nela que têm ofício de sal, qual será, ou qual pode ser a causa desta corrupção? Ou é porque o sal não salga, ou porque a terra se não deixa salgar. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores não pregam a verdadeira doutrina<sup>76</sup>;

A presença da variabilidade é bastante visível no sermão de Vieira. Este mostra que os pregadores são o sal da terra e possuem responsabilidade diante do povo. Esse discurso ainda perdura nos dias atuais pelo fato da linguagem literária utilizada apresentar um recurso bastante significativo. Luana Castro, falando sobre a variabilidade no texto literário, afirma que “Assim como a língua, a Literatura também acompanha as mudanças culturais, que podem ser notadas não só no discurso individual, mas também no discurso cultural”<sup>77</sup>.

<sup>74</sup> ALVES, 2016, p. 128.

<sup>75</sup> Também podemos perceber esse recurso no sermão Bom sucesso das armas de Portugal contra as da Holanda: “Entrarão os hereges nesta igreja e nas outras; arrebatarão esta custódia em que agora estais adorado dos anjos: tomarão os cálices e vasos sagrados, e aplicá-los-ão a suas nefandas embriaguezes. Derrubarão dos altares os vultos e estátuas dos santos, deformá-las-ão a cutiladas e metê-las-ão no fogo, e não perdoarão as mãos furiosas e sacrílegas nem as imagens tremendas de Cristo crucificado, nem as da Virgem Maria” (2009, p. 273).

<sup>76</sup> VIEIRA, 2013, p. 7.

<sup>77</sup> PEREZ, Luana Castro Alves. *Linguagem literária*. Brasil Escola. Disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/literatura/linguagem-literaria.htm>>. Acesso em: 01 maio. 2017.

### 2.2.2 Multissignificação

Um outro elemento marcante no sermão pregado por Vieira é o recurso que chamamos de multissignificação<sup>78</sup>. Luana Castro mostra que:

A Literatura apresenta uma linguagem que a difere da linguagem utilizada no cotidiano. Diferentemente do discurso que adotamos em nosso dia a dia, no qual prepondera o uso objetivo da fala, o discurso literário pode apresentar múltiplas leituras e interpretações<sup>79</sup>.

Percebe-se que o texto possui vários significados, várias formas de ser interpretado: possui elementos fortes sobre os vários significados que podemos atribuir a ele, a formação discursiva, por excelência persuasiva, se faz presente no referido texto, pois esse deixa claro que Vieira mostra as propriedades do sal, que, por sinal, apresenta várias interpretações. No capítulo II verifica-se uma possível interpretação sobre a sua visão ao interpretar essas propriedades, configura-se, na sua visão, uma possível interpretação, mediante o jogo literário que é utilizado e que mostra as várias faces que essa linguagem apresenta:

*Vos estis sal terrae.* Haveis de saber, irmãos peixes, que o sal, filho do mar como vós, tem duas propriedades, as quais em vós mesmos se experimentam: conservar o são e preservá-lo para que se não corrompa. Estas mesmas propriedades tinham as pregações do vosso pregador Santo António, como também as devem ter as de todos os pregadores. Uma é louvar o bem, outra repreender o mal: louvar o bem para o conservar e repreender o mal para preservar dele<sup>80</sup>.

Percebemos claramente o quanto podem ser atribuídos vários significados a sua interpretação que, para Vieira o Sal serve para conservar e para não se corromper. O leitor e o ouvinte puderam atribuir sua própria significação ao texto e à palavra que foi proferida por Vieira. Quando analisamos essa passagem citada e também outros trechos, encontramos vários elementos de multissignificação. Dando assim a sua de literária ao seu discurso religioso.

<sup>78</sup> No sermão Bom sucesso das Armas de Portugal contra as da Holanda, vemos nitidamente esse recurso no trecho: “Os ventos e tempestades, que descompõem e derrotam as nossas armadas, derrotam e desbaratam as suas; as doenças e pestes, que diminuem e enfraquecem os nossos exércitos, escalam, as suas muralhas e despovoem os seus presídios; os conselhos que, quando vós sejam alumiados e neles enfatuados e confusos. Mude a vitória as insígnias, desafrontem-se as cruces católicas, triunfem as vossas chagas nas nossas bandeiras, e conheça, humilhada e desenganada, a perfídia que só a fé romana que professamos é fé, e só ela é verdadeira e a vossa” (2009, p. 268).

<sup>79</sup> PEREZ, Disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/literatura/linguagem-literaria.htm>>. Acesso em: 04 maio. 2017.

<sup>80</sup> VIEIRA, 2013, p. 11.

### 2.2.3 Trabalho estilístico

Não podemos negar que em suas obras, Vieira trabalha de uma forma estilística<sup>81</sup> para compor cada frase do seu texto - mais uma comprovação de que a literatura estava presente em suas obras e principalmente nesse sermão. No estilo de Vieira destacam-se, ainda, a naturalidade com que ele alterna entre uma linguagem mais elaborada e a descontração marcada pela oralidade, já que o padre prezava por ser entendido. Seu raciocínio, pautado numa lógica silogística, é muito bem articulado e amarrado, valendo-se da estilística para defender suas ideias e de uma forma bem elaborada. Por meio desse trabalho estilístico - típico do barroco literário, em especial, em um gênero marcado pela oralidade, como o são os sermões - Antônio Vieira mobilizou afirmações polêmicas, destinadas a prender a atenção dos ouvintes; valeu-se de repetições e emprego de verbos de significado próximo para reforçar a mensagem; usou alegorias e antíteses que se dissolvem e se desdobram em novas oposições; no livro *Presença da Literatura Brasileira*, Antônio Candido e José Aderaldo Castello observam que Vieira “atingiu o máximo da virtuosidade na expressão sutil, no fraseado de intrincada estrutura lógica, carregada de alegorias e antíteses”<sup>82</sup>. E utilizou esses sofisticados recursos formais para expressar “sua extraordinária humanidade e sentimento patriótico, (...) preocupação política, vigilância sobre a sociedade”<sup>83</sup>. Percebemos claramente essa marca no trecho:

Vede, peixes, quão grande bem é estar longe dos homens. Perguntando um grande filósofo qual era a melhor terra do Mundo, respondeu que a mais deserta, porque tinha os homens mais longe. Se isto vos pregou também Santo António – e foi este um dos benefícios de que vos exortou a dar graças ao Criador – bem vos pudera alegar consigo, que quanto mais buscava a Deus, tanto mais fugia dos homens. Para fugir dos homens deixou a casa de seus pais e se recolheu a uma religião, onde professasse perpétua clausura<sup>84</sup>.

Percebemos também aqui o estilo bem elaborado e marcado que Vieira utilizava para defender sua ideologia. Com esse trabalho estilístico, mostrava que a literatura era essencial

<sup>81</sup> No trecho do Sermão do Bom sucesso das Armas de Portugal contra as da Holanda, aparece também esse recurso: “Considerai, Deus meu - e perdoai-me, se falo inconsideradamente - considerai a quem tirais as terras do Brasil e a quem as dais. Tirais estas terras aos portugueses a quem nos princípios as destes; [...] àqueles mesmos portugueses a quem escolhestes entre todas as nações do Mundo para conquistadores da vossa Fé, e a quem destes por armas como insígnia e divisa singular vossas próprias chagas. E será bem, Supremo Senhor e Governador do Universo, que às sagradas quinas de Portugal e às armas e chagas de Cristo, sucedam as heréticas listas de Holanda, rebeldes a seu rei e a Deus? Será bem que estas se vejam tremular ao vento vitoriosas, e aquelas abatidas, arrastadas e ignominiosamente rendidas?” (VIEIRA, 2009, p. 269).

<sup>82</sup> CÂNDICO, Antônio; CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da Literatura Brasileira*. 1976 p. 68.

<sup>83</sup> CÂNDICO, 1976, p. 69.

<sup>84</sup> VIEIRA, 2013, p. 17.

para o desenvolvimento das suas obras. Ele fala aos peixes, mas, na verdade, refere-se aos homens.

#### 2.2.4 Cronotopia

Vieira tinha plena convicção do espaço e do tempo em que estava proferindo suas prédicas, e mais precisamente o *Sermão de Santo Antônio aos Peixes*<sup>85</sup> - pregado no dia 13 de Junho de 1654, em São Luís do Maranhão, três dias antes de partir em segredo para Portugal, na luta dos jesuítas contra a escravidão dos índios pelos colonizadores, procurando assim, uma alternativa para livrar os índios dessa condição. O sermão revela toda a ironia, riqueza nas sugestões alegóricas e agudo senso de observação sobre os vícios e vaidades do homem, comparando-o, por meio de alegorias, aos peixes – conforme mostra o trecho abaixo do referido sermão:

Antes, porém, que vos vades, assim como ouvistes os vossos louvores, ouvi também agora as vossas repreensões. Servir-vos-ão de confusão, já que não seja de emenda. A primeira cousa que me desedifica, peixes, de vós, é que vos comeis uns aos outros. Grande escândalo é este, mas a circunstância o faz ainda maior. Não só vos comeis uns aos outros, senão que os grandes comem os pequenos. Se fora pelo contrário, era menos mal. Se os pequenos comeram os grandes, bastara um grande para muitos pequenos; mas como os grandes comem os pequenos, não bastam cem pequenos, nem mil, para um só grande. Olhai como estranha isto Santo Agostinho: *Homines pravis, praeversisque cupiditatibus facti sunt, sicut pisces invicem se devorantes*: Os homens com suas más e perversas cobiças, vêm a ser como os peixes, que se comem uns aos outros<sup>86</sup>.

É possível perceber que o momento era de preocupação pelo fato de existir uma injustiça por parte de alguns. Além disso, uns se colocam numa posição superior aos outros de

<sup>85</sup> Aqui também, no sermão Bom sucesso das Armas de Portugal contra as da Holanda, esse recurso é bem claro: O que venho a pedir ou protestar, Senhor, é que nos ajudeis e nos liberteis: Mui conformes são estas petições ambas ao lugar e ao tempo. Em tempo que tão oprimidos e tão cativos estamos, que devemos pedir com maior necessidade, senão que nos liberteis: *Redime nos?* E na casa da Senhora da Ajuda, que devemos esperar com maior confiança, senão que nos ajudeis: Não hei de pedir pedindo, senão protestando e argumentando; pois esta é a licença e liberdade que tem quem não pede favor, senão justiça. Se a causa fora só nossa e eu viera a rogar só por nosso remédio, pedira favor e misericórdia. Mas como a causa, Senhor, é mais vossa que nossa, e como venho a requerer por parte de vossa honra e glória, e pelo crédito de vosso nome – *Propter nomen tuum* - razão é que peça só razão, justo é que peça só justiça. Sobre este pressuposto vos hei de argüir, vos hei de argumentar; e confio tanto da vossa razão e da vossa benignidade, que também vos hei de convencer. Se chegar a me queixar de vós e a acusar as dilatações de vossa justiça, ou as desatenções de vossa misericórdia: *Quare obdormis? Quare oblivisceris?* não será esta vez a primeira em que sofrestes semelhantes excessos a quem advoga por vossa causa. As custas de toda a demanda também vós, Senhor, as haveis de pagar, porque me há de dar vossa mesma graça as razões com que vos hei de argüir, a eficácia com que vos hei de apertar e todas as armas com que vos hei de render. E se para isto não bastam os merecimentos da causa, suprirão os da Virgem Santíssima, em cuja ajuda principalmente confio. Ave Maria (2009, p. 266).

<sup>86</sup> VIEIRA, 2013, p. 27-28.



maneira que Vieira chama a atenção para a enorme desigualdade, onde os poderosos estavam se beneficiando dos pequenos, estes, para ele, indefesos. Esse recurso de cronotopia foi utilizado por Vieira para mostrar o quanto ele sabia usar bem essas ideias respeitando o momento histórico que vivenciava, abordando linguagens literárias para desenvolver e estruturar os seus discursos. E isso serviu para mostrar o quanto ele estava envolvido com sua época e com as questões sociais de seu tempo<sup>87</sup>.

## 2.2.5 Outras características literárias

A linguagem utilizada pelo padre era típica da literatura da época barroca: complexa, culta e cheia de figuras de linguagem<sup>88</sup>. Podemos perceber algumas figuras no sermão, a exemplo das antíteses<sup>89</sup>:

Tanto pescar e tão pouco tremer<sup>90</sup>!  
 No mar, pescam as canas, na terra pescam as varas<sup>91</sup> (...)  
 (...) deu-lhes dois olhos, que diretamente olhassem para cima (...) e outros dois que diretamente olhassem para baixo<sup>92</sup> (...)  
 A natureza deu-te a água, tu não quiseste senão o ar<sup>93</sup> (...)  
 (...) traçou a traição às escuras, mas executou-a muito às claras<sup>94</sup>.  
 (...) António (...) o mais puro exemplar da candura, da sinceridade e da verdade, onde nunca houve dolo, fingimento ou engano<sup>95</sup>.  
 Oh que boa doutrina era esta para a terra, se eu não pregara para o mar<sup>96</sup>!

Essas antíteses utilizadas mostram o cuidado que ele tinha para estruturar sua linguagem. É possível, ainda, perceber também um outro recurso muito utilizado por Vieira, que é a comparação<sup>97</sup>, presente nos seguintes trechos:

<sup>87</sup> A cronotopia permite a materialização do tempo no espaço, como se o tempo se tornasse visível. Segundo Marília (2006), a cronotopia para Bakhtin é uma das instâncias principais para o entendimento do texto literário. Ao longo de todo o texto, Bakhtin deixa claro que deseja saber, em cada época da história do romance, como o problema do tempo é tratado ou qual é a concepção de tempo que vigora. Bakhtin acompanha a inscrição do tempo no espaço da representação. AMORIN, Marília. Cronotopo e exotopia. In: BRAIT, Beth. Bakhtin: outros conceitos-chave/Beth Brait. (org.). São Paulo: Contexto, 2006, p. 102-3.

<sup>88</sup> A linguagem utilizada pelo padre era típica da literatura da época barroca: complexa, culta e cheia de figuras de linguagem. Tais quais, figuras de palavras de comparação: "... Cegos e mancos são os luteranos..." (p. 272); metáfora na frase "...Beberão o erro pelos olhos..." (p. 268)

<sup>89</sup> Sermão de Santo Antonio aos Peixes. Disponível em: ><https://atena2010.wordpress.com/2011/05/23/sermao-de-santo-antonio-aos-peixes-antonio-vieira/>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

<sup>90</sup> VIEIRA, 2013, p. 23.

<sup>91</sup> VIEIRA, 2013, p. 23.

<sup>92</sup> VIEIRA, 2013, p. 25.

<sup>93</sup> VIEIRA, 2013, p. 43.

<sup>94</sup> VIEIRA, 2013, p. 46.

<sup>95</sup> VIEIRA, 2013, p. 47.

<sup>96</sup> VIEIRA, 2013, p. 47.

<sup>97</sup> Sermão de Santo Antonio aos Peixes. Disponível em:



Certo que se a este peixe o vestiram de burel e o ataram com uma corda, parecia um retrato marítimo de Santo António<sup>98</sup>.

O que é a baleia entre os peixes, era o gigante Golias entre os homens<sup>99</sup>; (...) com aquele seu capelo na cabeça, parece um monge; com aqueles seus raios estendidos, parece uma estrela; com aquele não ter osso nem espinha, parece a mesma brandura (...) <sup>100</sup>;

As cores, que no camaleão são gala, no polvo são malícia <sup>101</sup> (...); (...) e o salteador, que está de emboscada (...) lança-lhe os braços de repente, e fá-lo prisioneiro. Fizera mais Judas <sup>102</sup>?

Vê, peixe aleivoso e vil, qual é a tua maldade, pois Judas em tua comparação já é menos traidor <sup>103</sup>!

Percebemos também o uso dessas figuras de linguagem no sermão de Vieira, mostrando o quanto ele usava esses recursos no momento da interpretação e aplicação do texto, respeitando época e o estilo em que vivia. Nessa parte, quando Vieira descreve os peixes voadores, deixa claro a forma como ele utilizou-os, ele argumentou:

Com os voadores tenho também uma palavra, e não é pequena a queixa. Dizei-me, voadores, não vos fez Deus para peixes? Pois porque vos meteis a ser aves? O mar fê-lo Deus para vós, e o ar para elas. Contentai-vos com o mar e com nadar, e não queirais voar, pois sois peixes. Se acaso vos não conheceis, olhai para as vossas espinhas e para as vossas escamas, e conhecereis que não sois aves, senão peixes, e ainda entre os peixes não dos melhores. Dir-me-eis, voador, que vos deu Deus maiores barbatanas que aos outros de vosso tamanho. Pois porque tivestes maiores barbatanas, por isso haveis de fazer das barbatanas asas?! Mas ainda mal, porque tantas vezes vos desengana o vosso castigo. Quisestes ser melhor que os outros peixes, e por isso sois mais mofino que todos. Aos outros peixes, do alto mata-os o anzol ou a fisga, a vós sem fisga nem anzol, mata-vos a vossa presunção e o vosso capricho. Vai o navio navegando e o marinheiro dormindo, e o voador toca na vela ou na corda, e cai palpitando. Aos outros peixes mata-os a fome e engana-os a isca; ao voador mata-o a vaidade de voar, e a sua isca é o vento. Quanto melhor lhe fora mergulhar por baixo da quilha e viver, que voar por cima das antenas e cair morto <sup>104</sup>!

Vieira era o mestre da palavra. Sua linguagem – típica do período barroco, conforme já anunciamos - encantava e ainda encanta qualquer pessoa que tenha contato com ela. Com esses argumentos entendemos os motivos pelos quais as obras de Vieira foram consideradas literatura. Contribui a afirmação de Lopes:

<<https://atena2010.wordpress.com/2011/05/23/sermao-de-santo-antonio-aos-peixes-antonio-vieira/>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

<sup>98</sup> VIEIRA, 2013, p. 44.

<sup>99</sup> VIEIRA, 2013, p. 38.

<sup>100</sup> VIEIRA, 2013, p. 45.

<sup>101</sup> VIEIRA, 2013, p. 45.

<sup>102</sup> VIEIRA, 2013, p. 46.

<sup>103</sup> VIEIRA, 2013, p. 46.

<sup>104</sup> VIEIRA, 2013, p. 42.

Vieira revela em seus textos de eloquência sagrada uma sensibilidade aflorada para enxergar o que quer que possa adaptar às suas concepções teológicas. Como mestre das metáforas mais complexas, que vai descarregando em jatos de imaginação, a tudo transforma em imagens eloquentes, em um variado e colorido desfile de hipérboles. São as facetas do ‘pensar simbólico’<sup>105</sup>.

Conforme vimos na citação acima, também podemos perceber no *Sermão de Santo Antônio aos Peixes* o uso muito grande da metáfora. Vainfas afirma que “o modo de argumentar, a eloquência nas exortações, o uso de metáforas claras, o apelo emocional, tudo isso fazia do jovem inaciano uma estrela em ascensão”<sup>106</sup>.

### 2.2.6 Alegoria

Quando falamos da linguagem de Vieira no sermão, percebemos que a forma utilizada era bastante significativa para mostrar o seu sermão, pois ao apropriar-se dessa linguagem estava mostrando que também ela fazia parte do método português de pregar, ou seja, era um método utilizado para poder configurar o seu discurso pelo fato de vivenciar o contexto. Anibal Pinto<sup>107</sup> afirmou:

Na sua interpretação havia que ter em conta o sentido literal e o sentido místico, no qual se consideravam ainda o tropológico, o analógico e o alegórico. Pelo uso adequado destes vários sentidos se formavam os conceitos predicáveis, verdadeira pedra de todo que do método português de pregar[...]

Falar de alegoria é falar de um tipo de interpretação complexa. Assim, precisamos entender as alegorias porque elas nos dão margem para várias possibilidades de interpretações. Vieira utilizava alegorias por serem uma figura de linguagem pertencente à retórica, e era importante saber o que simbolizavam, pois serviam exatamente para fazer o ouvinte pensar em tudo aquilo que estava sendo dito, ou seja, para conduzir a uma profunda reflexão diante do assunto apresentado. A alegoria<sup>108</sup> era uma estratégia de linguagem que permitia um paralelo entre o contexto histórico e o contexto atual. Uma linguagem alegórica precisa de uma interpretação diferenciada para não serem criadas ideias que o texto não quer transmitir em sua totalidade. Esse recurso de linguagem é uma expressão figurativa de um pensamento ou de um

<sup>105</sup> LOPES, 2008, p. 40.

<sup>106</sup> VAINFAS, 2014, p. 50.

<sup>107</sup> CASTRO, 1973, p. 116 e 117.

<sup>108</sup> A alegoria [...] é a metáfora, que é continuada por um tropo de pensamento e consiste na substituição do pensamento em causa, por outro pensamento, que está ligado, numa relação de semelhança, a esse pensamento em causa, p. 249. Heinrich LAUSBERG em sua obra *Elementos de Retórica Literária* (Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1982).

sentimento, através da qual um objeto pode significar outro. Portanto, podemos dizer que o sermão é uma alegoria pelo fato de mostrar que os peixes são “personificação” dos homens. Marcus de Martine abordou em sua tese que existem duas formas de olhar para a linguagem alegórica e também mostrou a importância da alegoria para a interpretação do sermão da seguinte forma:

[...] é bom ressaltar que a maioria dos autores usa noção de alegoria em dois sentidos: a alegoria como forma de composição poética-retórica (a alegoria dos poetas) e a alegoria como forma de interpretação (a alegoria dos teólogos) No entanto, devido à própria origem da alegoria, grande parte dos estudos apresentam uma convergência das duas abordagens<sup>109</sup>.

Essa questão é importante porque é através da lente da alegoria que podemos interpretar e conseqüentemente entender a mensagem pregada por Antônio Vieira no *Sermão de Santo Antônio aos Peixes*, conforme mostrou Martine:

A diferença entre o literal e alegórico não era absoluta a alegoria era uma figura de linguagem na Retórica e, com frequência, uma interpretação alegórica significava apenas a compreensão de uma metáfora. No entanto, como a linguagem era considerada algo simbólico, a questão era saber o que ela simbolizava<sup>110</sup>.

Essa figura de linguagem, que era típica da corrente que Vieira seguia, dava-lhe um senso de criatividade enorme. Ele se transformou nesse gênio verbal porque conseguiu atingir uma expressão imensurável da oratória. Vieira utilizava bastante essa linguagem como símbolo de um discurso que ele estava produzindo. Esses símbolos alegóricos serviam exatamente para mostrar o quanto ele conseguia dominar a linguagem que pregava. Na medida que os ouvintes se deparavam com seu discurso percebiam que Vieira possuía um vocabulário enriquecedor, o que o transformou num gênio verbal, conforme Figueiredo afirmou:

Com seu gênio Verbal, Vieira chegou a atingir expressão insuperável. Há nos seus sermões fragmentos, que por si mesmos se inculcam como flores de uma antologia: reflexões morais filosóficas, alegóricas conceitos e descrições em que, sem caprichos nem novidades na sintaxe ou no léxico, o relevo é máximo, varonil a energia, e a precisão tão grande como a eloquência<sup>111</sup>.

E por ser esse gênio verbal, Vieira consegue refletir sobre diversos assuntos utilizando uma linguagem completamente enriquecedora e desafiadora para todos. Entendê-lo não é tarefa impossível, mas o esforço para interpretação é bem maior porque o jogo de palavras presente

<sup>109</sup> MARTINE, Marcus. As chaves do Paraíso. *Profecia e alegoria na obra de Padre Antônio Vieira*. UFSM- RS: 2011. p. 152.

<sup>110</sup> MARTINE, 2011, p. 181.

<sup>111</sup> FIGUEIREDO, Fidelino de. *História literária de Portugal (séc. XII-XX)*. Rio de Janeiro: Cultura, n\ d., p. 267.

em seu discurso apresenta grandes desafios. Logo, não podemos propor uma interpretação do *Sermão de Santo Antônio aos Peixes* se não partirmos do ponto de vista da linguagem alegórica. Conforme Lopes mencionou:

Como autor barroco, as concepções do autor estão cheias de simplismo complexo, o que faz da história dos homens uma dimensão de realidade dependente de um ultramundo, de uma realidade não-empírica, não fenomênico. Assim é que a perspectiva cosmologia de Vieira ainda se constitui num jogo de equivalências hierárquicas. Trata-se do recurso da alegoria, recurso por meio do qual o acontecimento sensorial empalidece, sobrepujado ela significação figurada<sup>112</sup>.

No *Sermão de Santo Antônio aos Peixes*, podemos identificar a alegoria da seguinte forma:

No exórdio - tratado no Capítulo I desta dissertação - Vieira apresenta duas propriedades básicas: o sal e os pregadores. O sal tem como objetivo conservar e evitar a corrupção; os pregadores, louvar o bem e impedir o mal. A partir dessa análise, entendemos que o objetivo de Vieira era mostrar o porquê de a terra estar corrupta. Em termos alegóricos: o sal não salga e nem a terra se deixa salgar. Para Vieira, o sal não salga pelo fato de os pregadores (sal) não pregarem a doutrina verdadeira e também por sua incoerência: pregarem uma coisa e fazerem outra. Portanto, percebemos claramente o uso da alegoria em seu sermão, porque era também uma forma comum e viva ainda marcante em sua época. Conforme podemos observar:

Sem dúvida, a ideia da alegoria parece ser mesmo pertinente como elemento teórico de análise das imagens régias no pensamento histórico e político de Vieira. Isso porque, nos círculos eclesiais do século XVII, essa forma de representação ainda estava bem viva. Nos textos históricos e políticos escritos por Vieira parece ser possível identificar numerosas exemplificações desses esquemas alegóricos<sup>113</sup>.

O sermão deixa claro que Vieira estava mencionado o fato de eles pregarem mais a si mesmos do que a Cristo. Afirma também que a terra não se deixa salgar (os ouvintes) pelo fato de não querer receber a verdadeira doutrina de Cristo, por conseguinte, querem imitar o que os pregadores fazem e não o que eles dizem e acima de tudo querem servir mais a si mesmos e não a Deus. As possíveis soluções indicadas no sermão em seu exórdio eram ao sal cumprir sua função de sal e a terra deixar-se salgar.

---

<sup>112</sup> LOPES, 2008, p. 35.

<sup>113</sup> LOPES, 2008, p. 35.

Esse recurso alegórico, utilizado no exórdio, serviu para exemplificar a forma como Vieira utilizava as palavras, e isso que é importante para entendermos o funcionamento dessa linguagem para chegarmos a sua interpretação.

Quando nos afastamentos do elemento alegórico, estamos nos afastando de uma interpretação mais possível daquilo que o texto está querendo transmitir e do objetivo que o pregador está querendo chegar ao utilizar esse recurso. A partir daí percebemos durante a construção do sermão os recursos alegóricos presentes em todo o conteúdo onde estamos analisando. Além disso, podemos entender que Vieira apropriou-se da linguagem alegórica para chegar a uma possível interpretação e levar os seus ouvintes a refletir sobre sua condição de seguidores de Cristo.

No desenvolvimento do *Sermão de Santo Antônio aos Peixes*, percebemos a alegoria sendo construída em várias partes. Todo o sermão vai se estruturando tendo como recurso a alegoria além dos recursos literários citados. Na linguagem, os peixes são comparados aos homens e as suas virtudes são, por conseguinte, uma comparação com os defeitos dos homens juntamente com seus vícios. O pregador fala aos peixes, mas na verdade o seu alvo é fazer apenas fazer uma comparação das atitudes dos peixes com as dos homens.

Vieira, de forma alegórica, afirma que os peixes são bem melhores que os homens, por isso quanto mais longe destes estiverem, melhor para os peixes. Portanto, o pregador vai mostrar que os peixes ouvem e não falam, enquanto os homens falam muito e ouvem pouco. Desse modo, Vieira vai discorrendo sobre as virtudes que dependem sobretudo de Deus e as próprias virtudes naturais dos peixes.

Ainda usando a alegoria, no decorrer do sermão Vieira mostra que há virtudes que dependem de Deus e estabelece um paralelo com as virtudes naturais dos próprios peixes. Ele afirma, por exemplo, que os peixes foram uma das primeiras criaturas criadas pelo próprio Deus, conseqüentemente, uma das primeiras nomeadas pelo homem (Adão), e também são os mais numerosos. Isso num paralelo com as virtudes naturais que os próprios peixes apresentam - não se domam e nem se domesticam - e foram abençoados pelo fato de escaparam todos do dilúvio e não teremos cometido pecados. Portanto, ao fazer essas comparações, Vieira utiliza-se da alegoria para poder construir seus argumentos. Todavia, esse recurso tornou-se uma possibilidade para mostrar aos ouvintes que os peixes, pela sua forma de ser, estaria sendo melhor que os homens.

De todo modo, a importância dessa linguagem serviu para mostrar como Vieira dominava essa característica alegórica em seu discurso. Essa linguagem mostrava-se atrativa e importante como uma forma de chamar a atenção dos seus ouvintes para aquilo que ele queria

mencionar. Porque, ele queria dar um sentido a sua mensagem, por isso esse recurso foi tão forte em seus sermões. Antonie assim definiu alegoria:

Alegoria é uma interpretação anacrônica do passado, uma leitura do antigo, segundo o modelo do novo, um ato hermenêutico de apropriação: à intenção antiga ela substitui a dos leitores. (...) A alegoria é um instrumento todo poderoso para inferir um sentido novo ao texto antigo<sup>114</sup>.

No sermão que estamos analisando, Vieira continua seu argumento também de uma forma alegórica. Para ele, os peixes não foram castigados por Deus no dilúvio, sendo, portanto, exemplo para os homens que pouco respeito tem pela palavra de Deus. Quanto aos animais que convivem com os homens foram castigados, estão domados e domesticados, sem liberdade. Um dos maiores exemplos de alegoria que percebemos no sermão em estudo está no Capítulo III do seu discurso, em que Vieira continua os seus argumentos louvando as virtudes particulares de alguns tipos de peixes: no peixe Tobias o fel sara a cegueira e o coração expulsa os demônios; a Rémore é tão pequeno no corpo e tão grande na força e no poder; o Torpedo tem descarga elétrica que faz tremer o braço do pescador e o Quatro-Olhos tem os dois olhos voltados para cima, para se vigiarem das aves e os outros dois olhos voltados para baixo para cuidar-se dos peixes.

Ao destacar as virtudes de cada peixe, Vieira faz um paralelo com Santo Antônio mostrando-as na prática, como também apresentando os efeitos e resultados produzidos de acordo com cada peixe, como, por exemplo, no peixe Tobias, ele mostra que este sarou a cegueira do pai de Tobias e lançou fora os demônios, para mostrar que Santo Antônio iluminava e curava as cegueiras dos ouvintes e ainda lançava os demônios fora de casa. O Rémore pega-se, prende-se e amarra o navio mostrando também que a língua de Santo Antônio conseguiu domar a ira das paixões humanas, tais quais: a soberba, vingança, cobiça e a própria sensualidade. O Torpedo, que faz tremer o braço do pescador não o permitindo pescar, atribui-se a Santo Antônio pelo fato deste pregar para alguns pescadores que fez tremer os ouvidos e as palavras do pregador chegando a tomar a decisão de converterem-se. E o Quatro-Olhos, que se defende de outros peixes e das aves mostrando que ao pregador deve olhar para cima, que chama de Céu e para baixo que chama de Inferno. Na verdade, ele estava estabelecendo um paralelo das virtudes dos peixes que deveriam ser seguidas pelos homens estabelecendo assim um simbolismo linguístico, conforme segue nas palavras de João Adolfo Hansen, no seu artigo

<sup>114</sup> COMPAGNON, A. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Belo horizonte: UFMG, 2001, p. 56-57.



sobre alegoria “o simbolismo linguístico é revelador de um simbolismo natural, das coisas, escrito desde sempre por Deus na Bíblia e no mundo”<sup>115</sup>.

No capítulo III do sermão, podemos perceber o uso constante da alegoria utilizada por Vieira em sua linguagem barroca, que nos leva a analisar e olhar para seu discurso de uma forma mais consistente. O uso da alegoria deixa o texto completamente mais rico e mais detalhado a ponto de prender a atenção do leitor\ouvinte para o conteúdo que ele estava querendo transmitir. Hansen, prefaciando o livro *Teatro do Sacramento*, de Alcir Pécora, afirma:

Da parte para o todo e do todo para as partes: em Vieira, como em outros seiscentistas ibéricos e italianos, a representação é infinita; logo, em cada caso, os conceitos de sermão rebatem-se tabularmente, pois são metáfora da Metáfora. Figuram o ponto fixo da prudência já atualizada no passado e que de novo penetra o tempo no juízo eticamente agudo do Padre, ensinando que não está a felicidade em viver, senão em saber viver e que nem vive mais o que mais vive, senão o que melhor vive, porque não mede o tempo à vida, senão o seu emprego<sup>116</sup>.

Na medida que o pregador utiliza essa característica mostra que a vida pode ser comparada a vários tipos de recursos, ou seja, a recursos alegóricos ou metafóricos para poder ter uma compreensão diferente ou até mais ampla da situação atual.

Ao chegar no capítulo IV do Sermão de Santo Antônio aos Peixes, Vieira faz uma repreensão aos vícios em geral “antes porém que vos vades, assim como ouvistes os vossos louvores, ouvi também agora as vossas repreensões”<sup>117</sup>. E a primeira coisa que ele fala a esse respeito é relacionada aos peixes, isto é, ao fato de os peixes se comerem uns aos outros, sendo que os maiores devoram os menores: “Olhai, peixes, lá do mar para a terra”<sup>118</sup>. No decorrer do capítulo, ele vai mostrando que os maiores sobrepõem-se aos menos em suas lutas pela sobrevivência. Aos olhos de Vieira, tal fato era completamente injusto porque os menores não tinham em quem se apegar nem muito menos com quem contar. Essa crítica comparativa feita por Vieira trouxe à tona questões escondidas, as quais ele coloca à luz do dia, estabelecendo um vínculo entre o alegórico e o real. Sobre esse recurso utilizado por Vieira, essa forma de abordar determinados assuntos, ou na verdade, todos os assuntos, Hansen também afirmou que:

[...] põe-se na oratória de Vieira, de modo argumentativo sempre, a questão nuclear da proportio, que estabelece o vínculo, secreto ou explícito, dos conceitos entre se e,

<sup>115</sup> HANSEN, João Adolfo. *Alegoria: Construção e Interpretação da metáfora*. 2 ed. São Paulo: Atual, 1987.

<sup>116</sup> HANSEN, 2008. p. 13.

<sup>117</sup> VIEIRA, 2013, p. 27.

<sup>118</sup> VIEIRA, 2013, p. 28.



generalizadamente, das coisas entendidas também como signos na ordem da natureza e da história, quando são lidas participativamente por meio da alegoria factual<sup>119</sup>.

Os fatos que ele apresentava mostravam a condição de vida das pessoas de sua época e denunciavam a exploração, pelos ricos, daqueles que não tinham nenhuma condição e nem em quem se apoiar. No entanto, e diante dessa situação, os pregadores não estavam fazendo absolutamente nada para que tal realidade fosse transformada.

No capítulo V, também de forma alegórica, Vieira apresenta as repreensões de vícios em particular. Vejamos a forma que ele utilizou na construção da linguagem alegórica nesse capítulo. Ele faz uma linha mostrando os Peixes, os defeitos, os argumentos e os exemplos de homens, para chegar à mensagem que ele quer abordar. Sobre os Roncadores, escreve que os maiores defeitos são a soberba e o orgulho. Nesse sentido, eles são pequenos, porém tem muita língua; são fáceis de serem pescados. Os peixes grandes tem pouca língua, muita arrogância e pouca firmeza. Os homens de exemplos apresentados por Vieira são Pedro, Golias, Caifás e Pilatos. Já os pegadores, são chamados por ele de parasitas, pois, segundo Vieira, vivem na dependência dos grandes, morrem com eles. Portanto, os grandes morrem porque comeram, e os pequenos morrem sem terem comido. Os exemplos utilizados foram toda a família da corte de Herodes e também Adão e Eva.

Em relação aos peixes Voadores, ele destaca a presunção e a ambição. De maneira que foram criados peixes e não aves, eles são pescados como peixes, mas comparados com as aves podem morrer queimado. O exemplo utilizado é o de Simão mago para representar essa comparação. O Polvo tem como efeito a traição. Ele ataca sempre de emboscada porque se disfarça. E o exemplo usado foi o de Judas, pelo fato de segundo a narrativa bíblica, ter traído Jesus.

Ao fazer essa análise alegórica, Vieira continua brincando com a linguagem para mostrar as principais diferenças entre os peixes e Santo Antônio. Os peixes Roncadores, por exemplo, que representam a soberba e orgulho, são facilmente pescados. Relacionando a Santo Antônio, Vieira mostrou que este tendo muito saber e tanto poder, não se orgulhou disso, antes se calou. Não foi abatido, mas a sua voz ficou para sempre. Em relação aos Pegadores, cujos defeitos são serem parasitas, adutores, pescados como os grandes, Vieira mostra que Santo Antônio apegou-se? com Cristo a Deus e tornou-se imortal. Já com Os Voadores, que são ambiciosos e presunçosos, ele afirmou que Santo Antônio tinha duas asas: a sabedoria natural e a sabedoria sobrenatural. Não as usou por ambição e foi considerado leigo e sem ciência, mas,

---

<sup>119</sup> HANSEN, 2008, p. 17.

mesmo assim, tornou-se sábio para sempre. O Polvo, considerado traidor, diferencia-se de Santo Antônio pelo fato de ter sido o maior exemplo da candura, da sinceridade e da verdade, em que nunca houve mentira.

Observando esse discurso de Vieira, entendemos o motivo pelo qual Figueiredo, citando O Bispo Viseu, D. Francisco Alexandre Lôbo, afirmou:

[...] que em Vieira estava toda a língua portuguesa na sua pureza nativa e na riqueza. Não é bem exato isto. Vieira é um modelo de expressão, não de riqueza vocabular ou sintática. Maravilha-nos que ele conseguisse tais efeitos com um léxico tão reduzido e uma sintaxe tão correntia. Consegui-o com essa centelha divina, que não se adquire, consegui-o em relâmpagos geniais, pela repetição e pela profusão nuns casos, pela necessidade, pelo equilíbrio, pela medida noutros. É inimitável nesse particular e é nisto que reside a parte mais pessoal; mais original e mais poderosa do seu espírito. Um inimitável mestre na arte de combinar valores comuns em efeitos novos e relevantes. Esse dom nasceu com ele, morreu com ele<sup>120</sup>.

Essa citação foi só para confirmar aquilo que estamos analisando na linguagem alegórica.

Assim, Vieira termina seu discurso alegórico no Capítulo VI, que chamamos estruturalmente, de acordo com o método português de pregar, de Peroração, em que ele utilizava um desfecho forte, capaz de impressionar o auditório e leva-lo a pôr em prática os ensinamentos. Sendo assim, Vieira chega à conclusão afirmando que os animais foram escolhidos para os sacrifícios, portanto podiam ir vivos para os sacrifícios, oferecendo o sangue e a vida. Os peixes não foram escolhidos para os sacrifícios e só poderiam ir caso os levassem mortos. Entretanto, Deus não queria que lhe oferecessem coisa morta no ritual do sacrifício. Deve ser oferecido a Deus sem ser sacrificados literalmente, mas sim sacrificar para adquirir o respeito e a obediência. Fazendo uma comparação, Vieira afirma que os homens também chegam mortos ao altar porque vão em pecado mortal. Por isso, Deus não os quer. Sendo assim, o pregador quer que os homens imitem os peixes, isto é, guardem respeito e obediência a Deus. Em outras palavras, pretende que os homens se convertam.

Para Vieira, o orador tem inveja dos peixes. Eles ofendem a Deus com as palavras. Tem consciência disso; ofendem a Deus com os pensamentos e com suas vontades. Portanto, eles não cumprem a missão que Deus criou. Já os peixes, na visão de Vieira, têm mais vantagens que o pregador pelo fato de sua “Bruteza” ser melhor do que a razão do orador. Eles não ofendem a Deus com a memória. O seu instinto é melhor que o livre arbítrio do orador; não falam; não ofendem a Deus com a vontade e sempre atingem o fim para o qual Deus os criou.

---

<sup>120</sup> FIGUEIREDO, p. 267-268.

Ao encerrar o sermão, Vieira faz um apelo para que os oradores sejam como os peixes, para cumprir o propósito para o qual Deus os fez e os chamou. Com isso, podemos perceber claramente o uso da linguagem alegórica feita por Vieira. Do começo ao fim, sempre fazendo esse paralelo entre os peixes e os homens para mostrar um ensinamento firme sobre aquilo que estava anunciando. Não se pode ignorar a importância da linguagem alegórica, principalmente neste *Sermão de Santo Antônio aos Peixes* porque foi através dessa característica que Vieira transmitiu sua mensagem. Essa foi usada, exatamente para mostrar aquilo que ele conseguia fazer com a linguagem para transmitir uma mensagem religiosa. Essa interação era bastante pertinente para percebermos o quanto Vieira usava a linguagem literária, bíblica e alegórica para cumprir sua missão: levar e espalhar o evangelho, segundo ele, para as pessoas.

Portanto, percebemos nessa análise do *Sermão de Santo Antônio aos Peixes* a importância da alegoria para a construção do pensamento de Vieira. Nesse sermão, ele vai construindo, como pudemos perceber, toda sua argumentação baseada em alegorias e metáforas, pois, como vimos no início do capítulo, era um tipo de linguagem típica do contexto histórico no qual estava inserido. Esse estilo também era uma marca dos pregadores da escola dos jesuítas, pelo fato de basearem suas ideias nesse recurso. Quando analisamos a linguagem no sermão de Vieira, estamos tentando perceber a forma como ele trata o texto, pois é preciso conhecer os métodos alegóricos que ele utilizou para fundamentar seus discursos.

Argumenta Martine, em sua tese, tratando do assunto sobre profecias e alegorias na obra de Antônio Vieira, “[...] mais precisamente, é preciso conhecer de que forma a leitura alegórica, entendida aqui, inicialmente, em sentido amplo, ou a figural foram empregadas pelos jesuítas...”<sup>121</sup> de todo modo, mesmo ele tratando do assunto profecia, vale ressaltar que a alegoria era um dos recursos primordiais para a compreensão do discurso retórico e da pregação jesuítica. E ainda Martine mostrou que:

A noção de alegoria também possui uma origem grega. Para Whitman, a alegoria já se encontrava presente desde Homero, pois, havia, especialmente, na *Ilíada*, a tendência de se personificar as emoções, como no caso da raiva que acomete Aquiles logo na primeira cena dessa epopeia. Ainda que a obra de Homero seja considerada refratária à alegoria, pois, como ensina Auerbach, há ali a primazia da objetividade, é inegável que havia a possibilidade de que se desenvolvesse a partir dessa tendência à personificação uma leitura alegórica, isto é, extrapolando o sentido meramente literal, objetivo, do texto<sup>122</sup>.

Portanto, é imprescindível a análise da linguagem alegórica do *Sermão de Santo Antônio aos Peixes* para conseguirmos ter uma interpretação apropriada do texto, que nos leve

<sup>121</sup> MARTINI, 2011, p. 152.

<sup>122</sup> MARTINE, 2011, p. 160.

a um entendimento do pensamento de Vieira ao proferir o seu discurso. Figueiredo encerra sua análise dizendo:

Era constitucionalmente um pregador, dos maiores de todos os tempos. Um sopro de vida das florestas do Brasil e dos seus incipientes problemas palpita nas suas palavras, menos cortesãs que as de BOSSUET, mas muito mais ricas de vibração e entusiasmos<sup>123</sup>.

Por isso, terminar a análise alegórica com essa citação é mostrar o quanto Vieira foi importante para sua época e continua sendo estudado como um grande expoente da literatura brasileira e portuguesa. Vale salientar que o objetivo principal do Padre Vieira não era fazer literatura, embora seja estudado por esse viés, mas sim propagar a fé cristã. O problema é que, quando o estudamos apenas pelos “óculos literários” estamos limitando profundamente o seu propósito, que foi o de catequizar. Claro que em muitos de seus sermões Vieira agiu com outros interesses, como o político, por exemplo, mas isso não tirou o caráter religioso de seus sermões. Entretanto, estudar a linguagem do sermão de Vieira é colocar Vieira no seu devido lugar: o religioso.

Uma afirmação é correta: tentar explorar a linguagem do sermão de Santo Antônio aos Peixes, como bem vimos, é mergulhar num labirinto sem fim, onde podemos descobrir muitas coisas e podemos desfrutar de tamanha beleza escultural e seu domínio quase que perfeito da linguagem utilizada. “Imperador da Língua portuguesa”, talvez seja a distinção mais justa e a que melhor caracteriza a grandeza literária do padre Vieira. Ao que tudo indica, essa figura polêmica passou a vida com a pena entre os dedos<sup>124</sup>.

O domínio da linguagem o tornou diferenciado a ponto de ser o maior representante tanto do período Barroco no Brasil quanto em Portugal. Contudo, não seria possível encerrar um capítulo falando sobre linguagem sem mencionar o poema de Fernando Pessoa, apenas para confirmar aquilo que já vimos no decorrer desta seção, como segue neste trecho: “O céu estrela o azul e tem grandeza/ Este, que teve a fama e a glória tem/ Imperador da língua portuguesa [...]”<sup>125</sup>.

<sup>123</sup> FIGUEIREDO, n/d, p. 268

<sup>124</sup> LOPES, 2008, p. 12

<sup>125</sup> PESSOA, Fernando. *Mensagem*. Lisboa: Parceria António Maria Pereira, 1934 (Lisboa: Ática, 10ª ed. 1972), p. 92.

### 3 A MENSAGEM DO SERMÃO

Vimos na parte anterior que existiram e ainda existem algumas razões que fizeram que os sermões de Vieira fossem estudados e analisados sob a ótica literária. Há ainda, segundo Helmut Hatzfeld<sup>126</sup>, alguns outros motivos que também contribuíram para que tais textos fossem considerados obras literárias. Vale lembrar que as ideias transmitidas por Vieira através dos seus sermões estavam dentro de um contexto social que o influenciou completamente na hora de elaborar e transmitir o seu discurso religioso. Não tem como desassociar o conteúdo transmitido do momento histórico em que os seus escritos e discursos foram transmitidos. Os seus sermões são textos que chamam muito a atenção tanto pela forma quanto pelo conteúdo. Almeida, fazendo uma leitura do sermão, afirmou:

Antônio Vieira chegou ao Brasil como um português. Com o passar do tempo sua finidade com o Brasil o fez considerar-se também brasileiro e foi o Brasil que ele escolheu para passar seus últimos dias de vida. Quando à situação conflituosa que encontrou se colocou como mediador de paz através de conselhos e reflexões que constituíam sua oratória<sup>127</sup>.

Nascido em Portugal, mas criado no Brasil desde os seis anos de idade, Vieira experimentou como nunca a política do Brasil-Colônia e da corte portuguesa. Seu estilo literário é essencialmente barroco, como características bem demarcadas desse período: longos períodos construídos com o uso intensivo de figuras de linguagem, como metáforas e antíteses, formando um discurso altamente persuasivo, com o intuito de convencer o ouvinte pelo raciocínio e pela razão. Com isso, entendemos a afirmação de Lopes: “O improvável e o espetacular em suas contextualizações históricas é o que há de mais interessante em suas interpretações<sup>128</sup>.” Dentre as razões podemos destacar as históricas e as contextuais:

#### 3.1 O fato de ser a época barroca no Brasil

Um período<sup>129</sup> marcado por excessiva censura à literatura resultando em pouca ou quase nenhuma participação e divulgação de escritores que se assumissem como tais. Quando ao final de sua vida intensa e promissora (final do século XVII), ele decide deixar à posteridade

<sup>126</sup> HATZFELD, Helmut. *Estudos sobre o Barroco*. São Paulo: Perspectiva, 2002, p. 145-149

<sup>127</sup> ALMEIDA, Maria do socorro Pereira de. *Sermão de Santo Antônio aos Peixes: uma leitura*. Rios Eletrônica, ano 3, n. 3, 2009, p. 83.

<sup>128</sup> LOPES, 2008, p. 69.

<sup>129</sup> Todos os sermões de Vieira estão dentro do período chamado seiscentismo, ou seja, a época Barroca no Brasil.

esses “escritos” organizados para possíveis edições, tomou-se contato com uma riqueza literária e histórica com fortes e definidas marcas estéticas do Barroco. A escrita barroca era rara e a divulgação da literatura não era tão acessível na época. Por isso, dependia de patrocínios de pessoas altamente requisitadas para poder ter uma boa divulgação das obras. Como bem afirma Merquior em sua obra *De Anchieta a Euclides: breve história da literatura brasileira*:

A arte e a literatura barrocas foram patrocinadas pelas cortes e pelo alto clero do Seiscentos. Mas entre os suportes sociais da grande síntese cultural que foi o barroco se destaca a ‘velha’ burguesia: a burguesia empresarial ou burocrática de antes da revolução industrial, formada por camadas sociais muito sensíveis à revivescência do sentimento religioso, reformado ou contra- reformista<sup>130</sup>.

Padre Antonio Vieira encaixa-se bem nesse sentido, pois não pretendia escrever para fazer literatura, a sua preocupação maior era divulgar seu discurso religioso, com a propagação da sua fé. Nesse esforço, utilizou-se da linguagem literária, entrelaçando com a época barroca para poder atingir sua missão, já que seu objetivo que era evangelizar. Seu discurso, então, começa a dar os primeiros passos na colônia no Brasil Colônia. Almeida corroborando com essa ideia afirmou:

Ele aparece na literatura em um contexto do chamado movimento barroco, sendo um dos seus maiores representantes, porém é pouco observada sua importância histórica na época colonial, seu teor conteudístico e suas facetas literárias, em prol de uma visão que visa apenas a forma conceptista<sup>131</sup>.

Portanto, quando falamos em época barroca, estamos mencionando um período literário bastante importante tanto para a literatura no Brasil quanto para o fortalecimento da religião. O Barroco chega ao Brasil por influência de vários nomes que mudaram o estilo de vida também do país. Mas, diferentemente do Barroco europeu, o Barroco brasileiro nasce e cresce ganhando características próprias, em pleno século XVII. O mundo (e inclusive o Brasil) é tomado por essa ideologia expandida como uma forma de modernidade da época. Como bem menciona Bosi em sua obra *História concisa da literatura brasileira*:

É instrutivo observar que o barroco-jesuítico não tem nítidas fronteiras espaciais, mas ideológicas. Floresce tanto na Áustria como na Espanha, no Brasil como no México. Mas já não se reconhece nas sóbrias estruturas da arte coetânea da Suécia e da Alemanha cujo ‘barroco’ luterano (que forma a música de Bach) é infenso a extremos gongóricos da imagem e do som. Há, portanto, um nexos ente barroco hispanico-

<sup>130</sup> MERQUIOR, José Guilherme. *De Anchieta a Euclides: breve história da literatura brasileira I*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996, p. 23.

<sup>131</sup> ALMEIDA, 2009, p. 84.



romano e toda uma realidade social e cultural que se inflecte sobre si mesma ante a agressão da modernidade burguesa, científica e leiga<sup>132</sup>.

É exatamente nesse período que no Brasil (colônia) desabrocha uma literatura própria que não sofria muita influência de outros povos, mas que cria seu próprio discurso literário a partir de sua cultura e sua forma de ser. Antes disso, o país era completamente influenciado por autores estrangeiros. Foi nesse período que começou a despontar os seus primeiros escritores que amavam e valorizavam o território em que viviam, inclusive Vieira, e começou a ter uma característica própria na linguagem, conforme vimos no capítulo dois desta dissertação, e principalmente, na sua forma de ver o mundo.

Nesse contexto, Vieira surge como um grande nome que vai dar uma nova perspectiva ao período barroco no Brasil. Vieira, português de nascença, mas brasileiro de estadia, nasceu em 1608 e com apenas 7 anos mudou-se para o Brasil com sua família. Depois de adulto, filiou-se à Companhia de Jesus e passou a ser um grande influenciador na política, na literatura e na religião do país. Podemos até afirmar que esse grande pregador pertence tanto à literatura portuguesa quanto à brasileira; foi tanto defensor da religião católica em Portugal quanto no Brasil. Mas foi no Brasil onde ele produziu a maior parte de seus sermões. E foi através dele que o Brasil passou a experimentar uma nova fase. Um homem que sempre colocou seus sermões a serviço das causas políticas. Por isso, ele foi chamado de o homem de ação, como bem afirma Magalhães, em sua obra *Literatura brasileira*:

Embora religioso, Vieira nunca restringiu sua atuação à pregação religiosa. Sempre pés seus sermões a serviço das causas políticas que abraçava e defendia e, por isso, se indispsôs com muita gente: com os pequenos comerciantes, com colonos que escravizavam índios e até com a Inquisição<sup>133</sup>.

Padre Antônio não se importava com as consequências de seus discursos. Sua prioridade era a propagação daquilo em que acreditava, influenciando assim o estilo de vida do povo e fazendo que tanto seu discurso religioso quanto a literatura brasileira ganhassem força no decorrer do tempo. É pertinente afirmar que se por um lado a literatura e religião ganhavam forças, a oratória barroca estava sendo valorizada por ele de uma forma precisa. Ele carregava a religião com ele, porque todos os ideais que defendeu, defende-os na visão daquilo em que acreditava. A própria interpretação do texto Sagrado – a Bíblia - era feita para propagar suas profundas convicções dentro do seu contexto. Era capaz de discutir qualquer assunto da sociedade - que fazia parte de praticamente todos os seus sermões- fazendo um paralelo com o

<sup>132</sup> BOSI, 1994, p. 29.

<sup>133</sup> CERREJA, William; MAGALHÃES, Thereza. *Literatura Brasileira*. São Paulo: atual, 2000, p. 106.



texto bíblico. Mesmo Vieira não queria alcançar o sentido histórico do texto mais do que sua interpretação em si, conforme observamos na afirmação de Lopes, citando José Van der Besselaar:

Vieira não se preocupava em alcançar o sentido histórico do texto bíblico. Ele não se importava em averiguar o que 'quis dizer' o texto sagrado. Apenas se aplicava em extrair-lhe uma lição para servir às necessidades de sua atualidade, o que Besselaar denomina por sentido acomodatório das Escrituras<sup>134</sup>.

O Barroco chegou ao Brasil com a intenção de trazer uma cultura europeia e influenciar o país com seus ideais colonizadores, mas com o passar do tempo, o Brasil foi desenvolvendo suas próprias ideias, de maneira que Mequior, em sua obra *De Anchieta a Eulália: breve história da literatura brasileira I*, chega a declarar que a nossa primeira literatura pertence à grande órbita do estilo barroco.

O Brasil foi descoberto na Renascença, mas os fundamentos da nossa cultura e, em particular, nossas primeiras realizações artísticas e intelectuais derivam principalmente do universo barroco- do barroco como período civilizacional próprio, colocado entre a crise da cultura renascentista e a Ilustração do século XVIII. Daí a necessidade de ter em conta o perfil cultural dessa época, onde se encontram nossas raízes espirituais<sup>135</sup>.

A partir dessa forma de pensar, o Brasil consegue evoluir como um país independente, começando pela estética literária barroca. Podemos até definir esse período como um período artístico e também filosófico, que se tornou um estilo de vida inspirado pela religiosidade e criou um novo modo de o homem enxergar o mundo exterior e também o interior. Era através da religião que as pessoas passaram a olhar para o mundo, ou seja, a ter uma nova perspectiva do mundo, uma outra visão daquilo em que acreditavam. A religião, nesse período, ganhou força porque tudo era vivido em função dela, e bem sabia Vieira disso, portanto, tornou-se um grande influenciador de ideias, e por ser tão perspicaz, usou a própria literatura para divulgar a mensagem religiosa.

### 3.2 Considerados um clássico da literatura brasileira.

Casam-se, no caso de Padre Antônio Vieira, o papel do fortuito com a determinação de um religioso em deixar o registro de uma vida dedicada a uma obra que, sem querer ser

<sup>134</sup> LOPES, 2008, p. 54.

<sup>135</sup> MEQUIOR, 1996, p. 21.

literária<sup>136</sup> (pois era de serviço religioso) foi tão especial em sua produção e estruturação (reunindo características estéticas) que passou à História da Literatura como exemplo de fina escrita literária. Almeida afirma:

Pode-se dizer que Vieira foi um dos maiores escritores de língua portuguesa, seus sermões espalham-se e ficaram conhecidos em todo mundo em virtude de sua eloquência, da sua persuasão discursiva, da sua estratégia linguística e, sobretudo, do seu conteúdo criativo e tocante, alicerçado pelas metáforas e alegorias magistralmente distribuídas em seus sermões, numa obra extensa e vária que ainda hoje chama a atenção de estudiosos<sup>137</sup>.

Também podemos perceber de uma forma clara que o sermão é um texto em prosa, ou seja, um discurso extremamente importante, que se torna longo e demorado, mas bem elaborado, tendo como finalidade a divulgação e edificação no âmbito religioso. Isso faz que essa modalidade literária faça parte da oratória, isto é, a prática ou arte de falar bem, portando recursos verbais com vista a ensinar, persuadir e disciplinar. O bom orador, como era o caso de Antônio Vieira, necessita de inteligência, voz, gestos e porte.

Padre Antônio Vieira não só contribuiu para a formação religiosa. Podemos afirmar que influenciou para a formação da identidade do povo brasileiro e também contribuiu fortemente para a formação da literatura do próprio país. Suas obras serviram de base para o desenvolvimento da escrita portuguesa. E quando analisamos o *Sermão de Santo Antônio aos Peixes*, percebemos claramente a presença de características literárias nesta obra. Por ele viver na época em que o Barroco estava em alta, os seus escritos acompanham perfeitamente as características e linguagem dessa estética. Bosi, em sua obra *História concisa da literatura brasileira*, afirma:

No seu espírito verdadeiramente barroco fermentavam as ilusões do seu estabelecimento de um Império luso e católico, respeitado por todo o mundo e servido pelo zelo do rei, da nobreza, do clero. A realidade era bem outra; e do descompasso entre ela e os demais planos do jesuíta lhe adveio mais de um revés<sup>138</sup>.

Com certeza, percebemos que mesmo Vieira não tendo como sua principal função fazer literatura não restam dúvidas de que ele se utilizou da literatura para cumprir sua missão e, conseqüentemente, contribuiu para que a literatura brasileira criasse raízes no período

<sup>136</sup> Todos os livros de Literatura Brasileira e portuguesa encontramos os sermões do padre Vieira sendo estudados. Isso mostra a grande importância que os seus escritos têm para a formação da literatura tanto brasileira quanto portuguesa. Cito aqui os principais estudados em grandes escolas do Brasil: CEREJA, William Roberto; MAGALHAES, Thereza Cochar. *Literatura Brasileira - Em Diálogo Com Outras Literaturas*. 5ª Ed. Nova Ortografia. NICOLA, JOSE. Projeto Múltiplo - Literatura - Ensino Médio São Paulo: Scipione, 2013.

<sup>137</sup> ALMEIDA, 2009, p. 84.

<sup>138</sup> BOSI, 1994, p. 44.

barroco. Sua missão principal era a instalação da religião católica no Brasil e usou dos meios literários para fazer cumprir sua missão. Candido, em sua obra *Formação da literatura brasileira*, assim afirma:

[...] Vieira foi um espírito atraído por motivos ideológicos contraditórios. Membro de uma ordem religiosa essencialmente militante, fez do púlpito uma espécie de alto jornalismo falado, esposando as grandes causas do mundo católico pós- medieval e verberando, com audaciosa veemência, vários preconceitos e misérias do seu tempo<sup>139</sup>.

Com isso, compreendemos que a intenção maior de Vieira não era necessariamente fazer literatura, mas a ela recorria para que seus propósitos fossem alcançados e totalmente aceitos pelo povo que o prestigiava. Ele tomava de conceitos literários para defender suas ideologias tentando, de uma forma ou de outra, fazer religião com aquilo que tinha de melhor: a palavra.

Diante dessas questões já abordadas, a grande pergunta que fazemos é: por que seus escritos foram considerados literários? Candido afirmou:

Muitos dos sermões de Vieira são exemplos incomparáveis de artifício retórico posto a serviço do pensamento crítico. Levado, por formação e prudência, a amarrar firmemente seus voos oratórios a passagens das Escrituras, ele deu ao sermão a forma estrita de um comentário interpretativo- de uma página de hermenêutica. Seu ponto de partida é sempre a palavra divina ou apostólica<sup>140</sup>.

Por isso, Padre Antônio Vieira veio a ser uma figura pública, daí serem seus sermões e cartas sempre do interesse daqueles que o conheceram e que tiveram contato com a sua obra enquanto padre e pregador.

Antônio Cândido concorda também que seus escritos são literários:

E em seu estilo, a magia transfiguratória do barroco obteve um dos maiores êxitos de sua propensão a sintetizar contrários: pois o sermão de Vieira, cheio de jogos verbais e agudezas de ideia, converteu a meditação sobre o sentido atemporal da mensagem cristã em focalização crítica de circunstâncias históricas<sup>141</sup>.

Existem ainda outras razões que Cândido também mencionou e servem de base para analisarmos os sermões e mais precisamente, o *Sermão de Santo Antonio aos Peixes*, em que percebemos algumas características que mostram de uma forma clara o quanto Vieira contribuiu para a formação da literatura brasileira e para o fortalecimento da sua religião, pois

<sup>139</sup> CÂNDIDO, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira*. Momentos decisivos. 6. Edição, Belo Horizonte: Itatiaia Ltda, 2000, p. 30.

<sup>140</sup> CÂNDIDO, 2000, p. 31.

<sup>141</sup> CÂNDIDO, 2000, p.32.

era capaz de utilizar a Bíblia para defender suas ideias dentro do contexto em que vivia, e conseguia entrelaçar os eventos bíblicos com os acontecimentos históricos, conforme percebemos nesta afirmação:

[...] Daí a similaridade entre eventos dos textos bíblicos e acontecimentos de se utempo, como a invasão do Brasil por povos ‘heréticos’, como os holandeses. É o que se lê por exemplo no sermão de Santo Antônio, proferido na Bahia em 1638<sup>142</sup>.

### 3.3 Atemporal

Seus escritos e principalmente seus sermões são considerados atemporais, ou seja, transcendem o tempo, pois ainda hoje falam ao tempo atual. Como bem afirma BOSI, em seu livro *Literatura e resistência*:

A palavra dita por alguém que já morreu, a palavra de um morto não será palavra morta. Figuras já anunciadas em qualquer tempo estão ainda hoje afetadas de potencialidades de leitura e de realização. A imagem profética é uma palavra que sobre- vive<sup>143</sup>.

Percebemos nessa declaração que os sermões de Antônio Vieira vão além do tempo em que foi escrito. Tornaram-se resistentes a épocas e a gerações até fazerem parte da literatura brasileira e portuguesa. Quando lemos esses escritos é como se estivéssemos vendo algo do passado retratado no presente. E tudo que ele falou foi se cumprindo ao longo dos séculos. A preocupação que ele tinha quanto à dominação holandesa e quanto às influências de outras culturas chegaram a acontecer. Por isso os seus sermões eram considerados uma profecia. Esse é um claro sinal de que Vieira era um homem visionário, alguém que estudando o presente conseguia ver o que poderia vir a ocorrer no futuro. De uma forma clara e ampla, como bem nos mostra BOSI, em *Literatura e resistência*:

(...) Vieira aponta as novidades espantosas que os tempos recentes trouxeram a humanidade. As candeias de mais perto também ajudaram os comentadores a ver nas profecias o que os antigos não teriam podido sequer vislumbrar. O cabo não foi dobrado, dobrado foi o bojador. O mar oceano de tenebrosa memória foi cortado por naus lusitanas<sup>144</sup>.

Vieira, portanto, era absolutamente futurista, e mesmo vivendo na época do Barroco trouxe grandes contribuições não só para sua época, mas para um tempo futuro. As suas obras

<sup>142</sup> LOPES, 2008, p. 54.

<sup>143</sup> BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. Pág. 62.

<sup>144</sup> BOSI, 2009, p. 63-64.

transcenderam gerações e contribuíram ao máximo para a formação da literatura brasileira. Seus escritos resistiram a todas as épocas, conseguiram transpor o tempo e chegar aos dias de hoje. Conforme também mostrou Almeida:

Pode-se dizer que Vieira era um homem com os olhos postos no mundo e no futuro, pronto para alutar, usando como arma a palavra e defendendo seus princípios e ideais. Assim ele pregava para atingir tanto aos poderosos quanto aos fracos e oprimidos, conduzindo-os até sua própria verdade<sup>145</sup>.

Essas são as razões históricas e contextuais que nos levam a refletir sobre os motivos que levaram suas obras a serem consideradas textos literários.

### 3.4 A mensagem e o contexto histórico do “Sermão de Santo Antônio aos Peixes”

Não há como avaliar a mensagem do Padre Antônio Vieira sem observar todo o contexto histórico que norteou o seu discurso. Tendo em vista que esse pregador associava muito bem sua mensagem com o contexto em que estava inserido, fica claro que o contexto histórico influenciou diretamente o seu discurso. Assim, concordamos com as palavras de Marcos Antônio Lopez, que escreveu sobre política em Vieira:

[...] Há sempre uma preocupação em realçar as intenções autorias presentes na primeira elaboração dos textos selecionados, o que significa dizer que a orientação que predomina no exercício de Análise textual é de situar as obras de Vieira nos momentos específicos de sua elaboração, e sempre em contraste com as circunstâncias de vida do autor<sup>146</sup>.

O que percebemos nessa declaração, para reforçar aquilo que estamos abordando, é que para analisar qualquer sermão de Vieira, principalmente a análise textual, é sempre necessário situá-lo nos momentos específicos de sua elaboração. Desse modo, conseguiremos entender a mensagem que transmitirá a partir dos sermões analisados.

O *Sermão de Santo Antônio aos Peixes* foi pregado três dias antes de Vieira embarcar para Lisboa, exatamente na festa de Santo Antônio, no dia 13 de Junho de 1654, em São Luís do Maranhão. O Padre Vieira subiu ao púlpito e conseguiu causar uma grande surpresa com o sermão proferido. A sua plateia era acostumada a ouvir um sermão que fosse direcionado para eles, mas eis a grande surpresa: ao invés de, simplesmente, enobrecer as virtudes e os milagres de Santo Antônio, Vieira relata ao público o ambiente complicado que reinava contra ele e

<sup>145</sup> ALMEIDA, 2009, p. 84.

<sup>146</sup> LOPEZ, 2008, p. 18.

também consegue sossegar os ouvintes declarando-lhes que, já que eles não queriam ouvi-lo, iria assim como o exemplo de Santo Antônio, pregar aos peixes, que estavam ali a poucos passos. Ajuda-nos a entender melhor esse sermão a análise feita por Maria Lucia Peccioli, que explica:

Para produzir seus sermões, o pregador se apropria de todo um repertório sobre a vida, as virtudes, os milagres e os atributos do santo visando acomodá-lo à circunstância da pregação e aos efeitos a serem buscados. Sendo assim, através dos *Sermões de Santo Antônio* de padre Vieira, podemos entrar em contato com um repertório sobre a figura do taumaturgo que circulava no Seiscentos e que se transformava em argumento nas prédicas do jesuíta. Ao mesmo tempo, o pregador, ao se apropriar deste repertório hagiográfico e devocional, contribui para sua reelaboração<sup>147</sup>.

Vieira tinha um objetivo claro ao proferir seus sermões: fazer que aquilo que fora proferido fosse exercido na prática, ele não desassociava a mensagem da vida, pois esperava que os ouvintes praticassem o que estava sendo pregado porque era isso que definia a obediência às sagradas escrituras e também a autoridade de Vieira, conforme segue:

A sua atividade intelectual foi autentico trabalho de engajamento político, a ponto de se afirmar, acertadamente, que todo sermão de Vieira traz uma mensagem política. Com efeito, do gabinete ou do púlpito, ele sempre lançava palavras de ordem que traziam um conteúdo programático para a ação<sup>148</sup>.

Era do púlpito que Vieira despejava, digamos assim, todo seu conteúdo e sua posição sobre determinados temas. E com sua ousadia de sempre, e liberdade que tinha de pregar, usava o púlpito, conforme as palavras de Lopez, como um escudo para se defender e também defender a sua visão de mundo.

E certo que a liberdade de púlpito facultava-lhe a abordagem de temas delicado. No púlpito, escudo protetor contra os adversários da corte e os de outras ordens religiosas, Vieira estava livre para despejar as suas ideias polemicas. A eloquência sagrada prestava-lhe um grande serviço<sup>149</sup>.

Na época em que o sermão foi pregado, em 1654, Antônio Vieira lutava contra questões políticas, sociais, econômicas, dentre outras. O tema em destaque abordado era a escravidão indígena, e também pregava contra a exploração que os portugueses faziam em relação a então colônia. Depois do sermão, Vieira foi a Portugal lutar pelos índios. Vieira sabia que tinha o poder de intervir naquele contexto e naquela situação, assim, proferiu o sermão que

<sup>147</sup> GALLI, Maria Lúcia Peccioli. *Vós sois a luz do mundo e o sal da terra*. Santo Antônio nos sermões de Vieira. Unicamp: 2003, p. 416.

<sup>148</sup> LOPEZ, 2008, p. 49.

<sup>149</sup> LOPEZ, 2008, p. 44.



estamos analisando, para poder interferir naquele meio, conforme vemos na afirmação de Lopes:

Utilizando-se da eloquência sagrada ele desejou estabelecer a verdadeira política cristã, por intermédio da instrução do soberano. Do púlpito, não se preocupava tanto em utilizar seus dotes de orador para impressionar seu público. Pragmático, voltado para realização das ações que pretendia desencadear com seus discursos, voltava-se para ativar o sentimento de quem possuía o poder para intervir<sup>150</sup>.

Percebemos claramente que o pregador tinha um papel importantíssimo na construção do pensamento da sociedade, e não só do pensamento, mas da prática de vida de um povo. Por isso, discursa um sermão cheio de alegorias para tentar interferir numa mudança de pensamento e de comportamento de seus ouvintes.

Podemos ir até mais além na interpretação do sermão no seu contexto histórico e dizer que, em pleno século XVII, enquanto todos os estudiosos e cientistas estavam à procura de estrelas e planetas para entender a origem e a evolução do mundo, o padre Antônio Vieira, com sua infinita riqueza de linguagem e conhecimento do mundo ao seu redor, procurou dirigir-se ao mar para falar, estabelecendo um paralelo entre os homens e os peixes, dos tipos de espécies humanas que existiam na sua época e do Brasil do seu tempo, onde os colonos, no Maranhão, escravizavam os nativos, e os homens, conforme mencionou no sermão em análise, “devoravam uns aos outros”.

E como o Padre dominava o discurso, usava o texto bíblico para defender suas ideias, e em relação à mensagem, ele era um decifrador de mistérios do texto. A técnica de interpretação utilizada por ele na mensagem proferida era de uma forma magistral, pois ele demonstrava profunda técnica de interpretação das escrituras como um conhecedor profundo delas. Não é demais ressaltar a declaração de Lopez:

Decifrador dos mistérios escondidos nos textos sagrados, ele pretendeu ditar as normas para a boa navegação da nau do Estado. Para tanto, soube extrair das Sagradas Escrituras tudo que era necessário para debater as questões mais relevantes do tempo presente<sup>151</sup>.

Também não é demais afirmar que a mensagem que Vieira proferiu no sermão em análise foi produto de uma investigação rigorosa do texto bíblico, fazendo que sua mensagem chegasse de forma precisa aos moradores do Maranhão. Soma-se a isso o fato de o sermão ter

---

<sup>150</sup> LOPES, 2008, p. 45.

<sup>151</sup> LOPEZ, 2008, p. 45.



sido pregado usando também os recursos alegóricos, mas ele conseguiu extrair do texto os fundamentos necessários para a sua mensagem, mesmo se valendo desses recursos.

O *Sermão de Santo Antônio aos Peixes* - inspirado em de Santo Antônio, por ele ser defensor dos pobres - é uma grande alegoria da alma humana, dos seus vícios e virtudes e, sobretudo, da defesa da humanidade nas relações entre os homens. Com certeza, isso causou um desconforto em sua plateia exatamente pelo fato de Vieira, alegoricamente, estar fazendo uma crítica forte, mas muito pertinente para aquele momento. Por ele não conseguir suportar a exploração dos índios pelos colonos Vieira profere aquilo que se tornou um marco para sua época e para os dias atuais.

Vale ressaltar também que Antônio Vieira vivia num contexto seiscentista, conforme vimos no início deste capítulo, quando imperara o domínio religioso, e também o homem era conduzido pela fé e não pela ciência, como no século anterior do renascimento. O mundo era visto a partir do teocentrismo, com suas exuberâncias e extravagâncias, numa tentativa de volta à cultura medieval. Portanto, analisar o contexto histórico do sermão sem levar em consideração essas particularidades, seria praticamente impossível chegar a uma conclusão sobre o assunto principal do sermão em análise<sup>152</sup> o qual está inserido dentro dessa visão de mundo. O professor Jorge Miguel, analisando o *Sermão de Santo Antônio aos Peixes*, afirmou:

Padre Antônio Vieira vive o ambiente político e cultural da Contra-Reforma. O concílio de Trento, no século anterior ao século que viveu (1545-1563), estabelece seu projeto religioso em recuperar os países quem agora sob a influência do protestantismo, abandonam a fé católica<sup>153</sup>.

Com isso, percebemos que Vieira era completamente ligado ao seu tempo, o que lhe permitia dialogar com todos os assuntos possíveis para defender seu ideal de vida e sua visão de mundo. Ele vivia o que pregava e falava aquilo em que acreditava, afinal a sua obra é a sua vida<sup>154</sup>.

O sermão em análise nesta pesquisa foi pregado exatamente no dia de Santo Antônio, que corresponde a 13 de junho do ano de 1654. O contexto histórico eram os embates que os jesuítas travavam com os colonos do Maranhão. Eles queriam continuar escravizando os índios de uma forma desleal e absurda apenas para enriquecer e aumentar seus territórios. O professor Miguel esclareceu essa questão da seguinte forma:

<sup>152</sup> Sermão de Santo Antônio aos Peixes.

<sup>153</sup> MIGUEL, Jorge. *Análise comentada do Sermão de Santo Antônio aos Peixes de Padre Antônio Vieira*. São Paulo: DVS Editora, 2013, p. 12.

<sup>154</sup> MIGUEL, 2013, p. 12.

Os colonos eram acusados pelos jesuítas de submeterem os índios a um trabalho desumano e cruelíssimo. Os jesuítas eram acusados pelos colonos de lutarem pela liberdade dos índios para tê-los escravos da Igreja. A palavra era a arma de Vieira para poder chegar ao objetivo como de fato chegou: libertar os índios dos colonos que os queriam escravos. O orador inspira-se no sermão que Santo Antônio fizera aos peixes<sup>155</sup>.

O que Vieira estava tentando fazer era libertar os índios, por isso proferiu o *Sermão de Santo Antônio aos Peixes* para poder conseguir influenciar seu contexto e com isso, atingir o seu objetivo. Como o mundo nesse tempo respirava a religião, a principal arma que tinha era utilizar dos argumentos religiosos para poder influenciar sua época. O que Vieira queria mesmo era libertar os índios da influência do governo, tornando-os independentes, pois, ele não concordava com a forma cruel em que os índios eram submetidos, portanto, transformou-se um denunciador da opressão indígena pelo amor que sentia por eles. Colaborando com essa ideia, Cleonice Berardinelli afirmou que “[...] no dia de Santo Antônio, onde permanece a mesma preocupação: a denúncia dos escravistas e a defesa ardente dos indígenas brasileiros”<sup>156</sup>. Almeida também colabora com essa ideia mostrando que: “Esse sermão é feito a partir do conflito entre colonos que reivindicavam novamente a posse de seus escravos, fato que fugiu ao controle dos Jesuítas”<sup>157</sup>.

Vale ainda ressaltar, corroborando com as ideias de Lopes, que a intenção de Vieira era interferir no meio, pois, “Para Vieira, a fé não poderia ser incompatível com as contingências da vida prática. Assim, a religião deveria conectar-se à atividade dos homens, às suas obras”<sup>158</sup>.

Vieira dialoga com os habitantes do Maranhão para tentar convencer os colonos de que eles estavam errados com sua forma de agir, e que ao agirem como agiam não estavam fazendo a diferença, assim como usou no referido sermão a importância de ser sal da terra. Isso porque, segundo o historiador Vainfas, Vieira amava os índios, mas muitos desconfiava desse amor, conforme afirmou,

O grande amor que sentia pelos índios, e recomendava aos missionários de campo, era um amor abstrato, nada mais que a caritas recomendada pelos apóstolos. Vieira, mais que todos os jesuítas atuantes no Brasil, era um colonizador de almas, preocupado com a salvação dos índios apenas no foro espiritual<sup>159</sup>.

<sup>155</sup> MIGUEL, 2013, p. 16.

<sup>156</sup> BERARDINELLI, Cleonice. Pretos, Índios e Judeus nos Sermões de Vieira. In: *Estudos sobre Vieira*, João Adolfo Hansen; Adma Muhhana; Hélder Garmes (orgs). São Paulo: Ateliê Editorial, 2011, p. 37

<sup>157</sup> ALMEIDA, 2009, p. 85

<sup>158</sup> LOPES, 2008, p. 23.

<sup>159</sup> VAINFAS, 2011, p 199.

Esse era o grande diferencial de Vieira e por isso defendia tanto os índios. Vivenciando o período da quase expulsão dos jesuítas do Maranhão, entendeu que era necessário ser mais duro e até mesmo mais direto no assunto. Foi então que pregou o presente sermão, objeto desta pesquisa, para poder, de certa forma, entrar numa briga e num entrave com os colonos, com aquilo que ele sabia fazer de melhor: pregar. Antes de viajar, sua pregação foi repleta de ironia, de sarcasmo, de simbolismo, de sátira, com um violento ataque aos colonos do Maranhão. Cada peixe mencionado no sermão representa uma classe social que existe no Maranhão. Também utilizou a expressão *herege* para se referindo aos próprios colonos por causa das práticas de vida deles. Ao utilizar-se dessa expressão, Vieira mostrou a importância do respeito e da honestidade, virtudes que ele não estava percebendo no trato dos colonos com relação aos índios, assim sendo, os colonos estavam ferindo os princípios cristãos por ele pregado.

A grande questão defendida por Vieira também era o fato de os pregadores de sua época serem coniventes com a realidade vivenciada pelos índios. Por isso, ele faz também uma crítica direta aos pregadores daquele momento para tentar alertá-los sobre a verdadeira função do pregador, que, segundo o sermão, era ser o sal da terra. Contudo, apesar deste sal, os colonos do Maranhão continuavam corruptos, e, segundo Vieira, por dois motivos: ou o sal não salga, ou a terra não se deixa salgar. Mostrando, de uma forma pertinente que a palavra dos pregadores era inócua, e que os habitantes do Maranhão também eram indiferentes à palavra dos pregadores. E por que ele percebeu isso? Vejamos o que ele disse logo no início do seu discurso para comprovar sobre quem ele estava falando no sermão:

Vós, diz Cristo, Senhor nosso, falando com os pregadores, sois o sal da terra: e chama-lhes sal da terra, porque quer que façam na terra o que faz o sal. O efeito do sal é impedir a corrupção; mas quando a terra se vê tão corrupta como está a nossa, havendo tantos nela que têm ofício de sal, qual será, ou qual pode ser a causa desta corrupção? Ou é porque o sal não salga, ou porque a terra se não deixa salgar. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores não pregam a verdadeira doutrina; ou porque a terra se não deixa salgar e os ouvintes, sendo verdadeira a doutrina que lhes dão, a não querem receber. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores dizem uma cousa e fazem outra; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes querem antes imitar o que eles fazem, que fazer o que dizem. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores se pregam a si e não a Cristo; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes, em vez de servir a Cristo, servem a seus apetites. Não é tudo isto verdade? Ainda mal!<sup>160</sup>

Vamos analisar as hipóteses que Vieira utilizou de que a palavra do pregador era inócua a partir de três argumentos distintos: primeiro, os pregadores não pregam a verdadeira doutrina, e por isso os resultados não eram favoráveis em relação à manipulação dos colonos;

---

<sup>160</sup> VIEIRA, 2013, p. 7.

segundo, mostrou que os pregadores diziam uma coisa e faziam outra, isso gerava uma falta de credibilidade, em que o discurso não acompanhava as práticas, portanto, os habitantes do Maranhão, mais precisamente os colonos, não conseguiram viver a fé em virtude desses tipos de pregadores, e terceiro, os pregadores pregam a si mesmos e não a Cristo. Isso gerava uma falta de humildade e compromisso por parte dos habitantes porque os pregadores deveriam mostrar as obras do Cristo que eles pregavam e não necessariamente as suas próprias obras.

Concordando com as afirmações da Lígia Arruda, também em análise do mesmo sermão, essa autora afirma que o sal da terra era destinado a evitar a corrupção, entretanto, Vieira estava percebendo que essa prática e referência não se encontrava nem nos pregadores nem nos colonos de sua época. Conforme segue:

Tanto o Sal, como o pregador, destinam-se a evitar a corrupção. Por isso, ela (corrupção) surge, ou porque o sal não salga e o pregador prega uma coisa e faz outra, ou porque a terra se não deixa salgar e os ouvintes preferem imitar o que fazem os pregadores do que fazer o que eles dizem; é que os pregadores em vez de pregarem a Cristo, pregam-se a eles<sup>161</sup>.

Com essas práticas, Vieira entendeu que os pregadores tinham culpa quanto aos motivos pelos quais os colonos estavam explorando os índios, ou seja, aqueles falavam uma coisa e viviam outra, portanto os colonos seguiam o mesmo exemplo, pelo menos é isso que ele defende no início do seu sermão, levantando essas hipóteses para entender o que estava acontecendo. Antônio Vieira estava tentando descobrir os motivos pelos quais os colonos estavam agindo de maneira rude contra os índios. Vale ressaltar que Vieira chamou a terra de corrupta, pelo fato de estar percebendo essas questões práticas de exploração aflorarem em seu meio.

Numa tentativa de entender o que estava acontecendo, o pregador Vieira vai narrando o sermão, tentando construir uma ideia sobre os motivos pelos quais a terra estava corrupta ao longo de sua narrativa. Para ele, os colonos estavam tendo atitudes não condizentes com aquilo que a realidade pedia, principalmente, a realidade religiosa.

Por sua vez, um exemplo significativo, dentre outros, da recorrência aos elementos naturais do mundo, é o *Sermão de Santo Antonio (aos Peixes)*, em que Vieira, ao não ser ouvido pelos colonos do Maranhão, apodera-se de uma situação semelhante acontecida com Santo Antonio, que tentara pregar aos homens e, diante da recusa destes em ouvi-lo, ‘pregou aos peixes’<sup>162</sup>.

<sup>161</sup> ARRUDA, Lígia. *Sermão de Santo Antonio aos Peixes*. Prosa barroca. Edições Bonanza, Lisboa: 2001, p. 43.

<sup>162</sup> ALVES, 2016, p. 142.

Desse modo, Vieira - no início do seu discurso - e mostra algumas outras hipóteses que faziam que a terra estivesse corrupta. Tirando o foco dos pregadores, ele questiona agora a responsabilidade dos habitantes pelo fato de também serem considerados culpados. Portanto menciona que esses mesmos habitantes do Maranhão não querem receber a verdadeira doutrina, que embora os pregadores, que são o sal da terra, preguem a verdadeira palavra, os próprios habitantes não conseguem lidar com essa palavra, pois não vivem aquilo que é pregado. Também argumenta que os habitantes preferem imitar o que os pregadores fazem a fazerem o que dizem. Esse argumento torna-se forte pelo fato de que os habitantes estariam copiando o modelo dos pregadores corruptos e não se atentarem exclusivamente para aquilo que eles diziam. Além disso, esses mesmos habitantes em vez de servirem a Cristo, servem a seus apetites. E tiram o foco completo do verdadeiro sentido do cristianismo e colocam em seus próprios desejos e forma de ver o mundo.

Analisando o comentário de Lopes, citando uma afirmação de Margarida Mendes, observamos também a força que Vieira tinha em interferir na sociedade e na mudança de pensamento dos ouvintes:

Margarida Mendes observa que os argumentos do autor são ações verbais utilizadas para uma ocasião específica, para determinados contextos que requeriam uma mensagem de intervenção. O sermão era a trombeta que alertava para os perigos que corria a monarquia<sup>163</sup>.

Portanto, fica a grande pergunta: o que fazer então? Quando ele tenta descobrir o que estava acontecendo, precisa também encontrar uma solução. Ele tenta fazer isso, voltando para o próprio texto que escolheu como base para proferir seu discurso. De maneira que lemos assim:

Suposto, pois, que ou o sal não salgue ou a terra se não deixe salgar; que se há de fazer a este sal e que se há de fazer a esta terra? O que se há de fazer ao sal que não salga, Cristo o disse logo: *Quod si sal evanuerit, in quo salietur? Ad nihilum valet ultra, nisi ut mittatur foras et conculcetur ab hominibus*. «Se o sal perder a substância e a virtude, e o pregador faltar à doutrina e ao exemplo, o que se lhe há de fazer, é lançá-lo fora como inútil para que seja pisado de todos.» Quem se atrevera a dizer tal cousa, se o mesmo Cristo a não pronunciara? Assim como não há quem seja mais digno de reverência e de ser posto sobre a cabeça que o pregador que ensina e faz o que deve, assim é merecedor de todo o desprezo e de ser metido debaixo dos pés, o que com a palavra ou com a vida prega o contrário<sup>164</sup>.

Já que os argumentos mencionados por Vieira - de que o sal não salga ou a terra não se deixa salgar - só resta uma coisa a fazer, por isso ele volta-se para o evangelho e afirma que

<sup>163</sup> LOPES, 2008, p. 43.

<sup>164</sup> VIEIRA, 2013, p. 08.

precisa lançar o sal fora para ser pisado pelos homens. Mas também, percebe-se uma outra coisa a ser feita, mas ele não consegue encontrar resposta totalmente no evangelho, ele encontra no personagem principal do texto, que é Santo Antônio, que o argumento utilizado seria mudar de púlpito e de auditório e pregar aos peixes que talvez receberia de bom grado a mensagem mais do que os homens. O professor Jorge Miguel, analisando o sermão de Vieira, conclui:

A função principal dos pregadores e sua doutrina é impedir a corrupção. Contudo, no Maranhão só se vê corrupção, isto porque os pregadores não são eficazes ou porque os colonos não os querem ouvir. Que fazer? Aos pregadores lança-os fora como desprezíveis. Aos colonos do Maranhão, abandoná-los e imitando Santo Antônio, pregar aos peixes<sup>165</sup>.

Analisando essa citação, fica claro que Vieira começa a tentar argumentar quanto aos motivos pelos quais a terra, habitantes do Maranhão, estavam completamente desvirtuados da verdadeira doutrina, e sobre os motivos que os levaram a ser tão rudes com os índios, adotando comportamentos não cristãos, atitude que causou indignação a Antônio Vieira.

Vieira adentra no capítulo dois do seu sermão, mostrando duas partes interessantes, uma de louvor aos peixes, e depois repreensão a eles. Isso ilustra, seguindo o exemplo de Santo Antônio, que o pregador passa a comparar os habitantes, fazendo um paralelo com os tipos de peixes que existem, como podemos observar:

Enfim, que havemos de pregar hoje aos peixes? Nunca pior auditório. Ao menos têm os peixes duas boas qualidades de ouvintes: ouvem e não falam. Uma só cousa pudera desconsolar ao pregador, que é serem gente os peixes que se não há-de converter. Mas esta dor é tão ordinária, que já pelo costume quase se não sente. Por esta causa não falarei hoje em Céu nem Inferno; e assim será menos triste este sermão, do que os meus parecem aos homens, pelos encaminhar sempre à lembrança destes dois fins<sup>166</sup>.

Começando pelos louvores aos peixes, ao longo do capítulo dois, Vieira argumenta que os peixes são as primeiras criaturas criadas por Deus, portanto, são mais importantes que os homens na escala da criação. Também menciona que os peixes são os maiores entre todos os animais criados, pelo fato de sobreviverem em unanimidade ao dilúvio, tendo em vista que os demais só foram salvos de dois em dois. Prossegue afirmando que os peixes possuem virtudes: obediência, ordem, quietação e atenção. Ele mostra essas particularidades para chegar à conclusão de que os peixes são melhores que os homens, como bem afirma o professor Jorge Miguel, “Portanto, os peixes são melhores que os homens, porque estão longe deles: quanto

<sup>165</sup> MIGUEL, 2013, p. 33.

<sup>166</sup> VIEIRA, 1654, p. 11.



mais longe o orador estiver dos homens melhor para ele; assim, o orador abandona os homens, e, imitando Santo Antônio vai pregar aos peixes”<sup>167</sup>.

Não é demais lembrar que ao observarmos essas ideias no presente sermão, entendemos a riqueza intelectual de Vieira ao interpretar o texto, fazendo também, uma analogia, ou seja, um paralelo daquilo que está escrito no texto com os exemplos dos peixes. Concordando também com as palavras de Lopez, Vieira tinha como ambição em sua vida ser um grande interprete do texto bíblico, e percebemos que alcançou esse propósito. Lopez declara:

Tinha-se na condição de um pregador da palavra a serviço da monarquia. A sua maior ambição intelectual foi a de ser intérprete dos textos proféticos da bíblia. [...] Negando a si o dom da profecia e afirmando ser apenas intérprete das verdades encobertas nas Escrituras Sagradas [...] <sup>168</sup>.

Nesse sentido, percebemos que Vieira alcançou seu objetivo pelo fato de transformar o texto em análise num instrumento extraordinário para divulgação da sua mensagem.

É no terceiro capítulo que Vieira continua seus argumentos, depois de usar todo o capítulo dois elogiando as virtudes dos peixes, ele prossegue em seu discurso, dessa vez voltado exclusivamente para os moradores do Maranhão, como podemos perceber no trecho “ah! Moradores do Maranhão”<sup>169</sup>, fazendo os louvores particulares aos peixes em detrimento dos homens.

Quando chegamos exatamente na análise da mensagem de Vieira, neste terceiro capítulo, percebemos claramente que Vieira prossegue seus argumentos partindo dos louvores gerais feito aos peixes e passa agora a mencionar os louvores em particular de cada um. Não é à toa que ele cita pelo menos quatro tipos de peixes, começando pelo peixe Tobias, em seguida cita a Rêmora, o Torpedo e o Quatro-olhos. Ele ainda afirma que, de alguns apenas fará menção, mas detalharia os outros para deixar claro a sua intenção sobre aquilo que estava tratando:

Este é, peixes, em comum o natural que em todos vós louvo, e a felicidade de que vos dou o parabém, não sem inveja. Descendo ao particular, infinita matéria fora se houvera de discorrer pelas virtudes de que o Autor da natureza a dotou e fez admirável em cada um de vós. De alguns somente farei menção. E o que tem o primeiro lugar entre todos, como tão celebrado na Escritura, é aquele santo peixe de Tobias a quem o texto sagrado não dá outro nome que de grande, como verdadeiramente o foi nas virtudes interiores, em que só consiste a verdadeira grandeza<sup>170</sup>.

---

<sup>167</sup> MIGUEL, 2013, p. 47.

<sup>168</sup> LOPEZ, 2008, p. 46.

<sup>169</sup> VIEIRA, 2013, p. 20.

<sup>170</sup> VIEIRA, 2013, p. 18.



Segundo Vieira, o Peixe Tobias é aquele que foi mencionado no Antigo Testamento e tem virtudes que podem ser louvadas, tais quais: fiel e bom para curar a cegueira, e o coração também é bom para lançar fora os demônios. Partindo do ponto de vista de Santo Antonio, Vieira mostra que o peixe Tobias servia para abrir a boca contra os hereges, ou seja, alumia e cura da cegueira e lança fora os demônios da casa. Vieira continua seus argumentos mostrando o Rêmora, que também tem suas virtudes, embora pequeno é grande na força e no poder. O Rêmora se agarra no leme do navio e tem mais força do que a própria âncora. O professor Jorge Miguel, comentando essa parte do sermão de Vieira, afirmou:

A Língua de Santo Antonio deteve a fura da Nau Soberba (orgulho), da nau vingança (cólera e ria), da nau sensualidade (os prazeres mundanos desgarrados), da nau cobiça (ambição desmedida). Assim como a Demora detém as naus, a Língua de Santo Antonio detém a guria dos hereges e pecadores<sup>171</sup>.

Vieira faz uma crítica muito grande contra o estilo de vida dos moradores do Maranhão. Contudo, continua seus argumentos apresentando um outro exemplo de Peixe chamado O Torpedo, o qual se defende dos agressores com a sua descarga de energia elétrica, e faz tremer até a mão do pescador que o segura com uma vara de pescar. O professor Jorge Miguel também explica esse trecho:

Também na terra se pesca com a vara, e as varas são ginetas, bengalas, basta e ceptro. Símbolos dos poderes. A vara é o símbolo do poder judicial; a gineta, do poder militar; a bengala, do poder burguês; o bastão, do poder nobre; o ceptro, do poder real. eis o paradoxo: o torpedo é o peixe pequeno e faz tremer seu predador. No entanto, os poderes judicial, militar, burguês, nobre e real pescam até cidades e reinos inteiros e existem conseguem fazer tremer seus pescadores<sup>172</sup>.

O grande desafio de Vieira era mostrar, através desses exemplos, que ninguém estava livre da manipulação que existia entre os moradores do Maranhão, e essa manipulação e opressão era tanta a ponto do pregador ter que interferir com sua opinião para tentar alertar o povo sobre a forma de vida que estavam querendo levar, aliás, que estavam levando. Entretanto, não estavam levando em consideração aqueles princípios primordiais da fé cristã que, na visão de Vieira, era ser o Sal. Na sequência, outro exemplo de peixe é mencionado, desta vez o Quatro-olhos, abordando as virtudes desse peixe ao qual Deus deu quatro olhos para que com dois pudesse olhar para cima para se defender das aves de rapina e com os outros dois para olhar para baixo, defendendo-se deus peixes devoradores. Esses peixes ensinaram o pregador a olhar para cima e para baixo, ou seja, para o céu e para o inferno.

<sup>171</sup> MIGUEL, 2013, p. 61.

<sup>172</sup> MIGUEL, 2013, p. 61.

Com esses exemplos, a mensagem que fica é que os textos abordam a necessidade de mudança de comportando que os moradores deveriam ter. Vieira estava tentando mostrar que era preciso tomar uma decisão para transformar o ambiente em que estavam vivendo e para melhor, sem desigualdade e também injustiças, temas que desenvolve em todo o capítulo quatro do sermão. Ao chegar exatamente no capítulo seguinte (cinco) o orador vai tratar sobre essas práticas de desigualdade e injustiça social. A mensagem simbólica, ou podemos dizer, alegórica, que subjaz aos argumentos de Vieira deixa claro que os grandes “comem os pequenos”<sup>173</sup>, mostrando de fato como a injustiça estava instaurada nesse momento. Miguel narrou da seguinte forma:

Não nos esqueçamos que o sermão é todo simbólico. É preciso passar dos peixes a condição humana. Se os homens pobres e miseráveis comessem um tubarão do sistema financeiro mundial, seria menos mal. Bastaria um para alimentar milhões. Mas como é o ‘tubarão’ financeiro que come o pobre, são precisos milhões de pobres para sustentar um ‘tubarão’ financeiro<sup>174</sup>.

A grande ideia que fica é que Vieira conclama os moradores para olharem do mar para a terra, pois assim conseguiriam perceber que não significava, na linguagem alegórica de Vieira, que os índios comiam os humanos, mas que na cidade – com seu sistema financeiro, nas ruas, nas cidades, nas praças e nos mercados - os homens também “comem uns aos outros”. Para alguns, isso era visto como algo normal, mas para Vieira a sociedade, se continuassem com essas práticas, estava caminhando para o caos e não para a resolução dos problemas. Em sua mensagem, o grande orador deixa claro que na cidade os maiores querem sobrepor-se aos menores, e isso seria um grande defeito da humanidade, que deveria lutar pelos mais simples e humildes, tendo em vista que estes não têm condições de defesa pelo fato de não terem a quem recorrer. Além disso, os colonos, donos das grandes terras, que deveriam primar pelo bem-estar de todos, estavam completamente incoerentes com aquilo que professavam.

Uma grande mensagem que Vieira deixa para os colonos é que grande e pequeno é relativo, conforme linguagem alegórica utilizada no sermão. E para fortalecer mais essa argumentação, não é demais citar o comentário do professor Miguel a esse respeito, como relatou:

Os grandes aqui no Brasil são pequenos em Portugal. Aqui comem; lá são comidos. Atrás de um xerez que persegue um bagre há sempre um tubarão. Vamos insistir: o texto é alegórico. É preciso que os peixes sejam mais repúblicos ou seja, cuidadosos

---

<sup>173</sup> VIEIRA, 2013, p. 28.

<sup>174</sup> MIGUEL, 2013, p. 79.

e zelosos dos bens públicos ao invés de usar da força e poder em benefício próprio. Não é natural que se comam uns aos outros. Há alimento de sobra nos mares; não é natural tanta carnificina<sup>175</sup>.

Uma das coisas mais especiais que fica nessa mensagem de Vieira é a necessidade de igualdade social, com tratamento justo para todos. Até porque, ser grande ou ser pequeno era relativo, segundo Vieira. Portanto, ele continua seus argumentos adentrando no quinto capítulo, onde menciona que vai descer do geral para o particular, pois o próprio pregador anuncia que vai fazer isso<sup>176</sup>. Vieira começa a mostrar em sua mensagem que cada peixe simboliza uma classe social, sua corrupção e seus defeitos eram visíveis em sua teoria. Então, esses representantes estavam sendo comparados às atividades do Roncador, dos Pegadores, dos voadores e do Polvo.

O Roncador, seguindo a interpretação alegórica de Vieira, simbolizava o arrogante, que faz de tudo para chegar até as últimas consequências. Os pegadores eram símbolos dos adutores. Já os voadores simbolizavam os homens de ambição exagerada, homens de projetos inalcançáveis. O polvo simbolizava os traidores, homens de aparência diz aquilo que não são, dissimuladores.

Compactuando com a opinião do professor Jorge Miguel, Vieira está se referindo também àqueles que viviam numa religião, cumpriam todos os votos sagrados, mas estavam sendo hipócritas porque não conseguiam viver a religião na prática, era apenas um ritual. Conforme argumenta:

Sem dúvida, o orador faz crítica severa aos religiosos hipócritas, sejam eles monges, frades ou dominicanos. O Capelo na cabeça- monge. Raios estendidos- estrelas. Ausência de ossos e espinhas- brandura, e mansidão. Esta é a aparência. Na verdade, o maior traidor do mar. Os religiosos hipócritas são os maiores traidores da terra<sup>177</sup>.

Fica claro que Vieira queria mostrar uma possibilidade de mudança. A religião deveria sair dos rituais e seguir para prática, porque a sociedade não precisava mais de discursos. A partir do momento quando os ritos eram desassociados da prática, eles não conseguiriam ser o sal da terra, tema geral do argumento de Vieira. Tendo em vista que ele buscava nas escrituras inspiração para desenvolver seus argumentos, Vieira mostra-se completamente insatisfeito pelo

<sup>175</sup> MIGUEL, 2013, p. 80.

<sup>176</sup> “Descendo ao particular, direi agora, peixes, o que tenho contra alguns de vós. E começando aqui pela nossa costa: no mesmo dia em que cheguei a ela, ouvindo os roncadores e vendo o seu tamanho, tanto me moveram o riso como a ira. É possível que sendo vós uns peixinhos tão pequenos, haveis de ser as roncadas do mar?!” MIGUEL, 2013, p. 36.

<sup>177</sup> MIGUEL, 2013, p. 101.

fato dos pregadores de sua época distorcerem o discurso principal das Escrituras para usar em seu próprio favor. Vieira não consegue deixar de ser um defensor das escrituras ao mostrar que não há possibilidade de separar a vida religiosa da vida secular. Ambas estão completamente entrelaçadas, e a partir do momento em que os religiosos tentavam vivenciar uma vida que não estava pautada naquilo que professavam, isso mudaria completamente o foco de sua conduta.

Com isso, Vieira chega ao último capítulo da sua mensagem, chamada de peroração, conforme vimos no capítulo primeiro desta dissertação, mostrando que na lei eclesiástica ou também chamada por ele da Lei de Levítico, são colocados em sacrifício tanto os animais terrestres quanto as aves. E a grande pergunta é: por que não sacrificam os peixes? Ele vai desenvolver toda a sua teoria em defesa dos Peixes mostrando que se fosse sacrificar os peixes estes não conseguiriam chegar vivos no altar. Conforme segue em sua mensagem:

Com esta última advertência vos despido, ou me despido de vós, meus peixes. E para que vades consolados do sermão, que não sei quando ouvireis outro, quero-vos aliviar de uma desconolação mui antiga, com que todos ficastes desde o tempo em que se publicou o Levítico. Na lei eclesiástica ou ritual do Levítico, escolheu Deus certos animais que lhe haviam de ser sacrificados; mas todos eles ou animais terrestres ou aves, ficando os peixes totalmente excluídos dos sacrifícios<sup>178</sup>.

Vieira segue seu argumento mostrando que os peixes, além de estarem acima dos animais terrestres e das aves, estavam acima do pregador<sup>179</sup>. E vai até mais além, porque os peixes não ofendem a Deus, enquanto o pregador, mesmo sabendo das verdades contidas nas Escrituras, consegue fazer completamente o contrário daquilo que profere em seus discursos religiosos, mostrando-se, assim, hipócrita com sua prática de vida. Contribui o professor Jorge Miguel, em sua análise do mesmo sermão, quando afirma:

Os peixes também estão acima do pregador. A razão do pregador e seu livre arbítrio não superam a bruteza e o instinto dos peixes. O orador fala, lembra-se, discorre e quer. Então, pode o orador ofender a Deus com as palavras, com a memória, com o entendimento e com a verdade<sup>180</sup>.

<sup>178</sup> VIEIRA, 2013, p. 48-49.

<sup>179</sup> E quem duvida que esta exclusão tão universal era digna de grande desconolação e sentimento para todos os habitantes de um elemento tão nobre, que mereceu dar a matéria ao primeiro sacramento? O motivo principal de serem excluídos os peixes, foi porque os outros animais podiam ir vivos ao sacrifício, e os peixes geralmente não, senão mortos; e cousa morta não quer Deus que se lhe ofereça, nem chegue aos seus altares. Também este ponto era muito importante e necessário aos homens, se eu lhes pregara a eles. Oh quantas almas chegam àquele altar mortas, porque chegam e não têm horror de chegar, estando em pecado mortal! Peixes, dai muitas graças a Deus de vos livrar deste perigo, porque melhor é não chegar ao sacrifício, que chegar morto. Os outros animais ofereçam a Deus o ser sacrificados; vós oferecei-lhe o não chegar ao sacrifício; os outros sacrifiquem a Deus o sangue e a vida; vós sacrificai-lhe o respeito e a reverência. VIEIRA, 2013, p. 49.

<sup>180</sup> MIGUEL, 2013, p. 107.

Com certeza, essa mensagem de Vieira tornou-se pesada exatamente em virtude dos seus argumentos complexos e diretos a quem estava pretendendo atingir. Além de seu foco ser os colonos maranhenses e suas práticas contra os índios, o religioso reporta-se aos pregadores que eram coniventes com essas ações, tendo em vista que sua principal função, como pregador, era ser o sal da terra. Entende-se, portanto, que o maior desafio de Vieira era colocar os pregadores para falar os preceitos contidos nas escrituras e não ser conivente com as práticas de vida dos colonos, já que estes só estavam interessados em seus próprios lucros e avanços, não se importando com a exploração dos índios.

Afinal, por que Vieira fez tanta questão de criticar os pregadores de sua época? Claro que não era só pelo fato de eles não pregarem a verdade contida nas escrituras, mas também para se sentir um pouco superior a todas essas questões. Não é à toa que Margarida Basílio, uma das maiores influentes em estudos de Vieira, afirmou que existia uma realidade muito grande nos púlpitos da época, principalmente os de outras ordens religiosas. Em sua obra *Oratória barroca de Vieira*, ela afirma:

Geravam-se com frequência, casos de rivalidade e lutas publicas entre os pregadores, sobretudo desordens diferentes a que pertenciam, constituindo a polêmica matéria de sermões. São visados e até satirizados os pregadores corteões, tidos como exibicionistas, literatos, sedutores, sem escrúpulos, ignorantes e oradores deficientes<sup>181</sup>.

Por isso, Vieira prossegue sua mensagem fazendo louvores aos peixes pela sua conduta, porque os peixes nunca ofendem a Deus, não falam, não se lembram, não discorrem e não querem. Portanto, não pecam pelas palavras que proferem, nem muito menos pela memória lembrada, pelo entendimento discorrido ou pela vontade manifesta. Desse modo, se os pregadores seguissem o exemplo dos peixes, com certeza estariam sendo o sal da terra, mas como são completamente o contrário daquilo que os peixes são, Vieira elogia os peixes, pedindo para que louvassem a Deus, conforme segue no último parágrafo da mensagem:

Benedicite, cete et omnia quae moventur in aquis, Domino: «Louvai, peixes, a Deus, os grandes e os pequenos», e repartidos em dois coros tão inumeráveis, louvai-o todos uniformemente. Louvai a Deus, porque vos criou em tanto número. Louvai a Deus, que vos distinguiu em tantas espécies; louvai a Deus, que vos vestiu de tanta variedade e formosura; louvai a Deus, que vos habilitou de todos os instrumentos necessários à vida; louvai a Deus, que vos deu um elemento tão largo e tão puro; louvai a Deus, que, vindo a este Mundo, viveu entre vós, e chamou para si aqueles que convosco e de vós viviam; louvai a Deus, que vos sustenta; louvai a Deus, que vos conserva; louvai a Deus, que vos multiplica; louvai a Deus, enfim, servindo e sustentando ao homem, que é o fim para que vos criou; e assim como no princípio vos deu sua bênção,

<sup>181</sup> MENDES, Margarida Vieira. *A Oratória barroca de Vieira*. Lisboa: Editorial Caminho. 1989, p. 75.

vo-la dê também agora. Amen. Como não sois capazes de Glória, nem de Graça, não acaba o vosso Sermão em Graça e Glória<sup>182</sup>.

Vieira pede para os peixes louvarem a Deus porque este os fez inumeráveis, e inumeráveis em espécies, deu-lhes indumentária variada e formosa, habilitou esses seres de todos os instrumentos necessários para a vida, ainda um mar tão imenso com água tão pura, também elegeu os apóstolos que viviam com os peixes os sustentavam com esses mesmos peixes. Deus os sustenta, conserva e multiplica além de os ter criado para um fim: sustentar os homens.

Portanto, essa mensagem deixou claro os argumentos utilizados por Vieira em favor dos índios. Também vale ressaltar que seu discurso está entrelaçado aos aspectos morais para a sociedade, portanto, *o sermão de Santo Antônio aos Peixes*, torna-se um tesouro tanto literário quanto religioso, causando um impacto interessante na cultura. Embora feito tendo como principal objetivo a pregação, a oralidade, que era o principal meio de comunicação da época, não deixou de ter sua importância. Conforme afirmou João Francisco Marques:

Ainda que os autógrafos dos discursos parenéticos do Padre Antonio Vieira tenham desaparecido, os sermoens, por si escritos e preparados para impressão definitiva, avultam como um tesouro cultural e religioso único. Não deixa, porém, de intrigar que, no juízo do pregador, gloria cimeira da Companhia de Jesus em Portugal, essas jóias literárias destinadas prioritariamente à oralidade do púlpito, o mais influente meio de comunicação da época<sup>183</sup>.

Isso mostra os motivos que esses documentos são estudados ainda nos dias de hoje nas escolas e também

---

<sup>182</sup> VIEIRA, 2013, p. 50.

<sup>183</sup> MARQUES, João Francisco. *Obra completa Padre Antonio Vieira*. Tomo II, Volume I. Sermões do Advento, do Natal e da Epifania. Edições Loyola, São Paulo, 2014, p. 9.



## CONCLUSÃO

Os assuntos abordados nesta dissertação nos ajudam a perceber que os escritos do Padre Antônio Vieira não podem ser deixados de lado quando se trata dos estudos de literatura e religião. O conteúdo destes escritos é primeiramente religioso, por se tratar de um jesuíta que vivia a serviço da Igreja Católica, mas também literário, pelo fato de ser um dos principais representantes da literatura Luso-brasileira e pelo seu estilo de escrita. Os recursos literários formaram a base utilizada por Vieira para construir seu pensamento, documentado em seus sermões, ainda que seu objetivo principal não fosse fazer literatura.

O Padre Antônio Vieira foi uma figura pública e com intensa participação em seu trabalho religioso e político. Os seus sermões e cartas despertaram grande interesse da parte daqueles que o conheceram e que tiveram contato com sua obra de padre, pregador e literário. Quando, ao final de sua vida intensa e promissora, no final do século XVII, ele decidiu deixar à posteridade esses “escritos” organizados para possíveis edições, tomou-se contato com uma riqueza literária e histórica com fortes e definidas marcas estéticas do Barroco. Casam-se, no caso de Padre Antônio Vieira, o papel do fortuito com a determinação de um religioso de deixar o registro de uma vida dedicada a uma obra que, sem querer ser “literária”, pois era de serviço religioso, foi tão especial em sua produção e estruturação, reunindo características estéticas, que passou à História da Literatura como exemplo de fina escrita literária.

Apesar de complexo e exaustivo, suas obras e principalmente o *Sermão de Santo Antonio aos Peixes* demonstram os pensamentos e propósitos de Vieira. Por meio desse sermão, percebemos onde estava realmente o coração de Vieira, um homem que nasceu em Portugal, mas viveu a maior parte da sua vida no Brasil. Contudo, ele foi mais brasileiro do que português, pelo simples fato de defender o Brasil e escolher permanecer nele depois de adulto. Ele tinha toda chance de voltar e viver em Portugal, mas escolheu o Brasil para viver e onde proferiu a maior parte de seus sermões.

Por meio do sermão que analisamos, percebemos o quanto ele tinha poder de influência. Além de pregador religioso, era um articulador político que tinha um conhecimento profundo da Bíblia, de onde ele tirou toda a base para seus argumentos. Por ser um homem político, conseguia influenciar as pessoas para que as mesmas não só apoiassem seus discursos, mas também que o colocassem em prática. Foi assim que fez em todos os seus sermões e, principalmente, no sermão estudado, no qual utilizou a estrutura do sermão jesuíta, pois dominava de uma forma plena a estrutura, o eixo dorsal do método português de pregar, que



dava credibilidade ao seu discurso, e conteúdo, mostrando um domínio da palavra e do método oracional.

Entrelaçados a isso, o que também deu credibilidade ao seu discurso, foi a linguagem que utilizou. Vieira é estudado na literatura pelo fato de utilizar recursos da linguagem literária. Percebemos que o fato dele dominar a linguagem o fez completamente influenciador, conforme sabemos que quem domina o discurso, domina a massa. Em se tratando de Vieira, o mesmo conseguiu influenciar não só os religiosos seguidores do catolicismo como também, toda a sua geração e, por conseguinte, as gerações posteriores. É notório que sua mensagem causou um impacto muito grande na sociedade da sua época pelo fato de usar esses recursos para transmitir a sua palavra, mostrando aquilo que pensava através dos recursos literários disponíveis na sua época.

Desta forma, ao chegar à mensagem de Vieira, no sermão de *Santo Antonio aos Peixes*, percebemos como ele utiliza recursos literários e transmite o conteúdo que tinha em mente. Sua mensagem foi impactante e significativa para aquele período, tendo também causado desconforto na maioria que os ouvia. Sua mensagem trouxe um resultado significativo, pois mexeu com as estruturas políticas e sociais da sua época. Vieira direcionou sua mensagem para confrontar a prática de vida de todos, dos colonos e dos próprios pregadores, mostrando o que significa ser sal da terra e luz do mundo.

Diante do que analisamos na mensagem de Vieira no sermão de *Santo Antonio aos Peixes* percebemos a influência literária e religiosa do Padre Antônio na formação da literatura e fortalecimento da religião. Ficam claro os impactos que sua mensagem causou em seu contexto histórico com todos os recursos literários que o mesmo produziu. O Padre Vieira foi um homem importantíssimo no século XVIII, sendo ainda valorizado, admirado e estudado nos dias de hoje.

Fernando Pessoa chamava-o de Imperador da Língua Portuguesa devido à riqueza e qualidade das suas obras. Para além de todas as obras que escreveu, Vieira provocou um grande impacto no mundo devido aos seus feitos. Este defendeu os povos indígenas do Brasil, percorrendo fronteiras para conseguir com que a lei acerca dos escravos mudasse. Ele também defendeu os judeus convertidos, mais conhecidos por cristãos-novos, que eram perseguidos pela Inquisição. Tendo como objetivo principal dessa pesquisa foi identificar, no gênero sermão, como o padre Antônio Vieira, lançando mão dos recursos da retórica, transmitiu a sua mensagem. Com isso, chegamos a algumas conclusões conforme segue:

O sermão analisado apresenta substância literária, motivo pelo qual podem ser explorados nas aulas de Literatura brasileira e Literatura portuguesa ministradas tanto no ensino

médio quanto no ensino superior; A atemporalidade do texto perpassando pelos problemas sociais e religiosos existentes na sua época até os dias atuais; A análise do *corpus* também nos revelou uma relativização do “ser grande” porque os colonos eram grandes perante os índios, mas pequenos frente à Portugal; percebemos o impacto da mensagem de Vieira, mexendo com as estruturas do sistema colonial de sua época.



## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria do socorro Pereira de. *Sermão de Santo Antônio aos Peixes: uma leitura*. Rios Eletrônica, ano 3, n. 3, 2009.
- ALVES, Murilo Cavalcante. *A Bíblia como suporte metafórico-argumentativo da Retórica Sacra do Padre Antônio Vieira*. Caminhando (online), v. 21, n. 2, p. 127-146, 2016.
- AMORIN, Marília. *Cronotopo e exotopia*. In: BRAIT, Beth. Bakhtin: outros conceitos-chave. /Beth Brait (org.). São Paulo: Contexto, 2006.
- ARISTÓTELIS, *Retórica*. Lisboa, Imprensa Nacional- Casa da Moeda, 1998.
- ARRUDA, Lígia. *Sermão de Santo Antonio aos Peixes*. Prosa barroca. Edições Bonanza, Lisboa, 2001.
- BERARDINELLI, Cleonice. *Pretos, Índios e Judeus nos Sermões de Vieira*. In: Estudos sobre Vieira, João Adolfo Hansen; Adma Muhhana; Hélder Garmes (orgs). São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.
- BÍBLIA – *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.
- BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- \_\_\_\_\_. *História concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: cultrix, 1994.
- CÂNDICO, Antônio; CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da Literatura Brasileira*. 1976 p. 68.
- CÂNDIDO, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira*. Momentos decisivos. 6. Edição Belo Horizonte: editora Itatiaia Ltda, 2000.
- CASTRO, Aníbal Pinto. *Retórica e Teorização Literária em Portugal. Do humanismo ao Neoclassicismo*. Centro de estudos Românticos, 1973.
- CEREJA, William Roberto; MAGALHAES, Thereza Cochar. *Literatura Brasileira*. São Paulo: Editoria Atual, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Literatura Brasileira - Em Diálogo Com Outras Literaturas*. 5ª Ed. 2013 - Nova Ortografia. NICOLA, JOSE. Projeto Múltiplo - Literatura - Ensino Médio Scipione.
- CHAMBOOULEYRON, Rafael. *Vieira, vida e palavra*. In: uma missão tão encontrada dos interesses humanos. Jesuítas e portugueses na Amazônia seiscentista. São Paulo: Loyola, 2008.
- COMPAGNON, A. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Belo horizonte: editora UFMG, 2001.
- FARIA, Vanderlei Raimundo. *A companhia de Jesus*. Disponível em: <<http://www.historiabrasileira.com/brasil-colonia/companhia-de-jesus>>. Acesso em: 01 maio.

2017.

FERNANDES, Ana Isabel Ledesma. *Retórica e evangelização no sermão de santo antônio aos peixes de padre antônio vieira*. U. Porto, 2012.

FIGUEIREDO, Fidelino de. *História literária de Portugal (séc. XII-XX)*. Rio de Janeiro: Ed. Cultura, n/d.

GALLI, Maria Lúcia Peccioli. *Vós sois a luz do mundo e o sal da terra*. Santo Antônio nos sermões de Vieira. Campinas: Unicamp, 2003.

HANSEN, João Adolfo. *Maria ou a eternidade no tempo: obra completa Padre Antônio Vieira*. Tomo II. Volume VII. 1. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

\_\_\_\_\_. *Alegoria: Construção e Interpretação da metáfora*. 2 ed. São Paulo: Atual, 1987.

HANSEN, João Adolfo. *Ratio studiorum e política católica ibérica no século XVII*. In: VIDAL, Diana G.; HILSDORF, Maria Lúcia S. (Orgs.). *Tópicos em história da educação*. São Paulo, Edusp, 2001<sup>a</sup>.

HATZFELD, Helmut. *Estudos sobre o Barroco*. São Paulo: Perspectiva, 2002

HOONAERT, Eduardo. *Virada do século na América Latina*. In: *A teologia do padre Antônio Vieira Diante do sistema Colonial*. São Paulo: paulinas, 1984.

KLEIN, Luís Fernando. *Atualidade da pedagogia Jesuítica*. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

LAUSBERG, Heinrich - *Elementos de retórica literária*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1966.

LE MOS, Álida; RAMOM, Micaela. *Obra completa- Padre Antônio Vieira*. Tomo II, Volume II. Sermão da Sexagésima e sermões da Quaresma. São Paulo: Loyola, 2015.

LINHARES, Esdras Mendes. *Padre Vieira, o homem e o discurso*. Uma Leitura do Sermão do Bom Ladrão e do Sermão de Santo Antonio aos Peixes. Universidade Estadual de Maringá, PR. 2007.

LOPES, Marcos Antônio. *Antiguidades Modernas*. História e política em Antonio Vieira. Edições Loyola, São Paulo, 2008.

\_\_\_\_\_. *Antiguidades modernas*. História e política em Antônio Vieira. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 2008.

MARQUES, João Francisco. *Obra completa Padre Antonio Vieira*. Tomo II, Volume I. Sermões do Advento, do Natal e da Epifania. Edições Loyola, São Paulo, 2014

MARTINI, Marcus de. *As chaves do paraíso: profecia e alegoria na obra de Antônio Vieira*. Tese de doutorado. Santa Maria, RS 2011.

MENDES, Margarida Vieira. *A Oratória barroca de Vieira*. Editorial caminho. Lisboa, 1989.

MERQUIOR, José Guilherme. *De Anchieta a Euclides: breve história da literatura brasileira I*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.

MIGUEL, Jorge. *Análise comentada do Sermão de Santo Antônio aos Peixes de Padre Antônio Vieira*. São Paulo: DVS Editora, 2013.

PÉCORA, Alcir. *Teatro do sacramento*. 2.ª edição. Campinas: Unicamp/Edusp, 2008.

PÉCORA, Alcir. *Sermões*. Tomo I. São Paulo: Hedra, 2004.

PEREZ, Luana Castro Alves. “*Linguagem literária*”; Brasil Escola. Disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/literatura/linguagem-literaria.htm>>. Acesso em: 01 maio. 2017.

PESSOA, Fernando. *Mensagem*. Lisboa: Parceria António Maria Pereira. Lisboa: Ática, 10ª ed. 1934 e 1972.

Sermão de Santo Antonio aos Peixes. Disponível em: <<https://atena2010.wordpress.com/2011/05/23/sermao-de-santo-antonio-aos-peixes-antonio-vieira>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Literatura brasileira*. Rio de Janeiro. Graphia Editorial, 2002.

VAINFAS, Ronaldo. *Antônio Vieira: jesuíta do rei*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

VIEIRA, Antônio. *Seleções de sermos de Padre Antônio Vieira*. São Paulo: Melhoramentos, 2013.

## ANEXO - Sermão de Santo Antonio aos Peixes

**Sermão de Santo Antonio**

Pregado em S. Luís do Maranhão, três dias antes de se embarcar ocultamente para o Reino.

*Vos estis sal terrae.* S. Mateus, V, 13.

I

Vós, diz Cristo, Senhor nosso, falando com os pregadores, sois o sal da terra: e chama-lhes sal da terra, porque quer que façam na terra o que faz o sal. O efeito do sal é impedir a corrupção; mas quando a terra se vê tão corrupta como está a nossa, havendo tantos nela que têm ofício de sal, qual será, ou qual pode ser a causa desta corrupção? Ou é porque o sal não salga, ou porque a terra se não deixa salgar. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores não pregam a verdadeira doutrina; ou porque a terra se não deixa salgar e os ouvintes, sendo verdadeira a doutrina que lhes dão, a não querem receber. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores dizem uma coisa e fazem outra; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes querem antes imitar o que eles fazem, que fazer o que dizem. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores se pregam a si e não a Cristo; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes, em vez de servir a Cristo, servem a seus apetites. Não é tudo isto verdade? Ainda mal!

Suposto, pois, que ou o sal não salgue ou a terra se não deixe salgar; que se há-de fazer a este sal e que se há-de fazer a esta terra? O que se há-de fazer ao sal que não salga, Cristo o disse logo: *Quod si sal evanuerit, in quo salietur? Ad nihilum valet ultra, nisi ut mittatur foras et conculcetur ab hominibus.* «Se o sal perder a substância e a virtude, e o pregador faltar à doutrina e ao exemplo, o que se lhe há-de fazer, é lançá-lo fora como inútil para que seja pisado de todos». Quem se atrevera a dizer tal coisa, se o mesmo Cristo a não pronunciara? Assim como não há quem seja mais digno de reverência e de ser posto sobre a cabeça que o pregador que ensina e faz o que deve, assim é merecedor de todo o desprezo e de ser metido debaixo dos pés, o que com a palavra ou com a vida prega o contrário.

Isto é o que se deve fazer ao sal que não salga. E à terra que se não deixa salgar, que se lhe há-de fazer? Este ponto não resolveu Cristo, Senhor nosso, no Evangelho; mas temos sobre ele a resolução do nosso grande português Santo António, que hoje celebramos, e a mais galharda e gloriosa resolução que nenhum santo tomou.

Pregava Santo António em Itália na cidade de Arimino, contra os hereges, que nela eram muitos; e como erros de entendimento são dificultosos de arrancar, não só não fazia fruto o santo, mas chegou o povo a se levantar contra ele e faltou pouco para que lhe não tirassem a vida. Que faria neste caso o ânimo generoso do grande António? Sacudiria o pó dos sapatos, como Cristo aconselha em outro lugar? Mas António com os pés descalços não podia fazer esta proeza; e uns pés a que se não pegou nada da terra não tinham que sacudir. Que faria logo? Retirar-se-ia? Calar-se-ia? Dissimularia? Daria tempo ao tempo? Isso ensinaria porventura a prudência ou a covardia humana; mas o zelo da glória divina, que ardia naquele peito, não se rendeu a semelhantes partidos. Pois que fez? Mudou somente o púlpito e o auditório, mas não desistiu da doutrina. Deixa as praças, vai-se às praias; deixa a terra, vai-se ao mar, e começa a dizer a altas vozes: Já que me não querem ouvir os homens, ouçam-me os peixes. Oh maravilhas do Altíssimo! Oh poderes do que criou o mar e a terra! Começam a ferver as ondas, começam a concorrer os peixes, os grandes, os maiores, os pequenos, e postos todos por sua ordem com as cabeças de fora da água, António pregava e eles ouviam.

Se a Igreja quer que preguemos de Santo António sobre o Evangelho, dê-nos outro. *Vos estis sal terrae*: É muito bom texto para os outros santos doutores; mas para Santo António vem-lhe muito curto. Os outros santos doutores da Igreja foram sal da terra; Santo António foi sal da terra e foi sal do mar. Este é o assunto que eu tinha para tomar hoje. Mas há muitos dias que tenho metido no pensamento que, nas festas dos santos, é melhor pregar como eles, que pregar



deles. Quanto mais que o são da minha doutrina, qualquer que ele seja tem tido nesta terra uma fortuna tão parecida à de Santo António em Arimino, que é força segui-la em tudo. Muitas vezes vos tenho pregado nesta igreja, e noutras, de manhã e de tarde, de dia e de noite, sempre com doutrina muito clara, muito sólida, muito verdadeira, e a que mais necessária e importante é a esta terra para emenda e reforma dos vícios que a corrompem. O fruto que tenho colhido desta doutrina, e se a terra tem tomado o sal, ou se tem tomado dele, vós o sabeis e eu por vós o sinto.

Isto suposto, quero hoje, à imitação de Santo António, voltar-me da terra ao mar, e já que os homens se não aproveitam, pregar aos peixes. O mar está tão perto que bem me ouvirão. Os demais podem deixar o sermão, pois não é para eles. Maria, quer dizer, *Domina maris*: «Senhora do mar»; e posto que o assunto seja tão desusado, espero que me não falte com a costumada graça. *Ave Maria*.

## II

Enfim, que havemos de pregar hoje aos peixes? Nunca pior auditório. Ao menos têm os peixes duas boas qualidades de ouvintes: ouvem e não falam. Uma só cousa pudera desconsolar ao pregador, que é serem gente os peixes que se não há-de converter. Mas esta dor é tão ordinária, que já pelo costume quase se não sente. Por esta causa não falarei hoje em Céu nem Inferno; e assim será menos triste este sermão, do que os meus parecem aos homens, pelos encaminhar sempre à lembrança destes dois fins.

*Vos estis sal terrae*. Haveis de saber, irmãos peixes, que o sal, filho do mar como vós, tem duas propriedades, as quais em vós mesmos se experimentam: conservar o são e preservá-lo para que se não corrompa. Estas mesmas propriedades tinham as pregações do vosso pregador Santo António, como também as devem ter as de todos os pregadores. Uma é louvar o bem, outra repreender o mal: louvar o bem para o conservar e repreender o mal para preservar dele. Nem cuideis que isto pertence só aos homens, porque também nos peixes tem seu lugar. Assim o diz o grande Doutor da Igreja S. Basílio: *Non carpere solum, reprehendereque possumus pisces, sed sunt in illis, et quae prosequenda sunt imitatione*: «Não só há que notar, diz o Santo, e que repreender nos peixes, senão também que imitar e louvar». Quando Cristo comparou a sua Igreja à rede de pescar, *Sagena missae in mare*, diz que os pescadores «recolheram os peixes bons e lançaram fora os maus»: *Elegerunt bonos in vasa, malos autem foras miserunt*. E onde há bons e maus, há que louvar e que repreender. Suposto isto, para que procedamos com clareza, dividirei, peixes, o vosso sermão em dois pontos: no primeiro louvar-vos-ei as vossas virtudes, no segundo repreender-vos-ei os vossos vícios. E desta maneira satisfaremos às obrigações do sal, que melhor vos está ouvi-las vivos, que experimentá-las depois de mortos.

Começando pois, pelos vossos louvores, irmãos peixes, bem vos pudera eu dizer que entre todas as criaturas viventes e sensitivas, vós fostes as primeiras que Deus criou. A vós criou primeiro que as aves do ar, a vós primeiro que aos animais da terra e a vós primeiro que ao mesmo homem. Ao homem deu Deus a monarquia e o domínio de todos os animais dos três elementos, e nas provisões em que o honrou com estes poderes, os primeiros nomeados foram os peixes: *Ut praesit piscibus maris et volatilibus caeli, et bestiis, universaeque terrae*. Entre todos os animais do Mundo, os peixes são os mais e os peixes os maiores. Que comparação têm em número as espécies das aves e as dos animais terrestres com as dos peixes? Que comparação na grandeza o elefante com a baleia? Por isso Moisés, cronista da criação, calando os nomes de todos os animais, só a ela nomeou pelo seu: *Creavit Deus cete grandia*. E os três músicos da fornalha da Babilónia o cantaram também como singular entre todos: *Benedicite, cete et omnia quae moventur in aquis, Domino*. Estes e outros louvores, estas e outras excelências de vossa geração e grandeza vos pudera dizer, ó peixes; mas isto é lá para os homens, que se deixam levar destas vaidades, e é também para os lugares em que tem lugar a adulação, e não para o púlpito.



Vindo pois, irmãos, às vossas virtudes, que são as que só podem dar o verdadeiro louvor, a primeira que se me oferece aos olhos hoje, é aquela obediência com que, chamados, acudistes todos pela honra de vosso Criador e Senhor, e aquela ordem, quietação e atenção com que ouvistes a palavra de Deus da boca de seu servo António. Oh grande louvor verdadeiramente para os peixes e grande afronta e confusão para os homens! Os homens perseguindo a António, querendo-o lançar da terra e ainda do Mundo, se pudessem, porque lhes repreendia seus vícios, porque lhes não queria falar à vontade e condescender com seus erros, e no mesmo tempo os peixes em inumerável concurso acudindo à sua voz, atentos e suspensos às suas palavras, escutando com silêncio e com sinais de admiração e assenso (como se tiveram entendimento) o que não entendiam. Quem olhasse neste passo para o mar e para a terra, e visse na terra os homens tão furiosos e obstinados e no mar os peixes tão quietos e tão devotos, que havia de dizer? Poderia cuidar que os peixes irracionais se tinham convertido em homens, e os homens não em peixes, mas em feras. Aos homens deu Deus uso de razão, e não aos peixes; mas neste caso os homens tinham a razão sem o uso, e os peixes o uso sem a razão.

Muito louvor mereceis, peixes, por este respeito e devoção que tivestes aos pregadores da palavra de Deus, e tanto mais quanto não foi só esta a vez em que assim o fizestes. Ia Jonas, pregador do mesmo Deus, embarcado em um navio, quando se levantou aquela grande tempestade; e como o trataram os homens, como o trataram os peixes? Os homens lançaram-no ao mar a ser comido dos peixes, e o peixe que o comeu, levou-o às praias de Nínive, para que lá pregasse e salvasse aqueles homens. É possível que os peixes ajudam à salvação dos homens, e os homens lançam ao mar os ministros da salvação?! Vede, peixes, e não vos venha vanglória, quanto melhores sois que os homens. Os homens tiveram entranhas para deitar Jonas ao mar, e o peixe recolheu nas entranhas a Jonas, para o levar vivo à terra.

Mas porque nestas duas acções teve maior parte a onipotência que a natureza (como também em todas as milagrosas que obram os homens) passo às virtudes naturais e próprias vossas. Falando dos peixes, Aristóteles diz que só eles, entre todos os animais, se não domam nem domesticam. Dos animais terrestres o cão é tão doméstico, o cavalo tão sujeito, o boi tão serviçal, o bugio tão amigo ou tão lisonjeiro, e até os leões e os tigres com arte e benefícios se amansam. Dos animais do ar, afora aquelas aves que se criam e vivem connosco, o papagaio nos fala, o rouxinol nos canta, o açor nos ajuda e nos recreia; e até as grandes aves de rapina, encolhendo as unhas, reconhecem a mão de quem recebem o sustento. Os peixes, pelo contrário, lá se vivem nos seus mares e rios, lá se mergulham nos seus pegos, lá se escondem nas suas grutas, e não há nenhum tão grande que se fie do homem, nem tão pequeno que não fuja dele. Os autores comumente condenam esta condição dos peixes, e a deitam à pouca docilidade ou demasiada bruteza; mas eu sou de mui diferente opinião. Não condeno, antes louvo muito aos peixes este seu retiro, e me parece que, se não fora natureza, era grande prudência. Peixes! Quanto mais longe dos homens, tanto melhor; trato e familiaridade com eles, Deus vos livre! Se os animais da terra e do ar querem ser seus familiares, façam-no muito embora, que com suas pensões o fazem. Cante-lhes aos homens o rouxinol, mas na sua gaiola; diga-lhes ditos o papagaio, mas na sua cadeia; vá com eles à caça o açor, mas nas suas piozes; faça-lhes bufonarias o bugio, mas no seu cepo; contente-se o cão de lhes roer um osso, mas levado onde não quer pela trela; preze-se o boi de lhe chamarem formoso ou fidalgo, mas com o jugo sobre a cerviz, puxando pelo arado e pelo carro; glorie-se o cavalo de mastigar freios dourados, mas debaixo da vara e da espora; e se os tigres e os leões lhe comem a ração da carne que não caçaram no bosque, sejam presos e encerrados com grades de ferro. E entretanto vós, peixes, longe dos homens e fora dessas cortesias, vivereis só convosco, sim, mas como peixe na água. De casa e das portas a dentro tendes o exemplo de toda esta verdade, o qual vos quero lembrar, porque há filósofos que dizem que não tendes memória.

No tempo de Noé sucedeu o dilúvio que cobriu e alagou o Mundo, e de todos os animais quais livraram melhor? Dos leões escaparam dois, leão e leoa, e assim dos outros animais da terra;

das águias escaparam duas, fêmea e macho, e assim das outras aves. E dos peixes? Todos escaparam, antes não só escaparam todos, mas ficaram muito mais largos que dantes, porque a terra e o mar tudo era mar. Pois se morreram naquele universal castigo todos os animais da terra e todas as aves, porque não morreram também os peixes? Sabeis porquê? Diz Santo Ambrósio: porque os outros animais, como mais domésticos ou mais vizinhos, tinham mais comunicação com os homens, os peixes viviam longe e retirados deles. Facilmente pudera Deus fazer que as águas fossem venenosas e matassem todos os peixes, assim como afogaram todos os outros animais. Bem o experimentais na força daquelas ervas com que, infeccionados os poços e lagos, a mesma água vos mata; mas como o dilúvio era um castigo universal que Deus dava aos homens por seus pecados, e ao Mundo pelos pecados dos homens, foi altíssima providência da divina Justiça que nele houvesse esta diversidade ou distinção, para que o mesmo Mundo visse que da companhia dos homens lhe viera todo o mal; e que por isso os animais que viviam mais perto deles, foram também castigados e os que andavam longe ficaram livres.

Vede, peixes, quão grande bem é estar longe dos homens. Perguntando um grande filósofo qual era a melhor terra do Mundo, respondeu que a mais deserta, porque tinha os homens mais longe. Se isto vos pregou também Santo António – e foi este um dos benefícios de que vos exortou a dar graças ao Criador – bem vos pudera alegar consigo, que quanto mais buscava a Deus, tanto mais fugia dos homens. Para fugir dos homens deixou a casa de seus pais e se recolheu a uma religião, onde professasse perpétua clausura. E porque nem aqui o deixavam os que ele tinha deixado, primeiro deixou Lisboa, depois Coimbra, e finalmente Portugal. Para fugir e se esconder dos homens mudou o hábito, mudou o nome, e até a si mesmo se mudou, ocultando sua grande sabedoria debaixo da opinião de idiota, com que não fosse conhecido nem buscado, antes deixado de todos, como lhe sucedeu com seus próprios irmãos no capítulo geral de Assis. De ali se retirou a fazer vida solitária em um ermo, do qual nunca saíra, se Deus como por força o não manifestara e por fim acabou a vida em outro deserto, tanto mais unido com Deus, quanto mais apartado dos homens.

### III

Este é, peixes, em comum o natural que em todos vós louvo, e a felicidade de que vos dou o parabém, não sem inveja. Descendo ao particular, infinita matéria fora se houvera de discorrer pelas virtudes de que o Autor da natureza a dotou e fez admirável em cada um de vós. De alguns somente farei menção. E o que tem o primeiro lugar entre todos, como tão celebrado na Escritura, é aquele santo peixe de Tobias a quem o texto sagrado não dá outro nome que de grande, como verdadeiramente o foi nas virtudes interiores, em que só consiste a verdadeira grandeza. Ia Tobias caminhando com o anjo S. Rafael, que o acompanhava, e descendo a lavar os pés do pó do caminho nas margens de um rio, eis que o investe um grande peixe com a boca aberta em acção de que o queria tragar. Gritou Tobias assombrado, mas o anjo lhe disse que pegasse no peixe pela barbatana e o arrastasse para terra; que o abrisse e lhe tirasse as entranhas e as guardasse, porque lhe haviam de servir muito. Fê-lo assim Tobias, e perguntando que virtude tinham as entranhas daquele peixe que lhe mandara guardar, respondeu o anjo que o fel era bom para sarar da cegueira e o coração para lançar fora os demónios: *Cordis eius particulam, si super carbones ponas, fumus eius extricat omne genus daemoniorum: et fel valet ad unguendos oculos, in quibus fuerit albugo, et sanabuntur*. Assim o disse o anjo, e assim o mostrou logo a experiência, porque, sendo o pai de Tobias cego, aplicando-lhe o filho aos olhos um pequeno do fel, cobrou inteiramente a vista; e tendo um demónio, chamado Asmodeu, morto sete maridos a Sara, casou com ela o mesmo Tobias; e queimando na casa parte do coração, fugiu dali o Demónio e nunca mais tornou. De sorte que o fel daquele peixe tirou a cegueira a Tobias, o velho, e lançou os demónios de casa a Tobias, o moço. Um peixe de tão bom coração e de tão proveitoso fel, quem o não louvará mais? Certo que se a este peixe o vestiram de burel e o ataram com uma corda, parecia um retrato marítimo de Santo António.

Abria Santo António a boca contra os hereges, e enviava-se a eles, levado do fervor e zelo da fé e glória divina. E eles que faziam? Gritavam como Tobias e assombravam-se com aquele homem e cuidavam que os queria comer. Ah homens, se houvesse um anjo que vos revelasse qual é o coração desse homem e esse fel que tanto vos amarga, quão proveitoso e quão necessário vos é! Se vós lhe abrisseis esse peito e lhe vísseis as entranhas, como é certo que havíeis de achar e conhecer claramente nelas que só duas cousas pretende de vós, e convosco: uma é alumiar e curar vossas cegueiras, e outra lançar-vos os demónios fora de casa.

Pois a quem vos quer tirar as cegueiras, a quem vos quer livrar dos demónios perseguis vós?! Só uma diferença havia entre Santo António e aquele peixe: que o peixe abriu a boca contra quem se lavava, e Santo António abria a sua contra os que se não queriam lavar.

Ah moradores do Maranhão, quanto eu vos pudera agora dizer neste caso! Abri, abri estas entranhas; vede, vede este coração. Mas ah sim, que me não lembrava! Eu não vos prego a vós, prego aos peixes.

Passando dos da Escritura aos da história natural, quem haverá que não louve e admire muito a virtude tão celebrada da rémora? No dia de um santo menor, os peixes menores devem preferir aos outros. Quem haverá, digo, que não admire a virtude daquele peixezinho tão pequeno no corpo e tão grande na força e no poder, que não sendo maior de um palmo, se se pega ao leme de uma nau da Índia, apesar das velas e dos ventos, e de seu próprio peso e grandeza, a prende e amarra mais que as mesmas âncoras, sem se poder mover, nem ir por diante? Oh se houvera uma rémora na terra, que tivesse tanta força como a do mar, que menos perigos haveria na vida e que menos naufrágios no Mundo!

Se alguma rémora houve na terra, foi a língua de Santo António, na qual, como na rémora, se verifica o verso de São Gregório Nazianzeno: *Lingua quidem parva est, sed viribus omnia vincit*. O Apóstolo Santiago, naquela sua eloquentíssima Epístola, compara a língua ao leme da nau e ao freio do cavalo. Uma e outra comparação juntas declaram maravilhosamente a virtude da rémora, a qual, pegada ao leme da nau, é freio da nau e leme do leme. E tal foi a virtude e força da língua de Santo António. O leme da natureza humana é o alvedrio, o piloto é a razão: mas quão poucas vezes obedecem à razão os ímpetos precipitados do alvedrio? Neste leme, porém, tão desobediente e rebelde, mostrou a língua de António quanta força tinha, como rémora, para domar a fúria das paixões humanas. Quantos, correndo fortuna na nau Soberba, com as velas inchadas do vento e da mesma soberba (que também é vento), se iam desfazer nos baixos, que já rebentavam por proa, se a língua de António, como rémora, não tivesse mão no leme, até que as velas se amainassem, como mandava a razão, e cessasse a tempestade de fora e a de dentro? Quantos, embarcados na nau Vingança, com a artilharia abocada e os botafogos acesos, corriam infunados a dar-se batalha, onde se queimariam ou deitariam a pique se a rémora da língua de António lhes não detivesse a fúria, até que, composta a ira e ódio, com bandeiras de paz se salvassem amigavelmente? Quantos, navegando na nau Cobiça, sobrecarregada até às gáveas e aberta com o peso por todas as costuras, incapaz de fugir, nem se defender, dariam nas mãos dos corsários com perda do que levavam e do que iam buscar, se a língua de António os não fizesse parar, como rémora, até que, aliviados da carga injusta, escapassem do perigo e tomassem porto? Quantos, na nau Sensualidade, que sempre navega com cerração, sem sol de dia, nem estrelas de noite, enganados do canto das sereias e deixando-se levar da corrente, se iriam perder cegamente, ou em Sila, ou em Caribdes, onde não aparecesse navio nem navegante, se a rémora da língua de António os não contivesse, até que esclarecesse a luz e se pusessem em vista.

Esta é a língua, peixes, do vosso grande pregador, que também foi rémora vossa, enquanto o ouvistes; e porque agora está muda (posto que ainda se conserva inteira) se vêem e choram na terra tantos naufrágios.

Mas para que da admiração de uma tão grande virtude vossa, passemos ao louvor ou inveja de outra não menor, admirável é igualmente a qualidade daquele outro peixezinho, a que os latinos

chamaram torpedo. Ambos estes peixes conhecemos cá mais de fama que de vista; mas isto têm as virtudes grandes, que quanto são maiores, mais se escondem. Está o pescador com a cana na mão, o anzol no fundo e a bóia sobre a água, e em lhe picando na isca o torpedo começa a lhe tremer o braço. Pode haver maior, mais breve e mais admirável efeito? De maneira que, num momento, passa a virtude do peixinho, da boca ao anzol, do anzol à linha, da linha à cana e da cana ao braço do pescador.

Com muita razão disse que este vosso louvor o havia de referir com inveja. Quem dera aos pescadores do nosso elemento, ou quem lhes pusera esta qualidade tremente, em tudo o que pescam na terra! Muito pescam, mas não me espanto do muito; o que me espanta é que pesquem tanto e que tremam tão pouco. Tanto pescar e tão pouco tremer!

Pudera-se fazer problema; onde há mais pescadores e mais modos e traças de pescar, se no mar ou na terra? E é certo que na terra. Não quero discorrer por eles, ainda que fora grande consolação para os peixes; baste fazer a comparação com a cana, pois é o instrumento do nosso caso. No mar, pescam as canas, na terra, as varas, (e tanta sorte de varas); pescam as ginetas, pescam as bengalas, pescam os bastões e até os ceptros pescam, e pescam mais que todos, porque pescam cidades e reinos inteiros. Pois é possível que, pescando os homens cousas de tanto peso, lhes não trema a mão e o braço?! Se eu pregara aos homens e tivera a língua de Santo António, eu os fizera tremer.

Vinte e dois pescadores destes se acharam acaso a um sermão de Santo António, e às palavras do Santo os fizeram tremer a todos de sorte que todos, tremendo, se lançaram a seus pés; todos, tremendo, confessaram seus furtos; todos, tremendo, restituíram o que podiam (que isto é o que faz tremer mais neste pecado que nos outros); todos enfim mudaram de vida e de ofício e se emendaram.

Quero acabar este discurso dos louvores e virtudes dos peixes com um, que não sei se foi ouvinte de Santo António e aprendeu dele a pregar. A verdade é que me pregou a mim, e se eu fora outro, também me convertera. Navegando de aqui para o Pará (que é bem não fiquem de fora os peixes da nossa costa), vi correr pela tona da água de quando em quando, a saltos, um cardume de peixinhos que não conhecia; e como me dissessem que os Portugueses lhe chamavam *quatro-olhos*, quis averiguar ocularmente a razão deste nome, e achei que verdadeiramente têm quatro olhos, em tudo cabais e perfeitos. Dá graças a Deus, lhe disse, e louva a liberalidade de sua divina providência para contigo; pois às águias, que são os lincees do ar, deu somente dois olhos, e aos lincees, que são as águias da terra, também dois; e a ti, peixinho, quatro.

Mais me admirei ainda, considerando nesta maravilha a circunstância do lugar. Tantos instrumentos de vista a um bichinho do mar, nas praias daquelas mesmas terras vastíssimas, onde permite Deus que estejam vivendo em cegueira tantos milhares de gentes há tantos séculos! Oh quão altas e incompreensíveis são as razões de Deus, e quão profundo o abismo de seus juízos!

Filosofando, pois, sobre a causa natural desta providência, notei que aqueles quatro olhos estão lançados um pouco fora do lugar ordinário, e cada par deles, unidos como os dois vidros de um relógio de areia, em tal forma que os da parte superior olham diretamente para cima, e os da parte inferior diretamente para baixo. E a razão desta nova arquitectura, é porque estes peixinhos, que sempre andam na superfície da água, não só são perseguidos dos outros peixes maiores do mar, senão também de grande quantidade de aves marítimas, que vivem naquelas praias; e como têm inimigos no mar e inimigos no ar, dobrou-lhes a natureza as sentinelas e deu-lhes dois olhos, que diretamente olhassem para cima, para se vigiarem das aves, e outros dois que diretamente olhassem para baixo, para se vigiarem dos peixes.

Oh que bem informara estes quatro olhos uma alma racional, e que bem empregada fora neles, melhor que em muitos homens! Esta é a pregação que me fez aquele peixinho, ensinando-me que, se tenho fé e uso da razão, só devo olhar diretamente para cima, e só diretamente para



baixo: para cima, considerando que há Céu, e para baixo, lembrando-me que há Inferno. Não me alegou para isso passo da Escritura; mas então me ensinou o que quis dizer David em um, que eu não entendia: *Averte oculos meos, ne videant vanitatem*. «Voltai-me, Senhor, os olhos, para que não vejam a vaidade».

Pois David não podia voltar os seus olhos para onde quisesse?! Do modo que ele queria, não. Ele queria voltados os seus olhos, de modo que não vissem a vaidade, e isto não o podia fazer neste Mundo, para qualquer parte que voltasse os olhos, porque neste Mundo «tudo é vaidade»: *Vanitas vanitatum et omnia vanitas*. Logo, para não verem os olhos de David a vaidade, havia-lhos de voltar Deus de modo que só vissem e olhassem para o outro Mundo em ambos seus hemisférios; ou para o de cima, olhando diretamente só para o Céu, ou para o de baixo, olhando diretamente só para o Inferno. E esta é a mercê que pedia a Deus aquele grande profeta, e esta a doutrina que me pregou aquele peixezinho tão pequeno.

Mas ainda que o Céu e o Inferno se não fez para vós, irmãos peixes, acabo, e dou fim a vossos louvores, com vos dar as graças do muito que ajudais a ir ao Céu, e não ao Inferno, os que se sustentam de vós. Vós sois os que sustentais as Cartuxas e os Buçacos, e todas as santas famílias, que professam mais rigorosa austeridade; vós os que a todos os verdadeiros cristãos ajudais a levar a penitência das quaesmas; vós aqueles com que o mesmo Cristo festejou a Páscoa as duas vezes que comeu com seus discípulos depois de ressuscitado. Prezem-se as aves e os animais terrestres de fazer esplêndidos e custosos os banquetes dos ricos, e vós gloriái-vos de ser companheiros do jejum e da abstinência dos justos! Tendes todos quantos sois tanto parentesco e simpatia com a virtude, que, proibindo Deus no jejum a pior e mais grosseira carne, concede o melhor e mais delicado peixe. E posto que na semana só dois se chamam vossos, nenhum dia vos é vedado. Um só lugar vos deram os astrólogos entre os signos celestes, mas os que só de vós se mantêm na terra, são os que têm mais seguros os lugares do Céu. Enfim, sois criaturas daquele elemento, cuja fecundidade entre todos é própria do Espírito Santo: *Spiritus Domini foecundabat aquas*.

Deitou-vos Deus a bênção, que crescêsseis e multiplicásseis; e para que o Senhor vos confirme essa bênção, lembrai-vos de não faltar aos pobres com o seu remédio. Entendei que no sustento dos pobres tendes seguros os vossos aumentos. Tomai o exemplo nas irmãs sardinhas. Porque cuidais que as multiplica o Criador em número tão inumerável? Porque são sustento de pobres. Os solhos e os salmões são muito contados, porque servem à mesa dos reis e dos poderosos; mas o peixe que sustenta a fome dos pobres de Cristo, o mesmo Cristo os multiplica e aumenta. Aqueles dois peixes companheiros dos cinco pães do deserto, multiplicaram tanto, que deram de comer a cinco mil homens. Pois se peixes mortos, que sustentam os pobres, multiplicam tanto, quanto mais e melhor o farão os vivos! Crescei, peixes, crescei e multiplicai, e Deus vos confirme a sua bênção.

#### IV

Antes, porém, que vos vades, assim como ouvistes os vossos louvores, ouvi também agora as vossas repreensões. Servir-vos-ão de confusão, já que não seja de emenda. A primeira coisa que me desedifica, peixes, de vós, é que vos comeis uns aos outros. Grande escândalo é este, mas a circunstância o faz ainda maior. Não só vos comeis uns aos outros, senão que os grandes comem os pequenos. Se fora pelo contrário, era menos mal. Se os pequenos comeram os grandes, bastara um grande para muitos pequenos; mas como os grandes comem os pequenos, não bastam cem pequenos, nem mil, para um só grande. Olhai como estranha isto Santo Agostinho: *Homines pravis, praeversisque cupiditatibus facti sunt, sicut pisces invicem se devorantes*: «Os homens com suas más e perversas cobiças, vêm a ser como os peixes, que se comem uns aos outros». Tão alheia cousa é, não só da razão, mas da mesma natureza, que sendo todos criados no mesmo elemento, todos cidadãos da mesma pátria e todos finalmente irmãos, vivais de vos comer! Santo Agostinho, que pregava aos homens, para encarecer a fealdade deste

escândalo, mostrou-lho nos peixes; e eu, que prego aos peixes, para que vejais quão feio e abominável é, quero que o vejais nos homens.

Olhai, peixes, lá do mar para a terra. Não, não: não é isso o que vos digo. Vós virais os olhos para os matos e para o sertão? Para cá, para cá; para a cidade é que haveis de olhar. Cuidais que só os Tapuias se comem uns aos outros? Muito maior açougue é o de cá, muito mais se comem os Brancos. Vedes vós todo aquele bulir, vedes todo aquele andar, vedes aquele concorrer às praças e cruzar as ruas; vedes aquele subir e descer as calçadas, vedes aquele entrar e sair sem quietação nem sossego? Pois tudo aquilo é andarem buscando os homens como hão-de comer e como se hão-de comer. Morreu algum deles, vereis logo tantos sobre o miserável a despedaçá-lo e comê-lo. Comem-no os herdeiros, comem-no os testamenteiros, comem-no os legatários, comem-no os acredores; comem-no os oficiais dos órfãos e os dos defuntos e ausentes; come-o o médico, que o curou ou ajudou a morrer; come-o o sangrador que lhe tirou o sangue; come-a a mesma mulher, que de má vontade lhe dá para a mortalha o lençol mais velho da casa; come-o o que lhe abre a cova, o que lhe tange os sinos, e os que, cantando, o levam a enterrar; enfim, ainda o pobre defunto o não comeu a terra, e já o tem comido toda a terra.

Já se os homens se comeram somente depois de mortos, parece que era menos horror e menos matéria de sentimento. Mas para que conheçais a que chega a vossa crueldade, considerai, peixes, que também os homens se comem vivos assim como vós. Vivo estava Job, quando dizia: *Quare persequimini me, et carnibus meis saturamini?* «Porque me perseguis tão desumanamente, vós, que me estais comendo vivo e fartando-vos da minha carne?» Quereis ver um Job destes?

Vede um homem desses que andam perseguidos de pleitos ou acusados de crimes, e olhai quantos o estão comendo. Come-o o meirinho, come-o o carcereiro, come-o o escrivão, come-o o solicitador, come-o o advogado, come-o o inquiridor, come-o a testemunha, come-o o julgador, e ainda não está sentenciado, já está comido. São piores os homens que os corvos. O triste que foi à forca, não o comem os corvos senão depois de executado e morto; e o que anda em juízo, ainda não está executado nem sentenciado, e já está comido.

E para que vejais como estes comidos na terra são os pequenos, e pelos mesmos modos com que vós comeis no mar, ouvi a Deus queixando-se deste pecado: *Nonne cognoscent omnes, qui operantur iniquitatem, qui devorunt plebem meam, ut cibum panis?* «Cuidais, diz Deus, que não há-de vir tempo em que conheçam e paguem o seu merecido aqueles que cometem a maldade?» E que maldade é esta, à qual Deus singularmente chama maldade, como se não houvera outra no Mundo? E quem são aqueles que a cometem? A maldade é comerem-se os homens uns aos outros, e os que a cometem são os maiores, que comem os pequenos: *Qui devorant plebem meam, ut cibum panis.*

Nestas palavras, pelo que vos toca, importa, peixes, que advertais muito outras tantas cousas, quantas são as mesmas palavras. Diz Deus que comem os homens não só o seu povo, senão declaradamente a sua plebe: *Plebem meam*, porque a plebe e os plebeus, que são os mais pequenos, os que menos podem e os que menos avultam na república, estes são os comidos. E não só diz que os comem de qualquer modo, senão que os engolem e os devoram: *Qui devorant*. Porque os grandes que têm o mando das cidades e das províncias, não se contenta a sua fome de comer os pequenos um por um, ou poucos a poucos senão que devoram e engolem os povos inteiros: *Qui devorant plebem meam*. E de que modo os devoram e comem? *Ut cibum panis*: não como os outros comeres, senão como pão.

A diferença que há entre o pão e os outros comeres, é que para a carne, há dias de carne, e para o peixe, dias de peixe, e para as frutas, diferentes meses no ano; porém o pão é comer de todos os dias, que sempre e continuamente se come: e isto é o que padecem os pequenos. São o pão quotidiano dos grandes; e assim como o pão se come com tudo, assim com tudo e em tudo são comidos os miseráveis pequenos, não tendo nem fazendo ofício em que os não carreguem, em

que os não multem, em que os não defraudem, em que os não comam, traguem e devorem: *Qui devorant plebem meam, ut cibum panis.*

Parece-vos bem isto, peixes? Representa-se-me que com o movimento das cabeças estais todos dizendo que não, e com olhardes uns para os outros, vos estais admirando e pasmando de que entre os homens haja tal injustiça e maldade! Pois isto mesmo é o que vós fazeis. Os maiores comeis os pequenos; e os muito grandes não só os comem um por um, senão os cardumes inteiros, e isto continuamente sem diferença de tempos, não só de dia, senão também de noite, às claras e às escuras, como também fazem os homens.

Se cuidais, porventura, que estas injustiças entre vós se toleram e passam sem castigo, enganais-vos. Assim como Deus as castiga nos homens, assim também por seu modo as castiga em vós. Os mais velhos, que me ouvís e estais presentes, bem vistes neste Estado, e quando menos ouviríeis murmurar aos passageiros nas canoas, e muito mais lamentar aos miseráveis remeiros delas, que os maiores que cá foram mandados, em vez de governar e aumentar o mesmo Estado, o destruíram; porque toda a fome que de lá traziam, a fartavam em comer e devorar os pequenos. Assim foi; mas, se entre vós se acham acaso alguns dos que, seguindo a esteira dos navios, vão com eles a Portugal e tornam para os mares pátrios, bem ouviriam estes lá no Tejo que esses mesmos maiores que cá comiam os pequenos, quando lá chegam, acham outros maiores que os comam também a eles. Este é o estilo da divina justiça tão antigo e manifesto, que até os Gentios o conheceram e celebraram:

*Vos quibus rector maris, atque terrae*

*Ius dedit magnum necis, atque vitae;*

*Ponite inflatos, tumidosque vultus;*

*Quidquid a vobis minor extimescit,*

*Maior hoc vobis dominus minatur.*

Notai, peixes, aquela definição de Deus: *Rector maris atque terrae*: «Governador do mar e da terra»; para que não duvideis que o mesmo estilo que Deus guarda com homens na terra, observa também convosco no mar. Necessário é logo que olheis por vós e que não façais pouco caso da doutrina que vos deu o grande Doutor da Igreja Santo Ambrósio, quando, falando convosco, disse: *Cave nedum alium insequeris, incidas in validiorem*: «Guarde-se o peixe que persegue o mais fraco para o comer, não se ache na boca do mais forte», que o engula a ele. Nós o vemos aqui cada dia. Vai o xaréu correndo atrás do bagre, como o cão após a lebre, e não vê o cego que lhe vem nas costas o tubarão com quatro ordens de dentes, que o há-de engolir de um bocado. E o que com maior elegância vos disse também Santo Agostinho: *Praedo minoris fit praeda maioris*. Mas não bastam, peixes, estes exemplos para que acabe de se persuadir a vossa gula, que a mesma crueldade que usais com os pequenos tem já aparelhado o castigo na voracidade dos grandes?

Já que assim o experimentais com tanto dano vosso, importa que de aqui por diante sejais mais repúblicos e zelosos do bem comum, e que este prevaleça contra o apetite particular de cada um, para que não suceda que, assim como hoje vemos a muitos de vós tão diminuídos, vos venhais a consumir de todo. Não vos bastam tantos inimigos de fora e tantos perseguidores tão astutos e pertinazes, quantos são os pescadores, que nem de dia nem de noite deixam de vos pôr em cerco e fazer guerra por tantos modos?! Não vedes que contra vós se emalham e entralham as redes, contra vós se tecem as nassas, contra vós se torcem as linhas, contra vós se dobram e farpam os anzóis, contra vós as físgas e os arpões? Não vedes que contra vós até as canas são lanças e as cortiças armas ofensivas? Não vos basta, pois, que tenhais tantos e tão armados inimigos de fora, senão que também vós de vossas portas a dentro o haveis de ser mais cruéis, perseguindo-vos com uma guerra mais que civil e comendo-vos uns aos outros? Cesse, cesse já, irmãos peixes, e tenha fim algum dia esta tão perniciosa discórdia; e pois vos chamei e sois irmãos, lembrai-vos das obrigações deste nome. Não estáveis vós muito quietos, muito



pacíficos e muito amigos todos, grandes e pequenos, quando vos pregava Santo António? Pois continuai assim, e sereis felizes.

Dir-me-eis (como também dizem os homens) que não tendes outro modo de vos sustentar. E de que se sustentam entre vós muitos que não comem os outros? O mar é muito largo, muito fértil, muito abundante, e só com o que bota às praias pode sustentar grande parte dos que vivem dentro nele. Comerem-se uns animais aos outros é voracidade e sevícia, e não estatuto da natureza. Os da terra e do ar, que hoje se comem, no princípio do Mundo não se comiam, sendo assim conveniente e necessário para que as espécies se multiplicassem. O mesmo foi (ainda mais claramente) depois do dilúvio, porque, tendo escapado somente dois de cada espécie, mal se podiam conservar, se se comessem. E finalmente no tempo do mesmo dilúvio, em que todos viveram juntos dentro na arca, o lobo estava vendo o cordeiro, o gavião a perdiz, o leão o gamo, e cada um aqueles em que se costuma cevar; e se acaso lá tiveram essa tentação, todos lhe resistiram e se acomodaram com a ração do paiol comum que Noé lhes repartia. Pois se os animais dos outros elementos mais cálidos foram capazes desta temperança, porque o não serão os da água? Enfim, se eles em tantas ocasiões, pelo desejo natural da própria conservação e aumento, fizeram da necessidade virtude, fazei-o vós também; ou fazei a virtude sem necessidade e será maior virtude.

Outra cousa muito geral, que não tanto me desedifica, quanto me lastima em muitos de vós é aquela tão notável ignorância e cegueira que em todas as viagens experimentam os que navegam para estas partes. Toma um homem do mar um anzol, ata-lhe um pedaço de pano cortado e aberto em duas ou três pontas, lança-o por um cabo delgado até tocar na água, e em o vendo o peixe, arremete cego a ele e fica preso e boqueando, até que, assim suspenso no ar, ou lançado no convés, acaba de morrer. Pode haver maior ignorância e mais rematada cegueira que esta? Enganados por um retalho de pano, perder a vida?

Dir-me-eis que o mesmo fazem os homens. Não vo-lo nego. Dá um exército batalha contra outro exército, metem-se os homens pelas pontas dos piques, dos chuços e das espadas, e porquê? Porque houve quem os engodou e lhes fez isca com dois retalhos de pano. A vaidade entre os vícios é o pescador mais astuto e que mais facilmente engana os homens. E que faz a vaidade? Põe por isco na ponta desses piques, desses chuços e dessas espadas dois retalhos de pano, ou branco, que se chama hábito de Malta, ou verde, que se chama de Avis. ou vermelho, que se chama de Cristo e de Santiago; e os homens, por chegarem a passar esse retalho de pano ao peito, não reparam em tragar e engolir o ferro. E depois que sucede? O mesmo que a vós. O que engoliu o ferro, ou ali, ou noutra ocasião ficou morto; e os mesmos retalhos de pano tornaram outra vez ao anzol para pescar outros.

Por este exemplo vos concedo, peixes, que os homens fazem o mesmo que vós, posto que me parece que não foi este o fundamento da vossa resposta ou escusa, porque cá no Maranhão, ainda que se derrame tanto sangue, não há exércitos, nem esta ambição de hábitos.

Mas nem por isso vos negarei que também cá se deixam pescar os homens pelo mesmo engano, menos honrada e mais ignoradamente. Quem pesca as vidas a todos os homens do Maranhão, e com quê? Um homem do mar com uns retalhos de pano. Vem um mestre de navio de Portugal com quatro varreduras das lojas, com quatro panos e quatro sedas, que já se lhes passou a era e não têm gasto; e que faz? Isca com aqueles trapos aos moradores da nossa terra: dá-lhes uma sacadela e dá-lhes outra, com que cada vez lhes sobe mais o preço; e os bonitos, ou os que querem parecer, todos esfaimados aos trapos, e ali ficam engasgados e presos, com dívidas de um ano para outro ano, e de uma safra para outra safra, e lá vai a vida. Isto não é encarecimento. Todos a trabalhar toda a vida, ou na roça, ou na cana, ou no engenho, ou no tabacal; e este trabalho de toda a vida, quem o leva? Não o levam os coches, nem as liteiras, nem os cavalos, nem os escudeiros, nem os pajens, nem os lacaios, nem as tapeçarias, nem as pinturas nem as baixelas, nem as jóias; pois em que se vai e despende toda a vida? No triste farrapo com que saem à rua, e para isso se matam todo o ano.

Não é isto, meus peixes, grande loucura dos homens com que vos escusais? Claro está que sim; nem vós o podeis negar. Pois se é grande loucura desperdiçar a vida por dois retalhos de pano, quem tem obrigação de se vestir; vós, a quem Deus vestiu do pé até à cabeça, ou de peles de tão vistosas e apropriadas cores, ou de escamas prateadas e doiradas, vestidos que nunca se rompem, nem gastam com o tempo, nem se variam ou podem variar com as modas; não é maior ignorância e maior cegueira deixardes-vos enganar ou deixardes-vos tomar pelo beijo com duas tirinhas de pano? Vede o vosso Santo António, que pouco o pode enganar o Mundo com essas vaidades. Sendo moço e nobre, deixou as galas de que aquela idade tanto se preza, trocou-as por uma loba de sarja e uma correia de cónego regrante; e depois que se viu assim vestido, parecendo-lhe que ainda era muito custosa aquela mortalha, trocou a sarja pelo burel e a correia pela corda. Com aquela corda e com aquele pano, pescou ele muitos, e só estes se não enganaram e foram sisudos.

V

Descendo ao particular, direi agora, peixes, o que tenho contra alguns de vós. E começando aqui pela nossa costa: no mesmo dia em que cheguei a ela, ouvindo os roncadores e vendo o seu tamanho, tanto me moveram o riso como a ira. É possível que sendo vós uns peixinhos tão pequenos, haveis de ser as roncas do mar?! Se, com uma linha de coser e um alfinete torcido, vos pode pescar um aleijado, porque haveis de roncar tanto? Mas por isso mesmo roncais. Dizei-me: o espadarte porque não ronca? Porque, ordinariamente, quem tem muita espada, tem pouca língua. Isto não é regra geral; mas é regra geral que Deus não quer roncadores e que tem particular cuidado de abater e humilhar aos que muito roncam. S. Pedro, a quem muito bem conheceram vossos antepassados, tinha tão boa espada, que ele só avançou contra um exército inteiro de soldados romanos; e se Cristo lha não mandara meter na bainha, eu vos prometo que havia de cortar mais orelhas que a de Malco. Contudo, que lhe sucedeu naquela mesma noite? Tinha roncado e barbateado Pedro que, se todos fraqueassem, só ele havia de ser constante até morrer se fosse necessário; e foi tanto pelo contrário, que só ele fraqueou mais que todos, e bastou a voz de uma mulherzinha para o fazer tremer e negar. Antes disso já tinha fraqueado na mesma hora em que prometeu tanto de si. Disse-lhe Cristo no horto que vigiasse, e vindo de aí a pouco a ver se o fazia, achou-o dormindo com tal descuido, que não só o acordou do sono, senão também do que tinha blasonado: *Sic non potuisti una hora vigilare mecum?* Vós, Pedro, sois o valente que havéis de morrer por mim, «e não pudestes uma hora vigiar comigo»? Pouco há, tanto roncar, e agora tanto dormir? Mas assim sucedeu. O muito roncar antes da ocasião, é sinal de dormir nela. Pois que vos parece, irmãos roncadores? Se isto sucedeu ao maior pescador, que pode acontecer ao menor peixe? Medi-vos, e logo vereis quão pouco fundamento tendes de blasonar, nem roncar.

Se as baleias roncaram, tinha mais desculpa a sua arrogância na sua grandeza. Mas ainda nas mesmas baleias não seria essa arrogância segura. O que é a baleia entre os peixes, era o gigante Golias entre os homens. Se o rio Jordão e o mar de Tiberíades têm comunicação com o Oceano, como devem ter, pois dele manam todos, bem deveis de saber que este gigante era a ronca dos Filisteus. Quarenta dias contínuos esteve armado no campo, desafiando a todos os arraiais de Israel, sem haver quem se lhe atrevesse; e no cabo, que fim teve toda aquela arrogância? Bastou um pastorzinho com um cajado e uma funda, para dar com ele em terra. Os arrogantes e soberbos tomam-se com Deus; e quem se toma com Deus, sempre fica debaixo. Assim que, amigos roncadores, o verdadeiro conselho é calar e imitar a Santo António. Duas cousas há nos homens, que os costumam fazer roncadores, porque ambas incham: o saber e o poder. Caifás roncava de saber: *Vos nescitis quidquam*. Pilatos roncava de poder: *Nescis quia potestatem habeo?* E ambos contra Cristo. Mas o fiel servo de Cristo, António, tendo tanto saber, como já vos disse, e tanto poder, como vós mesmos experimentastes, ninguém houve jamais que o ouvisse falar em saber ou poder, quanto mais blasonar disso. E porque tanto calou, por isso deu tamanho brado.

Nesta viagem, de que fiz menção, e em todas as que passei a Linha Equinocial, vi debaixo dela o que muitas vezes tinha visto e notado nos homens, e me admirou que se houvesse estendido esta ronha e pegado também aos peixes. Pegadores se chamam estes de que agora falo, e com grande propriedade, porque sendo pequenos, não só se chegam a outros maiores, mas de tal sorte se lhes pegam aos costados, que jamais os desferram. De alguns animais de menos força e indústria se conta que vão seguindo de longe aos leões na caça, para se sustentarem do que a eles sobeja. O mesmo fazem estes pegadores, tão seguros ao perto como aqueles ao longe; porque o peixe grande não pode dobrar a cabeça, nem voltar a boca sobre os que traz às costas, e assim lhes sustenta o peso e mais a fome.

Este modo de vida, mais astuto que generoso, se acaso se passou e pegou de um elemento a outro, sem dúvida que o aprenderam os peixes do alto, depois que os nossos Portugueses o navegaram; porque não parte vice-rei ou governador para as Conquistas, que não vá rodeado de pegadores, os quais se arrimam a eles, para que cá lhes matem a fome, de que lá não tinham remédio. Os menos ignorantes, desenganados da experiência, despegam-se e buscam a vida por outra via; mas os que se deixam estar pegados à mercê e fortuna dos maiores, vem-lhes a suceder no fim o que aos pegadores do mar.

Rodeia a nau o tubarão nas calmarias da Linha com os seus pegadores às costas, tão cerzidos com a pele, que mais parecem remendos ou manchas naturais, que os hóspedes ou companheiros. Lançam-lhe um anzol de cadeia com a ração de quatro soldados, arremessa-se furiosamente à presa, engole tudo de um bocado, e fica preso. Corre meia companhia a alá-lo acima, bate fortemente o convés com os últimos arrancos; enfim, morre o tubarão, e morrem com ele os pegadores.

Parece-me que estou ouvindo a S. Mateus, sem ser apóstolo pescador, descrevendo isto mesmo na terra. Morto Herodes, diz o Evangelista, apareceu o Anjo a José no Egípto, e disse-lhe que já se podia tornar para a pátria, porque «eram mortos todos aqueles que queriam tirar a vida ao Menino»: *Defuncti sunt enim qui quaerebant animam Pueri*. Os que queriam tirar a vida a Cristo menino, eram Herodes e todos os seus, toda a sua família, todos os seus aderentes, todos os que seguiam e pendiam da sua fortuna. Pois é possível que todos estes morressem juntamente com Herodes?! Sim: porque em morrendo o tubarão, morrem também com ele os pegadores: *Defuncto Herode, defuncti sunt qui quaerebant animam Pueri*.

Eis aqui, peixinhos ignorantes e miseráveis, quão errado e enganoso é este modo de vida que escolheste. Tomai o exemplo nos homens, pois eles o não tomam em vós, nem seguem, como deveram, o de Santo António.

Deus também tem os seus pegadores. Um destes era David, que dizia: *Mihi autem adhaerere Deo bonum est*. Peguem-se outros aos grandes da terra, que «eu só me quero pegar a Deus». Assim o fez também Santo António; e senão, olhai para o mesmo Santo, e vede como está pegado com Cristo e Cristo com ele. Verdadeiramente se pode duvidar qual dos dois é ali o pegador: e parece que é Cristo, porque o menor é sempre o que se pega ao maior, e o Senhor fez-se tão pequenino, para se pegar a António. Mas António também se fez menor, para se pegar mais a Deus. Daqui se segue, que todos os que se pegam a Deus, que é imortal, seguros estão de morrer como os outros pegadores. E tão seguros, que ainda no caso em que Deus se fez homem e morreu, só morreu para que não morressem todos os que se pegassem a ele: *Si ego me quaeritis, sinite hos abire*. «Se me buscais a mim, deixai ir a estes.» E posto que deste modo só se podem pegar os homens, e vós, meus peixezinhos, não, ao menos deveis imitar aos outros animais do ar e da terra, que quando se chegam aos grandes e se amparam do seu poder, não se pegam de tal sorte que morram juntamente com eles. Lá diz a Escritura daquela famosa árvore, em que era significado o grande Nabucodonosor, que todas as aves do céu descansavam sobre os seus ramos e todos os animais da terra se recolhiam à sua sombra, e uns e outros se sustentavam de seus frutos: mas também diz que, tanto que foi cortada esta árvore, as aves

voaram e os outros animais fugiram. Chegai-vos embora aos grandes; mas não de tal maneira pegados, que vos mateis por eles, nem morrais com eles.

Considerai, pegadores vivos, como morreram os outros que se pegaram àquele peixe grande, e porquê. O tubarão morreu porque comeu, e eles morreram pelo que não comeram. Pode haver maior ignorância que morrer pela fome e boca alheia? Que morra o tubarão porque comeu, matou-o a sua gula; mas que morra o pegador pelo que não comeu, é a maior desgraça que se pode imaginar! Não cuidei que também nos peixes havia pecado original. Nós os homens, fomos tão desgraçados, que outrem comeu e nós o pagamos. Toda a nossa morte teve princípio na gulodice de Adão e Eva; e que hajamos de morrer pelo que outrem comeu, grande desgraça! Mas nós lavamo-nos desta desgraça com uma pouca de água, e vós não vos podeis lavar da vossa ignorância com quanta água tem o mar.

Com os voadores tenho também uma palavra, e não é pequena a queixa. Dizei-me, voadores, não vos fez Deus para peixes? Pois porque vos meteis a ser aves? O mar fê-lo Deus para vós, e o ar para elas. Contentai-vos com o mar e com nadar, e não queirais voar, pois sois peixes. Se acaso vos não conheceis, olhai para as vossas espinhas e para as vossas escamas, e conhecereis que não sois aves, senão peixes, e ainda entre os peixes não dos melhores. Dir-me-eis, voador, que vos deu Deus maiores barbatanas que aos outros de vosso tamanho. Pois porque tivestes maiores barbatanas, por isso haveis de fazer das barbatanas asas?! Mas ainda mal, porque tantas vezes vos desengana o vosso castigo. Quisestes ser melhor que os outros peixes, e por isso sois mais mofino que todos. Aos outros peixes, do alto mata-os o anzol ou a fisga, a vós sem fisga nem anzol, mata-vos a vossa presunção e o vosso capricho. Vai o navio navegando e o marinheiro dormindo, e o voador toca na vela ou na corda, e cai palpitando. Aos outros peixes mata-os a fome e engana-os a isca; ao voador mata-o a vaidade de voar, e a sua isca é o vento. Quanto melhor lhe fora mergulhar por baixo da quilha e viver, que voar por cima das antenas e cair morto!

Grande ambição é que, sendo o mar tão imenso, lhe não basta a um peixe tão pequeno todo o mar, e queira outro elemento mais largo. Mas vedes, peixes, o castigo da ambição. O voador fê-lo Deus peixe, e ele quis ser ave, e permite o mesmo Deus que tenha os perigos de ave e mais os de peixe. Todas as velas para ele são redes, como peixe, e todas as cordas, laços, como ave. Vê, voador, como correu pela posta o teu castigo. Pouco há nadavas vivo no mar com as barbatanas, e agora jazes em um convés amortilhado nas asas. Não contente com ser peixe, quiseste ser ave, e já não és ave nem peixe; nem voar poderás já, nem nadar. A natureza deu-te a água, tu não quiseste senão o ar, e eu já te vejo posto ao fogo. Peixes, contente-se cada um com o seu elemento. Se o voador não quisera passar do segundo ao terceiro, não viera a parar no quarto. Bem seguro estava ele do fogo, quando nadava na água, mas porque quis ser borboleta das ondas, vieram-se-lhe a queimar as asas.

À vista deste exemplo, peixes, tomai todos na memória esta sentença: Quem quer mais do que lhe convém, perde o que quer e o que tem. Quem pode nadar e quer voar, tempo virá em que não voe nem nade. Ouvi o caso de um voador da terra: Simão Mago, a quem a arte mágica, na qual era famosíssimo, deu o sobrenome, fingindo-se que ele era o verdadeiro filho de Deus, sinalou o dia em que aos olhos de toda Roma havia de subir ao Céu, e com efeito começou a voar mui alto; porém a oração de S. Pedro, que se achava presente, voou mais depressa que ele, e caindo lá de cima o mago, não quis Deus que morresse logo, senão que aos olhos também de todos quebrasse, como quebrou, os pés.

Não quero que repareis no castigo, se não no género dele. Que caia Simão, está muito bem caído; que morra, também estaria muito bem morto, que o seu atrevimento e a sua arte diabólica o merecia. Mas que de uma queda tão alta não rebente, nem quebre a cabeça ou os braços, se não os pés?! Sim, diz S. Máximo, porque quem tem pés para andar e quer asas para voar, justo é que perca as asas e mais os pés. Elegantemente o Santo Padre: *Ut qui paulo ante volare tentaverat, subito ambulare non posset; et qui pennas assumpserat, plantas amitteret.* Se Simão



tem pés e quer asas, pode andar e quer voar; pois quebrem-se-lhe as asas para que não voe, e também os pés, para que não ande. Eis aqui, voadores do mar, o que sucede aos da terra, para que cada um se contente com o seu elemento. Se o mar tomara exemplo nos rios, depois que Ícaro se afogou no Danúbio não haveria tantos Ícaros no Oceano.

Oh alma de António, que só vós tivestes asas e voastes sem perigo, porque soubestes voar para baixo e não para cima! Já S. João viu no *Apocalipse* aquela mulher cujo ornato gastou todas as luzes ao Firmamento, e diz que «lhe foram dadas duas grandes asas de águia»: *Datae sunt mulieri alae duae aquilae magnae*. E para quê? *Ut volaret in desertum*: «Para voar ao deserto.» Notável cousa, que não de balde lhe chamou o mesmo Profeta grande maravilha. Esta mulher estava no Céu: *Signum magnum apparuit in caelo, mulier amicta sole*. Pois se a mulher estava no Céu e o deserto na terra, como lhe dão asas para voar ao deserto? Porque há asas para subir e asas para descer. As asas para subir são muito perigosas, as asas para descer muito seguras; e tais foram as de Santo António. Deram-se à alma de Santo António duas asas de águia, que foi aquela duplicada sabedoria natural e sobrenatural tão sublime, como sabemos. E ele que fez? Não estendeu as asas para subir, encolheu-as para descer; e tão encolhidas que, sendo a Arca do Testamento, era reputado, como já vos disse, por leigo e sem ciência. Voadores do mar (não falo com os da terra), imitai o vosso santo pregador. Se vos parece que as vossas barbatanas vos podem servir de asas, não as estendais para subir, porque vos não suceda encontrar com alguma vela ou algum costado; encolhei-as para descer, ide-vos meter no fundo em alguma cova; e se aí estiverdes mais escondidos, estareis mais seguros.

Mas já que estamos nas covas do mar, antes que saíamos delas, temos lá o irmão polvo, contra o qual têm suas queixas, e grandes, não menos que S. Basílio e Santo Ambrósio. O polvo com aquele seu capelo na cabeça, parece um monge; com aqueles seus raios estendidos, parece uma estrela; com aquele não ter osso nem espinha, parece a mesma brandura, a mesma mansidão. E debaixo desta aparência tão modesta, ou desta hipocrisia tão santa, testemunham constantemente os dois grandes Doutores da Igreja latina e grega, que o dito polvo é o maior traidor do mar. Consiste esta traição do polvo primeiramente em se vestir ou pintar das mesmas cores de todas aquelas cores a que está pegado. As cores, que no camaleão são gala, no polvo são malícia; as figuras, que em Proteu são fábula, no polvo são verdade e artifício. Se está nos limos, faz-se verde; se está na areia, faz-se branco; se está no lodo, faz-se pardo: e se está em alguma pedra, como mais ordinariamente costuma estar, faz-se da cor da mesma pedra. E daqui que sucede? Sucede que outro peixe, inocente da traição, vai passando desacomodado, e o salteador, que está de emboscada dentro do seu próprio engano, lança-lhe os braços de repente, e fá-lo prisioneiro. Fizera mais Judas? Não fizera mais, porque não fez tanto. Judas abraçou a Cristo, mas outros o prenderam; o polvo é o que abraça e mais o que prende. Judas com os braços fez o sinal, e o polvo dos próprios braços faz as cordas. Judas é verdade que foi traidor, mas com lanternas diante; traçou a traição às escuras, mas executou-a muito às claras. O polvo, escurecendo-se a si, tira a vista aos outros, e a primeira traição e roubo que faz, é a luz, para que não distinga as cores. Vê, peixe aleivoso e vil, qual é a tua maldade, pois Judas em tua comparação já é menos traidor!

Oh que excesso tão afrontoso e tão indigno de um elemento tão puro, tão claro e tão cristalino como o da água, espelho natural não só da terra, senão do mesmo céu! Lá disse o Profeta por encarecimento, que «nas nuvens do ar até a água é escura»: *Tenebrosa aqua in nubibus aeris*. E disse nomeadamente nas nuvens do ar, para atribuir a escuridade ao outro elemento, e não à água; a qual em seu próprio elemento é sempre clara, diáfana e transparente, em que nada se pode ocultar, encobrir nem dissimular. E que neste mesmo elemento se crie, se conserve e se exercite com tanto dano do bem público um monstro tão dissimulado, tão fingido, tão astuto, tão enganoso e tão conhecidamente traidor!

Vejo, peixes, que pelo conhecimento que tendes das terras em que batem os vossas mares, me estais respondendo e convindo, que também nelas há falsidades, enganamentos, fingimentos,

embustes, ciladas e muito maiores e mais perniciosas traições. E sobre o mesmo sujeito que defendeis, também podereis aplicar aos semelhantes outra propriedade muito própria; mas pois vós a calais, eu também a calo. Com grande confusão, porém, vos confesso tudo, e muito mais do que dizeis, pois não o posso negar. Mas ponde os olhos em António, vosso pregador, e vereis nele o mais puro exemplar da candura, da sinceridade e da verdade, onde nunca houve dolo, fingimento ou engano. E sabeis também que para haver tudo isto em cada um de nós, bastava antigamente ser português, não era necessário ser santo.

Tenho acabado, irmãos peixes, os vossos louvores e repreensões, e satisfeito, como vos prometi, às duas obrigações do sal, posto que do mar, e não da terra: *Vos estis sal terrae*. Só resta fazer-vos uma advertência muito necessária, para os que viveis nestes mares. Como eles são tão esparcelados e cheios de baixios, bem sabeis que se perdem e dão à costa muitos navios, com que se enriquece o mar e a terra se empobrece. Importa, pois, que advirtais, que nesta mesma riqueza tendes um grande perigo, porque todos os que se aproveitam dos bens dos naufragantes, ficam excomungados e malditos.

Esta pena de excomunhão, que é gravíssima, não se pôs a vós senão aos homens, mas tem mostrado Deus por muitas vezes, que quando os animais cometem materialmente o que é proibido por esta lei, também eles incorrem, por seu modo, nas penas dela, e no mesmo ponto começam a definhar, até que acabam miseravelmente.

Mandou Cristo a S. Pedro que fosse pescar, e que na boca do primeiro peixe que tomasse, acharia uma moeda, com que pagar certo tributo. Se Pedro havia de tomar mais peixe que este, suposto que ele era o primeiro, do preço dele e dos outros podia fazer o dinheiro com que pagar aquele tributo, que era de uma só moeda de prata, e de pouco peso. Com que mistério manda logo o Senhor que se tire da boca deste peixe e que seja ele o que morra primeiro que os demais? Ora estai atentos. Os peixes não batem moeda no fundo do mar, nem têm contratos com os homens, donde lhes possa vir dinheiro; logo, a moeda que este peixe tinha engolido, era de algum navio que fizera naufrágio naqueles mares. E quis mostrar o Senhor que as penas que S. Pedro ou seus sucessores fulminam contra os homens que tomam os bens dos naufragantes, também os peixes por seu modo as incorrem morrendo primeiro que os outros, e com o mesmo dinheiro que engoliram atravessado na garganta.

Oh que boa doutrina era esta para a terra, se eu não pregara para o mar! Para os homens não há mais miserável morte, que morrer com o alheio atravessado na garganta; porque é pecado de que o mesmo S. Pedro e o mesmo Sumo Pontífice não pode absolver. E posto que os homens incorrem a morte eterna, de que não são capazes os peixes, eles contudo apressam a sua temporal, como neste caso, se materialmente, como tenho dito, se não abstêm dos bens dos naufragantes.

## VI

Com esta última advertência vos despido, ou me despido de vós, meus peixes. E para que vades consolados do sermão, que não sei quando ouvireis outro, quero-vos aliviar de uma desconolação mui antiga, com que todos ficastes desde o tempo em que se publicou o *Levítico*. Na lei eclesiástica ou ritual do *Levítico*, escolheu Deus certos animais que lhe haviam de ser sacrificados; mas todos eles ou animais terrestres ou aves, ficando os peixes totalmente excluídos dos sacrifícios. E quem duvida que esta exclusão tão universal era digna de grande desconolação e sentimento para todos os habitantes de um elemento tão nobre, que mereceu dar a matéria ao primeiro sacramento? O motivo principal de serem excluídos os peixes, foi porque os outros animais podiam ir vivos ao sacrifício, e os peixes geralmente não, senão mortos; e cousa morta não quer Deus que se lhe ofereça, nem chegue aos seus altares. Também este ponto era muito importante e necessário aos homens, se eu lhes pregara a eles. Oh quantas almas chegam àquele altar mortas, porque chegam e não têm horror de chegar, estando em pecado mortal! Peixes, dai muitas graças a Deus de vos livrar deste perigo, porque melhor é não chegar ao sacrifício, que chegar morto. Os outros animais ofereçam a Deus o ser



sacrificados; vós ofereci-lhe o não chegar ao sacrifício; os outros sacrifiquem a Deus o sangue e a vida; vós sacrificai-lhe o respeito e a reverência.

Ah peixes, quantas invejas vos tenho a essa natural irregularidade! Quanto melhor me fora não tomar a Deus nas mãos, que tomá-lo indignamente! Em tudo o que vos excedo, peixes, vos reconheço muitas vantagens. A vossa bruteza é melhor que a minha razão e o vosso instinto melhor que o meu alvedrio. Eu falo, mas vós não ofendeis a Deus com as palavras; eu lembro-me, mas vós não ofendeis a Deus com a memória; eu discorro, mas vós não ofendeis a Deus com o entendimento; eu quero, mas vós não ofendeis a Deus com a vontade. Vós fostes criados por Deus, para servir ao homem, e conseguis o fim para que fostes criados; a mim criou-me para o servir a ele, e eu não consigo o fim para que me criou. Vós não haveis de ver a Deus, e podereis aparecer diante dele muito confiadamente, porque o não ofendestes; eu espero que o hei-de ver; mas com que rosto hei-de aparecer diante do seu divino acatamento, se não cesso de o ofender? Ah que quase estou por dizer que me fora melhor ser como vós, pois de um homem que tinha as mesmas obrigações, disse a Suma Verdade, que «melhor lhe fora não nascer homem»: *Si natus non fuisset homo ille*. E pois os que nascemos homens, respondemos tão mal às obrigações de nosso nascimento, contentai-vos, peixes, e dai muitas graças a Deus pelo vosso.

*Benedicite, cete et omnia quae moventur in aquis, Domino*: «Louvai, peixes, a Deus, os grandes e os pequenos», e repartidos em dois coros tão inumeráveis, louvai-o todos uniformemente. Louvai a Deus, porque vos criou em tanto número. Louvai a Deus, que vos distinguiu em tantas espécies; louvai a Deus, que vos vestiu de tanta variedade e formosura; louvai a Deus, que vos habilitou de todos os instrumentos necessários à vida; louvai a Deus, que vos deu um elemento tão largo e tão puro; louvai a Deus, que, vindo a este Mundo, viveu entre vós, e chamou para si aqueles que convosco e de vós viviam; louvai a Deus, que vos sustenta; louvai a Deus, que vos conserva; louvai a Deus, que vos multiplica; louvai a Deus, enfim, servindo e sustentando ao homem, que é o fim para que vos criou; e assim como no princípio vos deu sua bênção, vo-la dê também agora. Amen. Como não sois capazes de Glória, nem de Graça, não acaba o vosso Sermão em Graça e Glória.